PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

TANIA REGINA FERRI PRESCINOTTO

JUVENTUDE E RELIGIÃO NO ESPAÇO UNIVERSITÁRIO: cenários das opções religiosas de alunos do curso de pedagogia da Universidade Guarulhos

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

SÃO PAULO

2010

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

TANIA REGINA FERRI PRESCINOTTO

JUVENTUDE E RELIGIÃO NO ESPAÇO UNIVERSITÁRIO: cenários das opções religiosas de alunos do curso de pedagogia da Universidade Guarulhos

Dissertação apresentada à Banca examinadora como exigência parcial para obtenção do titulo de Mestre em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob orientação da Professora Doutora Maria José Fontelas Rosado Nunes.

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

SÃO PAULO

2010

ERRATAS

À página 20, no 2º parágrafo, "Cortejada pela mídia, disputada pelo comércio, cultivada em estufa pela escolarização estendida e afastada do contato com modelos tradicionais, a juventude se vê seduzida a adotar modelos de vida moldados por essa agência de socia lização".

À página 23, exclui-se o 1° parágrafo: "Segundo Jorge Cláudio..." duplicado.

À página 39, no 1º parágrafo, "Enquanto Durkheim (1989), quase que substancializa o poder da sociedade sobre o indivíduo, Simmel (1967), alarga a possibilidade de se pensar o sentimento religioso como fruto de uma experiência pessoal, decerto inscrita num conjunto de determinações sociais e culturais, mas não provocada diretamente por uma vivência coletiva específica. As contribuições dos dois autores abrem caminho para a passagem da fé prática à fé teologal, e vice-versa, na medida em que ambas se enraízam na experiência humana. Como nota Simmel (1967) as diferentes formas de fé (em outra pessoa, em si mesmo, em Deus) encontram-se tão relacionadas porque são variadas expressões (sociológicas) da mesma tensão espiritual".

Citação de: RIBEIRO, Jorge Cláudio. *A religiosidade do universitário.* São Paulo: Religião e Cultura, v.1, n.1, p.159-175, jan - jun. 2002. Faltam aspas.

À página 40, no 1º parágrafo onde se lê "... município com 447 anos..." deve-se ler "... município com 450 anos...".

À página 54, no 1º parágrafo onde se lê "... ocupa a 9ª posição no cenário econômico..." deve-se ler "... ocupa a 7º posição no cenário econômico...".

À página 56, no 2º parágrafo onde se lê ""... em porcentagem da população de 2000 tem-se: 83,8 de catolicismo, deve-se ler 82,3 de catolicismo.

À página 72, no 2º parágrafo onde se lê "... segundo Sergio Luiz de Oliveira..." deve-se ler "... segundo Silvio Luiz de Oliveira...".

À página 78, nota de rodapé, citação de: RIBEIRO, Jorge Cláudio. *Religiosidade jovem.* São Paulo: Olho d'água, 2010, p.141. Faltam aspas.

À página 85, no 1° parágrafo, "Para meus sujeitos, ser aprovado no vestibular e ingressar na faculdade assume enorme importância e se reveste de sacralidade, como sendo um novo nascimento, em nova família: desterritorializados, eles logo se reterritorializam. É a ruptura com a vida anterior, início de uma nova vida, novos companheiros, é a conquista de um sonho, a obtenção de uma meta". Citação de:

RIBEIRO, Jorge Cláudio. *Religiosidade jovem.* São Paulo: Olho d'água, 2010, p.180. Faltam aspas.

À página 86, no gráfico 13, onde se lê: contato com outras religiões 0%, deve-se ler contato com outras religiões 2%.

À página 88, no gráfico 16, onde se lê: a porcentagem de conformismo é de 0%, deve-se ler a porcentagem de conformismo é de 8%.

À página 91, os textos dos parágrafos 1°, 2° e 3°: "Todavia..." até "baixa politização." são uma citação de: RIBEIRO, Jorge Cláudio, R*eligiosidade jovem.* São Paulo: Olho d'água, 2010, p.265-266. Faltam aspas.

Referências bibliográficas citadas e que não constam na bibliografia final.

_ BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. *Paisagens do Brasil.* Rio de Janeiro: IBGE, 1972. 2° Ed.

_ FERNANDES, Maria Claudia Vieira. *Casa de Cultura Paulo Pontes – Guarulhos de 1977-80 – Cidade e Cultura: espaço de luta e construção de poder dos trabalhadores.* Monografia. PUC/SP, 2003.

_NORONHA, Adolfo de Vasconcelos. *IV Centenário de Guarulhos.* Prefeitura de Guarulhos, 1960.

_ PIETÁ, Elói. *Revirando a História de Guarulhos.* São Paulo: Cajá.

_ PREZIA, Benedito. *Os indígenas do planalto nas crônicas quinhentistas e seiscentistas.* São Paulo: Humanistas/ FFLCH/ USP, 2000.

_ SANTOS, Carlos José Ferreira dos. *Identidade Urbana e Globalização: a formação dos múltiplos territórios em Guarulhos-SP.* São Paulo: Annablume; Guarulhos Simpro, 2006.

_SINGER, Paul. *Economia Política da Urbanização.* São Paulo: Brasiliense, 1980.

_TILLICH, Paul. *A coragem de ser: baseado nas conferências Terry.* Pronunciadas em Yale University, trad. Eglê Malheiros. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.

_____. *Dinâmica da Fé.* Trad. De Walter O. Schlupp. São Leopoldo, Sinodal, 1996.

_____. *Teologia Sistemática.* São Leopoldo, Sinodal, s/d.

_____. *História do pensamento Cristão.* São Paulo, Artes, s.d.

_VALLE, Edênio. *Psicologia e experiência religiosa: estudos introdutórios.* São Paulo, Ed. Loyola, 1998.

Banca Examinadora

_____

_____

_____

AGRADECIMENTOS

Ao Criador que me envolve em seus mistérios de amor, sabedoria, discernimento, dá coragem, transforma as coisas impossíveis em possíveis, luz do mundo, sal da terra, sem Ele não teria existido, não teria conseguido.

À minha mãe, em razão da dedicação, perseverança, exemplo de determinação e honestidade.

Ao meu marido Paulo, companheiro de quarenta anos, sempre me ajudando nas tarefas mais difíceis dessa jornada.

Agradeço aos meus queridos filhos, a paciência e compreensão de minhas ausências em vários momentos importantes de suas vidas.

À querida professora Maria José Rosado Nunes, pela paciência, encorajamento, estímulo, orientação, sempre atenciosa, profissional e dedicada. Pela maneira que sempre me acolheu em cada momento de conversas sobre o trabalho.

Aos professores do programa, pela contribuição valiosa de conhecimentos acadêmicos diversificados.

Aos amigos que fiz no curso também agradeço o carinho, o apoio, a amizade, principalmente à Brígida e à secretária Andréia.

De um modo muito carinhoso, agradeço ao professor Jorge Cláudio Ribeiro, que disponibilizou meu acesso às suas pesquisas.

E, por fim, aos meus jovens alunos, razão de meus desejos de pesquisar e entender um pouco mais de suas histórias.

A todos envolvidos minha gratidão.

“Não há religiões que sejam falsas.
Todas são verdadeiras à sua maneira.”
Émile Durkheim

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo investigar as opções religiosas dos jovens universitários da Universidade Guarulhos no curso de Pedagogia. Os referenciais teóricos para sustentação foram baseados nas pesquisas de Jorge Cláudio Ribeiro e Regina Novaes, que têm contribuído para reflexões e análises a respeito da juventude e suas relações com a religião.

A pesquisa de campo foi realizada na Universidade Guarulhos com jovens que estavam cursando os 5° e 6° semestres do curso de Pedagogia. Para a realização deste estudo foi utilizada a pesquisa quantitativa com perguntas fechadas. Por meio da pesquisa de campo foi possível identificar a opção religiosa dos jovens pesquisados e como essas escolhas acabam interferindo em suas vidas.

Palavras-chave: Juventude – Religião – Universitária - Educação Contemporânea

Abstract

This study had as an objective to investigate the Universidade de Guarulhos Pedagogy course student's religious options. The theorical references were based on the Jorge Cláudio Ribeiro and Regina Novaes research, which has contributed for reflection and analysis regarding the youth and their relation with religion.

The field research was taken within the Universidade de Guarulhos walls with the Pedagogy course's students from the fifth and sixth semesters. For this study, a quantitative research with closed questions was made. Through the field research it was possible to identify the student's religious options and how do these choices end up interfering within their lives.

Key words: Youth – Religion - College - Students – Contemporary Education

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....10

1 - O jovem contemporâneo e a religião, seus anseios e frustrações 16

1.1 - Como caracterizar a juventude hoje.....16

1.2 - Momentos do ser jovem na história.....19

1.3 - O jovem contemporâneo, o meio social e sua relação com a saúde e a religião.....21

1.4 - A construção histórica da juventude contemporânea.....23

1.5 - Caracterização da fé.....30

1.5.1 - Em relação ao que é a fé.....30

1.5.2 - Em relação ao que a fé não é.....33

1.5.3 – A linguagem simbólica da fé: símbolos e mitos.....34

1.5.4 – Relação entre fé, amor e ação.....35

1.5.5 – Fé e coragem.....35

1.5.6 – Tipos de fé.....36

2 – Histórico da Cidade de Guarulhos.....40

2.1 – Histórico da cidade.....40

2.2 - Passado geológico.....42

2.3 - Localização geográfica.....44

2.4 - Recursos Naturais.....46

2.5 - Ciclo do ouro e a colonização portuguesa no território guarulhense.....46

2.6 - Ciclo do tijolo e os imigrantes italianos, alemães, árabes e japoneses.....48

2.6.1 - Ciclo industrial.....49

2.6.2 - Processo de metropolização.....49

2.6.3 - Explosão demográfica e oferta de emprego.....50

2.7 - Guarulhos Hoje.....52

2.7.1 - Diversidade cultural e religiosa.....55

2.7.2 - Manifestação da tradição religiosa.....58

2.7.2.1 - Manifestação da tradição caipira.....58

2.7.2.2 - Manifestação de tradição estrangeira.....59

2.7.2.3 - Cenário cultural.....59

2.8 - Educação escolar em Guarulhos.....60

2.8.1 - Universidade Guarulhos.....61

2.8.1.1 – Cronologia.....61

2.8.1.2 - Agente Gerador de Desenvolvimento.....63

2.8.1.3 - Curso de Pedagogia.....64

3 – OPÇÕES RELIGIOSAS DE JOVENS UNIVERSITARIOS DE GUARULHOS.....72

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....90

BIBLIOGRAFIA.....92

ANEXOS.....99

INTRODUÇÃO

A escolha desse tema resultou de minha observação e atuação na área educacional durante mais de duas décadas, configurando-se como verdadeiro laboratório de relações interpessoais. Durante toda essa caminhada profissional, tive o privilégio de conhecer os diferentes ambientes onde o processo educativo acontece, ou deveria acontecer.

Iniciei na rede pública em 1983, ministrando aula durante seis meses em uma escola de ensino fundamental na periferia de Guarulhos, município da região metropolitana de São Paulo. Após esse tempo, fui convidada para trabalhar em uma escola da rede privada, localizada no centro da cidade. Essas foram minhas primeiras experiências. Vieram outros convites na rede privada. Ministrava aulas pela manhã em uma escola católica, onde meus filhos também estudavam e, no período da tarde, em uma escola cuja clientela, na maioria, era composta de filhos de famílias tradicionais de Guarulhos. Nessa época, estava terminando minha especialização na PUC quando surgiram meus primeiros questionamentos sobre a escolha religiosa dos meus alunos. Apesar de estar trabalhando com ensino fundamental, sempre fui questionada pelos estudantes sobre as diferentes religiões. Já percebia nessa época um conflito latente entre a religião familiar e as outras possibilidades religiosas. Eram alunos oriundos de ambientes que propiciavam descobertas e questionamentos. Depois de algumas décadas no ensino fundamental e no ensino médio, fui convidada para ingressar na Universidade Guarulhos, ministrando aula nos cursos de Pedagogia, Enfermagem e Educação Física.

Meus questionamentos, embora subjacentes, ainda existiam. Comecei a observar o comportamento dos jovens universitários frente à escolha da religião. Muitos deles me procuravam para ajudá-los na difícil decisão. Isso

contribuiu para que o ambiente universitário se convertesse no cenário de minha dissertação de mestrado.

A primeira obra a ser ressaltada é *Juventude e religião,* de Regina Novaes (2001), onde ela discorre sobre o perfil dos jovens atuais, inclusive sobre o último Censo do IBGE, que aponta que jovens entre 19 e 32 anos declaram, na sua maioria, acreditar em Deus, mas não ter religião. Podemos também interpretar isso como um estado provisório de escolha frente a tantas possibilidades existentes, segundo a autora.

Temos na pesquisa de Jorge Cláudio Ribeiro, um estudo de caso com alunos da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, intitulado *Perfil da Religiosidade do Jovem Universitário* (1997), outra fonte de informações. Ribeiro examina os traços mais marcantes que permitem identificar importantes aspectos da religiosidade juvenil.

É necessário mencionar também o artigo de Gaudêncio Frigotto (2006), *Juventude, trabalho e educação no Brasil*, onde o autor aborda o conceito de juventude na sua complexidade e a controvérsia desse conceito ser aplicado a diferentes realidades sociais, históricas e culturais.

Há ainda o artigo *Juventude em busca de novos caminhos no Brasil*, de Marcio Pochmann (2006), o qual constata que a juventude passa por uma fase de transição extremamente complexa, não encontrando nenhum paralelo em relação a outras gerações. O economista propõe uma revisão geral no processo de formação juvenil.

Também dentro dessa perspectiva de formação juvenil, encontramos na PUC/SP uma dissertação sobre a educação em Guarulhos, Reflexões sobre a política de formação docente em Guarulhos, cuja autora, Renata Nogueira de Menezes, é uma professora da rede pública estadual. Sua pesquisa descreve o ensino no município, com seus problemas na alfabetização e as conseqüências disso no baixo rendimento escolar e na falta de leitura dos jovens guarulhenses. A pesquisadora ressalta a história de Guarulhos desde seu surgimento, seus problemas na área de educação, mas também possíveis soluções.

Consideramos este tema de pesquisa relevante, uma vez que, como notamos anteriormente, não há pesquisas que falem especificamente a respeito da opção religiosa do jovem universitário da cidade de Guarulhos. Pensar a escolha religiosa do jovem nos oferece um panorama daquilo que se passa com ele, em plena formação no âmbito biopsíquico e social; de como essa escolha integra sua construção identitária. Ao refletir sobre a experiência religiosa dos jovens universitários de Guarulhos, pretendemos traçar um paralelo entre os jovens contemporâneos nos seus processos de elaboração e construção de mundo.

Os dados coletados nessa investigação poderão ser utilizados para ampliar outros estudos sobre jovens e seu vínculo com a religião, bem como para comparar as opções religiosas em diferentes ambientes institucionais.

O objeto de estudo desta pesquisa é a escolha religiosa dos jovens da Universidade Guarulhos, graduandos do 5º e do 6º semestre do curso de Pedagogia, nos períodos matutino e noturno.

Apesar desse curso da Universidade Guarulhos abranger uma faixa etária heterogênea, sendo isso uma especificidade relevante dessa graduação, empregamos como critério de escolha para responder os questionários jovens entre 15 e 24 anos, de acordo com os padrões estabelecidos pela maior parte dos organismos internacionais para delimitar aquilo que chamamos de juventude. (NOVAES; VANNUCHI, 2004, p.3)

Esses jovens têm "rosto definido". São filhos de trabalhadores assalariados ou que se sustentam por conta própria, ainda que de forma precária, oriundos de regiões diversas e com particularidades socioculturais e étnicas. São na grande maioria pardos, órfãos, ou filhos de pais separados, muitos nem conheceram seu pai, cursaram escola pública tardiamente , apresentam baixo rendimento escolar, possuem alguma inadimplência, alguns já possuem "FIES"[1], ou estão pleiteando, e moram na periferia de Guarulhos ou adjacências.

Segundo Jorge Cláudio Ribeiro (2004, p. 5), as religiões ainda são uma referência importante para o universitário como ambiente de sociabilidade, como estoque simbólico, como uma colcha de retalhos sobre a qual ele tece,

[1]. Financiamento Estudantil

passo a passo, crenças e experiências, ou ainda como referência daquilo que ele não quer para si.

Essa nova liberdade religiosa incorpora duas tendências centrais na cultura secular: a individualização (cada indivíduo elabora um sistema próprio de crenças) e a subjetivação (o campo privilegiado das crenças é a experiência pessoal).

Cada pessoa hoje tende a elaborar uma religião à *la carte* e fazer suas experiências, mantendo autonomia e disponibilidade. O termo *bricolagem* foi proposto por Lévi-Strauss (1989) para descrever como os mitos são pouco a pouco construídos a partir de materiais de origem diversa.

A ética do sacrifício fica em segundo plano, privilegia-se a moral da realização pessoal. Cada qual tece seu pequeno relato crente servindo-se de palavras desorbitadas, oriundas de diferentes sistemas.

Diante desse enfraquecimento das instituições guardiãs das regras da fé, a iniciativa da escolha religiosa cabe cada vez mais ao indivíduo, sobretudo ao jovem.

Dessa forma, configura-se como problema de pesquisa deste trabalho a seguinte questão: Quais são as escolhas religiosas dos jovens universitários da Universidade Guarulhos.

Com a desregulação institucional e a racionalização crescente das religiões no Ocidente, conquistou-se a liberdade de cada um tecer crenças a partir da própria experiência.

Ao definir para si a religião, independentemente das igrejas, os jovens declaram sua consciência como autoridade maior nas decisões de sua vida e na escolha de seu credo.

Mas, afinal, o que aconteceu então com as tradições herdadas? Um deserto espiritual? Um vale-tudo individual? A liberdade individual no nível da crença mistura-se com novos tipos de vida comunitária?

O que se percebe diante das pesquisas realizadas é que a religiosidade continua como pano de fundo, a necessidade humana, anterior à religião de uma crença no transcendente, segundo Jorge Cláudio Ribeiro, (2006, p.6)

talvez justifique a fala dos jovens. “ A fé é mais importante que as crenças e religiões”.

Com base no exposto acima, assume-se como hipótese que uma boa parte dos jovens crê em um Deus, independente de filiação religiosa.

O objetivo desse trabalho é oferecer meios para compreensão das escolhas religiosas dos jovens da Universidade Guarulhos, fazendo um paralelo com outras pesquisas similares em instituições de ensino superior.

Contribuir com material científico que auxilie nas discussões e reflexões sobre o assunto, para que se possa traçar e entender o perfil religioso dos jovens universitários hoje.

Será necessário retomarmos a questão apresentada acima sobre juventude e suas escolhas religiosas, para que possamos interpretar os diferentes comportamentos dos jovens frente à religião:

> A religiosidade é um ser particular, uma qualidade funcional da humanidade, por assim dizer, que determina inteiramente alguns indivíduos, mas existe apenas rudimentarmente em outros. Esse traço fundamental leva habitualmente ao desenvolvimento de artigos de fé e à adoção de uma realidade transcendental... uma pessoa religiosa é sempre religiosa, independentemente se acredita, ou não, em Deus. (SIMMEL, 1997: 5)

A juventude vive profundas e contraditórias experiências de sentido e, com frequência, não consegue identificar sua dimensão sagrada, não confia nas instituições religiosas, oscila em seus desejos, confia pouco na própria religiosidade, desperdiça energias que poderiam contribuir para sua formação e trajetória, segundo Jorge Cláudio Ribeiro (2009).

Sendo a religiosidade uma dimensão humana, ela pode ser uma poderosa aliada no processo educativo, laico ou religioso. Cabe ao educador discernir e promover essa aproximação. Ele pode colaborar com a formação da identidade do jovem, ajudando-o a nomear suas experiências, a

compreender e aceitar como positivas as forças mobilizadas pela religiosidade nessa etapa da vida.

> Uma pedagogia apoiada na religiosidade deveria assimilar a dinâmica contemporânea da individualização e da subjetivação, surgida no bojo da desregulação das instituições tradicionais produtoras de sentido. O fato de as sociedades modernas se terem apartado da religião, e as esferas da existência terem conquistado autonomia, não significa que os educandos "tenham liquidado sua necessidade de dar-se sistemas de significações que lhes permitam transmitir, bem ou mal, a sucessão descontínua de suas experiências num percurso dotado de um sentido". (HERVIEU-LÉGER, 2001: 6).

Não cabe ao adulto manipular ou tolher a autonomia nessa fase. Trata-se de abrir portas para que o jovem mergulhe em seu presente e se abra para o *além-de-si* (a sociedade, o futuro, o transcendente); comprometa-se com o seu próprio crescimento e faça parte da história. A religiosidade, embora conflitante em alguns momentos para o jovem, é decisiva para que ele confira sentido à existência.

De uma forma geral, a análise do discurso sobre jovens e suas escolhas religiosas, permitir-nos-á distinguir basicamente três categorias de estudo. São elas:

a) Juventude – Fase natural da vida, um segmento populacional bem definido, suposto como universal. Os limites etários e as características de cada uma dessas fases são produtos históricos, resultado de constantes mudanças sociais e reinvenções culturais, segundo Regina Novaes (2004).

b) Tradição – As sociedades modernas, mesmo aquelas que preservam seu passado, são cada vez menos regidas pela memória. Esvaziadas de suas tradições, seguem o imperativo do imediato; a inovação é eleita como regra de conduta. Os jovens passaram a ser socializados como geração autoconsciente e autônoma. Inverteram-se os papéis dos pais e também de educadores, religiosos etc.; eles perderam influência e cederam à modernidade, rompendo com valores outrora indispensáveis, segundo Jorge Cláudio Ribeiro (2004).

c) Religiosidade – Ribeiro (2004), por sua vez, afirma que a religiosidade do universitário é intensa e fluida e encontra dificuldades para se traduzir em linguagens e ações. Essa energia pode permanecer oculta, estéril,

desperdiçada, se não for reelaborada e traduzida em um universo de linguagens que possa ser expressa.

Parti da revisão bibliográfica sobre o tema: livros, textos científicos, artigos e demais meios de difusão escrita do conhecimento acerca do assunto.

A pesquisa de campo foi quantitativa, envolvendo coleta de dados por meio de 30 questionários com perguntas fechadas aos alunos do 5º e do 6º semestre do curso de Pedagogia; análise interpretativa dos dados obtidos; construção de gráficos para visualização dos resultados.

CAPÍTULO I: O JOVEM CONTEMPORÂNEO E A RELIGIÃO, SEUS ANSEIOS E FRUSTRAÇÕES

Os artigos sobre jovens de hoje, nos remetem ao cenário atual onde os protagonistas são os próprios jovens. Falar dos dilemas e perspectivas da juventude contemporânea é falar de alta modernidade, de sociedade de mercado, de sociedade do conhecimento, do processo. De globalização e das crescentes desigualdades sociais nas quais se ancoram antigos e novos sentimentos de frustrações, medo, intolerância e grandes anseios.

Com a busca incessante do sucesso econômico e do próprio prazer, com o zelo obsessivo pelo corpo e total indiferença em relação ao mundo, a juventude assume seu papel de protagonista de sua própria história contemporânea. Consumir e ser indiferente ao resto do mundo expressa o perfil do jovem contemporâneo, que trilha um caminho longo em busca de respostas aos seus anseios, e frustrações. Assim sendo, neste capítulo falaremos a respeito do ser jovem hoje, suas mudanças, suas relações e inserção na sociedade.

1.1 - Como caracterizar a juventude hoje?

Entre os pesquisadores atuais, (NOVAES e VANNUCHI, 2004) sobre a juventude há consenso de que essa não é uma condição apenas biológica, mas que resulta de dinâmicas de várias origens. Tal diversidade se deve à teia em torno do jovem, de relações que conferem significados e definem suas formas de inserção na vida das sociedades. Assim, a história da juventude é a história dos modos como ela foi pensada e socialmente “fabricada”.

Infância, adolescência, juventude, maturidade e velhice: cada uma destas palavras designa um período diferente da vida. São palavras que nasceram no campo das ciências, sobretudo da biologia, medicina e psicologia,

mas hoje habitam o vocabulário da vida cotidiana. Hoje a distinção entre cada uma destas fases passou a ser vista como natural, como se houvesse uma cronologia geral, oficial definidora da natureza humana, (NOVAES, 2004).

Olhada como fase natural da vida, a juventude é tratada como um segmento populacional bem definido, suposto como universal. No entanto, os limites etários e as características de cada uma das idades da vida são produtos históricos, resultados de dinâmicas sociais mutantes e de constantes (re) invenções culturais, (NOVAES, 2004).

O recente processo ocorrido em países centrais do capitalismo apresenta interesse porque, embora cada sociedade tenha sua originalidade irredutível, o seguimento universitário se assenta num ambiente comum, globalizado e secularizado. A partir do fim da Primeira Guerra, ocorreu nas sociedades modernas uma acelerada perda de importância dos ritos tradicionais de passagem[2]. O alongamento progressivo da escolaridade, a indeterminação das fronteiras de idade e a desconexão dos portais de acesso à maturidade suprimiram aos ritos de passagem uma eficácia antes indiscutida como forma de sancionar o acesso à idade adulta.

Enquanto que, no nascimento inaugural, o indivíduo é nascido, neste segundo o jovem em parte se nasce para a autonomia e a sociedade adulta, sendo-lhe exigida participação num processo pelo qual é o principal responsável, mas sobre o qual não nem sempre tem controle, (RIBEIRO, 2004).

Os traços da juventude moderna foram, sobretudo construídos nos Estados Unidos, que implantou a escolarização precoce e ampliada. Uma instituição central na cultura jovem nos anos 60 é “marcar encontro” *(dating)*, ritual que obedecia a um sistema de avaliação de prestígio, veiculado através dos jornais escolares. Esse sistema declinou nos anos 70 com a ampliação dos valores hedonistas e individualistas que avaliam as relações interpessoais segundo o prazer intrínseco que trazem. Surgiam novos ritos. Por exemplo, os concertos de rock, onde as posturas corporais, o cenário, o transe emocional produzido pela música e a crescente simbiose do público com os músicos realizam uma cerimônia iniciática de integração grupal.

[2] Transição dos indivíduos de um status para outro (Arnold Van Gennep, 1909).

O itinerário apresentado ilustra a forma como a juventude atual resultou da ação de forças sociais segundo Ribeiro (2004). Há quem diga que, desde a metade do século XX, de maneira geral, os jovens são disputados por forças antagônicas que resultam em tanto em críticas e quanto em adesões. Algumas vivências são próprias dessa fase: a descoberta da alteridade, a experimentação e construção de significados, a capacidade de optar e romper com os cordões umbilicais e a busca de condições para exercitar essas capacidades.

De preferência a um modelo tradicional de identificação, o jovem atual se depara com a possibilidade de experimentação e sua autodefinição é construída ao longo de uma série de acertos e erros. Poderosíssimos fatores sociais tornam essa fase experimental cada vez mais longa e geram novas definições da juventude. Cortejada pela mídia, disputada pelo comércio, cultivada em estufa pela escolarização estendida e afastada do contato com modelos tradicionais, a juventude se vê urgida a assimilar estilos de vida moldados por essas agências de socialização (RIBEIRO, 2004).

Nesse quadro, a religiosidade se coloca no centro do “ser jovem”, visto conferir-lhe transcendência e sentido para a totalidade da existência. Uma dentre outras energias, a religiosidade é fundamental para o jovem levar a bom termo sua maturação.

Aguçar o desafio à percepção do sagrado no seio da cultura contemporânea, do que resulta a ellaboração de imagens mais adequadas à experiência do jovem contemporâneo (RIBEIRO, 2004).

Perceber o sagrado na História, decodificar a sacralidade nos rituais no cotidiano de cada um do jovens, em diferentes momentos, estaremos explicitando logo abaixo.

1.2 - Momentos do ser jovem na história

Se mergulharmos na história verá que na concepção das sociedades clássicas greco-romana, a juventude se referia a uma idade entre os 22 e os 40 anos. Naquela cultura, a deusa grega Juventa era evocada justamente nas cerimônias do dia em que os mancebos (adolescentes) trocavam a roupa simples pela toga, tornando-se cidadãos de pleno direito. Hoje, de acordo com

a maioria dos organismos internacionais, (Organização Internacional da Juventude), considera-se como jovem a faixa de 17 a 29 anos, oscilando outras idades próximas em algumas abordagens acadêmicas, na dinâmica da vida política e na mídia. No Brasil a lei 11129 de 30/06/2005, que cria a Secretaria Nacional de Juventude, o Conselho Nacional de Juventude e o ProJovem, estabelece a faixa etária de 15 a 29 anos.

Com a grande oscilação de idades, convivem contraditórias imagens e expectativas: juventude perigosa, juventude sem religião, juventude sem fé, juventude sem limites, juventude como lugar de esperança, juventude como futuro do Brasil, enfim, um paradigma do jovem ideal e criador de um mundo novo.

A entrada do jovem atual na vida adulta é cada vez mais tardia. Essa passagem se banaliza por três eventos principais: o começo da vida profissional, a saída da casa da família de origem e a fundação de uma nova família. Nas gerações recentes, o avanço para o status de adulto apresenta uma de-sincronização das etapas acima. Verifica-se profunda alteração no modelo de socialização e aprendizagem dos papéis adultos. De preferência a um modelo tradicional de identificação, o jovem atual se depara com a possibilidade de experimentação e sua autodefinição é construída ao longo de uma série de acertos e erros. Poderosíssimos fatores sociais tornam essa fase experimental cada vez mais longa e geram novas definições de juventude. Cortejada pela mídia, disputada pelo comércio, cultivada em estufa pela escolarização estendida e afastada do contato com modelos tradicionais, a juventude se vê seduzida a adotar modelos de vida moldados por essa agência de socialização.

Assim, nos anos 60 explodiu uma cultura juvenil aparentemente autóctone, com uma visão própria do mundo e práticas exclusivas de lazer e consumo. Nesse processo, a juventude viu-se engolfada numa dinâmica contraditória. Ao mesmo tempo em que era proclamada como novo ator social e cultural (não importando o que tenha realizado), ela não representava para ninguém, a não ser para si mesma. Era a indução ao individualismo, que resultaria no ostracismo perverso e cruel, na verdade um confinamento transfigurado como filosofia de vida, genêsis de muitas doenças, do jovem contemporâneo, fruto do meio social.

Embora a consciência de finitude e da fragilidade da vida humana façam parte do senso comum, deve-se reconhecer que ela se apresenta de modo mais direto àqueles que se sentem ameaçados em sua vida, seja por uma doença ou por qualquer outro perigo, nesse contexto, o jovem contemporâneo, busca na religião a base para aliviar seu sofrimento, físico ou mental, conforme veremos a seguir.

1.3 - O jovem contemporâneo, o meio social e sua relação com a saúde e a religião

> O homem fabrica suas doenças, ele é a causa delas e não é preciso que busquemos outras. A doença, e em particular a doença física, é sempre a expressão psicológica ou, melhor ainda, a simbolização do que desejamos secretamente. (LAPLATINE, 1991: 82).

Não é de se surpreender que na incapacidade de um médico encontrar uma causalidade externa diretamente relacionada com o estado patológico de seu paciente, esse assuma prontamente que não existem conhecimentos cientificamente avançados para diagnosticar tal enfermidade ou, ao considerá-la uma patologia endógena, limite-se ao aspecto da hereditariedade da doença.

Tradicionalmente a medicina "oficial" reluta em aceitar o fato de que os fatores sociais desempenham um papel fundamental no binômio saúde-doença. No final do século XIX, os avanços da patologia e da microbiologia fizeram com que os fatores sociais ocupassem papel secundário nas doenças. Porém, "... os seres humanos são nas palavras de Aristóteles, 'animais sociais' nos quais o biológico e o social estão inexoravelmente ligados" (ANDERSON; SMITH; SIDEL, 2005: p.96).

As estatísticas de saúde européias contribuíram de forma ímpar para a medicina social ao demonstrar que havia diferenças enormes nas taxas de mortalidade em diferentes segmentos de classe. Saúde e doença eram termos sinônimos de riqueza e pobreza, respectivamente, infelizmente, muito dessas constatações ainda permanece como uma dura verdade em nossa sociedade.

A esse domínio estão vinculadas as doenças provocadas por sentimentos e emoções, tais como: a raiva, a inveja, o ciúme, a tristeza, a frustração, desamparo , desesperança.

Nesse cenário, também estão os jovens, traçando sua personalidade, inclinando-se à saúde ou à doença. Os traços de personalidade refletem visões filosóficas de um determinado indivíduo acerca de si mesmo e do mundo, em outras palavras, uma crença geral a respeito de como o mundo funciona e de quem é responsável pelos problemas da vida, um conjunto de valores relacionados ao que é importante e aos compromissos assumidos com base em uma escolha pessoal.

Assim sendo, aquilo que é normal em determinadas condições pode se tornar patológico em outra situação se permanecer inalterado. Cabe ao próprio indivíduo avaliar essas transformações, pois é ele que sofre as conseqüências, quando se sentir inseguro para enfrentar as mudanças do meio.

A saúde é assim um conjunto de segurança e seguros, é a possibilidade de tolerar e ultrapassar a norma que define o normal momentâneo, instituir normas em situações novas, (CANGUILHEM, 2000, p.158).

Adicionalmente, “mudanças do meio” podem soar de certa maneira uma incoerência, ou seja, é admissível do ponto de vista social (por exemplo, instituições, modas e costumes são de fato efêmeros), porém é um absurdo em se tratando de meio cósmico, no qual sistemas de leis e princípios físicos, mecânicos, químicos, biológicos lhe concedem determinada constância, invariabilidade. É claro que esse meio definido pela ciência é regido por leis e princípios, mas essas leis são meras abstrações teóricas. O ser humano não vive de abstrações teóricas, mas entre seres e acontecimentos que diversificam essas leis e que o impelem às situações de risco potencial à sua saúde.

Desta forma, o ser humano reconhece as categorias saúde e doença no plano da experiência e não do plano da ciência. A ciência é capaz de explicar essa experiência, mas não a anula.

O ser humano, mesmo sob o aspecto físico, não se limita a seu organismo. O corpo é apenas um meio de tosos os meios de ações possíveis. Assim sendo, para se julgar o normal e o patológico, devemos olhar para além

do corpo, uma vez que até muito recentemente (início do século XIX), escreve Laplatine (1991), a prática médica esteve estritamente ligada à cultura e à época na qual se inscrevia, jamais chegando a se livrar da "superstição religiosa" (particularmente antes de Hipócrates) e da "especulação filosófica".

Segundo Jorge Cláudio Ribeiro, 2004, essa energia pode permanecer oculta estéril, desperdiçada; se dispuser de um universo de linguagem para expressá-la, porém, a juventude conseguirá reelaborar os materiais da tradição à luz de suas vivências geracionais e pessoais, reconstruindo a sua história contemporânea, tema abordado a seguir.

1.4 - A construção histórica da juventude contemporânea

Segundo Eric Hobsbawm:

> ... a destruição do passado – ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal à das gerações passadas – é um fenômenos mais característicos e lúgubres do século XX. Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem. (2004, p.2).

Dessa forma, desintegraram-se os velhos padrões de relacionamento social humano e os elos entre as gerações se quebraram: isso ficou muito evidente nos países desenvolvidos,(Canadá, Estados Unidos), da versão ocidental de capitalismo, onde predominaram os valores de um individualismo associal absoluto reforçados pela erosão das sociedades e religiões tradicionais. As sociedades modernas, mesmo as que parecem cultivar os traços de seu passado, são cada vez menos regidas pela memória. Segundo Eric Hobsbawm, a memória coletiva perde seu caráter ativo e se constitui como um patrimônio de lembranças que não mobiliza mais uma crença comum: trata-se mais de uma tradição sem crença. Esvaziadas de suas tradições, as sociedades seguem o imperativo do imediato, o que as leva a erigir a inovação como regra de conduta.

A urbanização universalizou a exigência de educação secundária e superior como uma necessidade para se obter emprego. Na década de 60, os

estudantes já eram uma força social e política muito importante, fato que até então passara despercebido pelas estatísticas. Na década de 70, o número de universidades quase dobrou no mundo. Estava em curso uma revolução mais ampla, de valores e costumes. Essas transformações forneceram o cenário ideal para a cultura jovem do tipo “modernizante”.

De modo geral, essa nova cultura representa uma tripla novidade, (HOBSBAWM, 2004). Primeira, a juventude deixou de ser vista, nem assim se encara, como um estágio preparatório para a vida adulta e sim como realização do pleno desenvolvimento humano: a partir da década de 60, tendeu-se a baixar a idade eleitoral e o consentimento para o início da vida sexual. Indício dessa dinâmica é a disseminação irresistível, nos anos 1968-9, de slogans como “tutto e subito” ou tout, tout de suite”. Segunda novidade foi a aclamação, pelos fabricantes de bens de consumo, do adolescente como ator consciente de si mesmo, fato que dominou as economias do mercado pois formou-se uma massa demográfica homogênea dotada de poder de compra. A descoberta desse mercado jovem ocorreu em meados da década de 50. Assim, os jovens passaram a ser socializados como geração autoconsciente e autônoma. Perdendo influência, e perplexos, os pais (também educadores, religiosos etc.) cederam a iniciativa: o que os filhos podiam aprender com os pais tornou-se menos óbvio do que o que os pais não sabiam e os filhos, sim. Inverteram-se os papeis das gerações. Terceira novidade é o espantoso internacionalismo na nova cultura jovem urbana. Em tempos de globalização, essa condição é extremamente favorável à produção em escalas gigantescas de mercadorias voltadas para o ‘segmento jovem’ (que inclui consumidores de outras idades).

Não podemos desprezar que em cada tempo e lugar são muitas as juventudes e entre elas sempre existe diferenças e resistências por força da individualidade e identidade de cada grupo onde o jovem esteja inserido. Abordaremos o conceito de identidade, para entender melhor o mundo hoje.

O conceito de identidade é um “conceito chave” para entender o mundo hoje. Amadou-Mahtar M’Bow, que durante longos anos foi diretor geral da Unesco, coloca a questão nestes termos:

> A disposição de afirmar e defender a unidade cultural parece ser agora uma das grandes forças motrizes da história. Longe de representar a retirada para um passado fechado e imutável, a nova atitude busca uma síntese viva, original e em constante renovação. A condição sine qua non do progresso das pessoas, grupos e nações é o sentido da identidade cultural: ela é a força que anima e orienta a vontade, a força que mobiliza recursos internos e faz da mudança necessária uma adaptação criadora. Hoje se reconhece que o conceito de identidade cultural é a base do desenvolvimento, mas só recentemente isso foi aceito em sua plenitude pela comunidade internacional.(M'BOW, 1982, p. 4-6).

A identidade não é algo inato. Ela se refere a um modo de ser no mundo e com os outros. Portanto, a identidade não se prende apenas no nível da cultura. Ela envolve também os níveis sócio-político e histórico da cada sociedade." A identidade é um conjunto de relações em transformações incessante. Identidade é, assim, unidade-em-continuidade de um complexo caracteriológico que reconhece o seu ser no seu fazer, os traços de sua personalidade física e espiritual nos seus projetos, sucessos e fracassos", (BASTOS, 1976, p.22-27).

A identidade é um conceito relacional a identidade se constrói nas relações, os jovens adquirem suas identidades quando se agrupam, trocam informações, experiências, vivências, frustrações, desencantos, sonhos, desejos, aos poucos vão se moldando e resolvendo o conflito de identidade.

Ninguém é dono de sua identidade, nenhuma identidade é construída no parcialmente exterior, parcialmente interior, com os outros. Tanto a identidade pessoal, quanto a identidade socialmente derivada são formas em diálogo aberto. Estas dependem da maneira vital das relações dialógicas estabelecidas com os outros. Para o jovem, o campo da cultura[3] é um espaço privilegiado na construção de identidade e de sua religiosidade.

Apesar de CORRÊA (2004) entender que a religiosidade está ligada à essência da espiritualidade do indivíduo, isto não nos obriga a sintetizar a complexidade das experiências culturais religiosas em uma única moldura. Há elementos simbólicos que garantem um processo de identificação diante das opções culturais oferecidas pela família, comunidade e religião que nos

[3] O progresso intelectual e social dos homens em geral, (MESQUITA, 2009).

conduzem a diferentes cenários do ponto de vista do comportamento desses jovens.

O que podemos perceber é que a cultura do lazer no bairro, com a convivência grupal é fruto de um determinado contexto histórico e social banalizado por determinadas relações de poder que tornam certos personagens mais sensíveis ao discurso religioso. Isto não significa que há uma agência unificadora e coerente que funda uma identidade própria, há de se perceber a grande relevância das instituições de ensino, onde os jovens edificam suas normas, experiências diferenciadas, identidades, expressões culturais, relações sociorraciais, cultura política e religiosa.

Não se funda uma identidade religiosa ou um jovem religioso. Isto não seria possível por dois motivos: conforme alerta MARTUCELLI (2000), no campo da identidade nenhuma totalidade se impõem, tudo está solto; não é possível desconsiderar que diferentes igrejas disputam diferentes projetos de identidade.

Por mais que algumas religiões operem no sentido de garantir uma noção indivisível, centrada na plenitude do ser, há arranjos que são produzidos longe dos que produzem a doutrina. Talvez esse tenha sido um dos motivos que garantiu o sucesso da cultura gospel (transformando o “profano” em “sagrado”) na formação de um novo quadro religioso.

Apesar desse relato observado por mim ser de um contexto específico, a lição que fica é a da possibilidade, mesmo dentro das religiões mais doutrinárias, de outros projetos identitários serem construídos e tecidos em paralelo. Como bem observa GEERTZ (1989), não há mais espaço para o absolutismo grupal, as sociedades modernas são plurais e respondem de diferentes modos ao processo de identificação.

A pulverização de religiões, a migração inter-religiosa e a individualização religiosa estão sedimentando um novo cenário religioso. Em 1980, o IBGE havia identificado nove alternativas para filiação religiosa, enquanto que, em 1991, já eram cinqüenta e uma. Apesar desse alargamento, PIERUCCI (2002) entende que ele se dá numa estreita faixa de 3,5% da população, conforme censo de 2000. Estudo realizado em Canoas (RS) por FOLLMANN (2003) apontou que 43% dos investigados já haviam trocado pelo

menos uma vez de religião. A individualização da fé, ou a privatização da fé, como apresenta SIQUEIRA (2002), é identificada por WACKMANN (1999) e (2000), PINHO (2003), CUNHA (2004), GALDINI (2004) e CORRÊA (2004) como sendo resultado das transformações mais amplas que estão ocorrendo na sociedade moderna por conta da globalização, principalmente no que diz respeito ao papel dos modernos meios de comunicação na divulgação do sagrado.

Provavelmente esteja acontecendo uma mudança sem precedente em virtude do elemento "sagrado", que com as novas tecnologias o tornaram próximo e acessível, GALDINO (2004). Isto não quer dizer, como aponta CUNHA (2004), que essas modernas tecnologia estejam a serviço apenas da moderna indústria do entretenimento e do consumo. Há um ambiente que está transformando o comportamento cultural em diferentes esferas, provocando a difusão da espiritualidade, principalmente por conta do acesso aos novos meios midiáticos: "(...) a apropriação da mídia pela religião passa hoje pela compreensão do fenômeno comunicacional e de suas intermediações num contexto em que a busca pelo consumo de bens materiais e simbólicos se funde num único produto" (2005: 26).

Mais adiante, o autor aponta que "... não é possível desconsiderar seu poder de fascínio e o seu papel como promotora de emoções e comoções sociais atuando como a grande caixa de ressônancia social e do entretenimento barato e disponível" (*Ibid.:* 36). Se há um forte apelo à individualização das práticas de lazer como consequência das novas tecnologias da comunicação, a atividade religiosa não pode ser colocada num espaço secundário nesse debate.

Não há como operar o deslocamento desse contexto da mudança cultural promovidas pelas igrejas evangélicas. Conforme PINHO (2003), um papel importante a ser cumprido pela igreja é o de organizar as práticas de relacionamento do indivíduo com o transcendente. Nesse quesito houve uma mudança significativa e garantiram aos evangélicos uma nova dinâmica aos cultos. Houve um grande avanço dos evangélicos por conta dessa mudança.

A liturgia burocratizada, característica principal dos cultos católicos (antes do movimento pela Renovação Carismática Católica), que MENDONÇA (2004) caracteriza como o sagrado frio, criava entraves para uma relação mais

emocional com sagrado. Para CUNHA (2004) o moralismo puritano com uma ética restritiva dos costumes, como o de não dançar, impedia uma maior ênfase a emoção e à mística. Para os pentecostais, o derramamento do Espírito Santo garantiria uma renovação permanente da igreja. Para eles, a ação livre do sagrado permitiria a cura, os milagres, a libertação dos espíritos malignos e a salvação do espírito, desde que se trouxesse a emoção para o culto.

Segundo Jorge Cláudio Ribeiro que escreveu a Revista Rever, n.3 pp.161-177 , 2005, neste item, é possível fazer um paralelo com aquilo DUNNING (2003) sinaliza como o "despertar das emoções". Ao transformar o culto em um contexto mimético (de canto e dança), a igreja conseguiu um despertar emocional similar ao que é buscado no esporte e que possui uma função "desrotinizante". Apesar de DUNNING não enquadrar o culto religioso como fazendo parte das atividades de lazer, seu caráter socializador, de despertar emocional e de função "desrotinizante" possibilitou constituir uma ponte com aquilo que é buscado na prática do esporte.

Segundo RIBEIRO, 2005 diferentemente da igreja católica, o movimento pentecostal trabalha num horizonte que dissocia o movimento corporal do prazer sexual. Com isso, os cultos acabaram incorporando a dança, o canto e a riqueza gestual como canais de acesso ao emocional, ao sagrado. A tecnologia do Corpo, segmento da Teologia da Libertação, também procurou cingir a idéia de espírito num corpo histórico e social que se encontra integrado. Para SEGUI (1992), a religação do indivíduo consigo mesmo é feita a partir da corporeidade. Já os cultos matriz africana operam de forma harmônica a idéia de espiritualidade e corpo. A sensualidade de algumas entidades não é percebida como algo que agride o sagrado, ORO (2002).

O segundo momento desse movimento foi garantir a onipresença de Deus em todos os lares evangélicos. Coube à mídia garantir o encontro com o sagrado. Graças a tal movimento foi criada uma série de produtos para o entretenimento litúrgico: CDs, DVDs, internet, games bíblicos, celulares e canais exclusivos de rádio e TV.

Mesmo um gênero musical construído para fazer a crítica social denunciar a violência sofrida pelos moradores da periferia, principalmente os negros, - o rap – criou uma modalidade específica no Prêmio Hutúz, (festival

nacional que premia o melhor do rap nacional), são músicas que falam de Deus, Orixás e Salmos: Hip-hop gospel. Em vários setores não é mais possível estabelecer limites precisos entre “praticas profanas” e “práticas sagradas”.

Para CORRÊA e ALVES (2004) essa mistificação estéril do sagrado é fruto de uma sociedade carente de valores espirituais. Para os autores, Impõe-se a concupiscência econômica-neoliberal como forma de aceitação social. Não há como desconsiderar o importante movimento produzido pelas igrejas pentecostais e neopentecostais na contenção de problemas sociais, apesar do catolicismo também intervir com as pastorais sociais, ainda está aquém dos resultados obtidos, e em desvantagem quanto a sua credibilidade, se compararmos com as evangélicas.

Como podemos perceber é um verdadeiro turbilhão que está modificando o mapa religioso no Brasil, segundo o IBGE e minha pesquisa de campo realizada com meus alunos da Universidade Guarulhos, assunto do próximo capítulo. Diante dessa realidade, se considerarmos o jovem hoje, como uma fatia de mercado ele é um espelho retrovisor da sociedade, quer aceitemos ou não, isso é um fato.

Embora nos custe reconhecê-los, por termos sido formados de outra maneira, eles têm opiniões diferentes, se as ponderarmos e aceitarmos poderá avançar na busca da saída para o emaranhado em que se encontra o gênero humano, mais especificamente o nosso jovem. As mudanças na sociedade apresentam um grande desafio para ser enfrentado pela juventude. Mas há uma experiência acumulada que precisa ser adaptada à nova realidade.

Regina Novaes ressalta a necessidade de se adotar um novo olhar sobre a juventude, um olhar menos totalizador capaz de enxergar nela, movimentos que abrem espaços para dialogar com o mundo.

> (...) quando se pretende analisar as relações entre religião e juventude, não podemos deixar de lado as inseguranças advindas dos desenraizamentos do mundo contemporâneo e as específicas dificuldades de inserção social que vive os jovens brasileiros hoje. (Regina NOVAES, 2005: p.282.)

Como ressalta NOVAES (2004). A busca da fé, é um dos ingredientes para a agregação social, é elemento constituinte da identidade juvenil. Portanto,a seguir, trabalharemos a questão da fé em diferentes abordagens.

1.5 - Caracterização da fé

A fim de reinterpretar a palavra Fé, excluindo conotações distorcidas que lhe associaram através dos séculos, Tillich, 1996 procura conceituar esta categoria sob dois enfoques: “o que é a Fé” e “o que a Fé não é”. Além disso, pretende dar conta da linguagem dos símbolos e mitos, da relação da fé com amor e ação, Fé e coragem e dos tipos de Fé.

1.5.1 - Em relação ao que é a fé

a) Fé, para Tillich, (1996. p. 60) é “... o estado em que se é possuído por algo que nos toca incondicionalmente” seu conteúdo é importante para o crente, mas é irrelevante para a definição de Fé. Para o homem do Antigo Testamento, a Fé é o estar possuído incondicionalmente por Javé e por tudo aquilo que ele representa através de seus mandamentos, ameaças e promessas. Para o homem do mundo ocidental atual, o “Status” social e ascensão econômica têm constituído uma preocupação incondicional. Aí está o deus para essas pessoas, o qual reivindica obediência incondicional às suas leis, sacrifícios nas relações pessoais, convicções próprias e criatividade.

b) fé é ato da pessoa com um todo, que se realiza no centro da vida pessoal e todos os elementos dessa vida pessoal dele participam, segundo Tillich 1996. Corpo, alma e espírito não são entidades isoladas do homem. Do ato de Fé, participam todo nervo do corpo humano, toda aspiração humana, todo impulso do espírito humano. A fé é a orientação da pessoa inteira em direção ao incondicional. Ela participa da dinâmica da vida pessoal, envolvendo

elementos inconscientes e conscientes. Sendo a fé um ato consciente, ela é uma questão de liberdade. Ela é “extática”, entendendo por “êxtase” o estar fora de si, sem deixar de ser a gente mesmo. No êxtase da fé, há uma consciência da verdade e dos valores éticos, amor e ódio, briga e conciliação, influências individuais e coletivas, como foram experienciadas no decurso da vida, tudo isso está integrado à” fé”.

c) A fonte da fé encontra-se na capacidade que o homem tem de transcender o fluxo contínuo de experiências finitas e passageiras e, de acordo com Tillich1996, a fonte da fé está na presença do elemento infinito no homem. Ela procede do centro do eu da pessoa. “Deus” ou um “ deus” é o elemento incondicional aquele que tem validade última. Daí o caráter divino que há dentro do ser humano. Deus não pode ser objeto, sem ser sujeito ao mesmo tempo. Segundo são Paulo, nem mesmo uma oração chega aos ouvidos de Deus, se não for o Espírito de Deus que ora dentro de nós. No ato de crer, a origem dessa Fé está presente de um modo que transcende a separação de sujeito e objeto.

Na fé verdadeira, a preocupação incondicional é o estar tomado pelo que é verdadeiramente incondicional, não há separação entre sujeito e objeto. Quando “coisas finitas” reivindicam infinitude para si, como exemplo a “nação” ou “vencer na vida’, pode-se perceber o objeto para o qual o crente se dirige como sujeito. Nesses casos ilustrados, trata-se de Fé idólatra, isto é, Fé em coisas passageiras e finitas que são levadas à categoria de incondicionais.

d) A fé apresenta uma dinâmica do sagrado. Tillich afirma que “Quem penetra na esfera da Fé está pisando no Santíssimo da vida” 1996, p.61. Já Otto,(1985) esclarece que o sagrado é essencialmente mistério. Quem se depara com o sagrado é por ele atraído e, ao mesmo tempo, estremecido. O coração humano procura o infinito, porque o finito quer repousar no infinito. No infinito, ele vê a sua própria realização. Mas o homem também se sente aniquilado pela presença do divino. Onde há fé, também se encontra um conhecimento do que é sagrado. O “sagrado” pode manifestar-se como uma força criadora ou destruidora. Ele é tanto divino como demoníaco. Ele nada tem a ver com a alternativa de bom e mau.

e) Fé e dúvida. Na visão de Tillich (1996), a fé é certeza na medida em que ela se baseia na experiência do sagrado, mas é cheia de incerteza pelo fato de que o infinito, para o qual ela está orientada, é experimentado por um ser finito. Aceitar o elemento insegurança na fé é um ato de coragem. Aqui se percebe claramente o comportamento dos alunos pesquisados por mim, através de minhas observações constantes, enquanto professora dessa instituição, confirmando após, com os resultados da pesquisa. Suportando, corajosamente, a incerteza, é que a fé demonstra mais fortemente o seu caráter dinâmico.

A dúvida que acompanha a fé não é a dúvida que dá origem a toda pesquisa científica. Trata-se de uma dúvida existencial. Ela não pode ser refutada com meios lógicos. Quem tem fé tem coragem, em auto-afirmar-se. A coragem é auto-afirmação de ser a despeito do fato de não- ser. A coragem de ser é a coragem de aceitar-se como aceito apesar de ser inaceitável. Fé e coragem não são sinônimos, pois a fé encerra outros elementos além da coragem. A coragem, por sua vez, tem outras funções que não a de apoiar a fé.

f) fé e comunhão. Para Tillich (1996), a Fé como ato de crer necessita de linguagem e, com isso, também da comunhão. Sem linguagem não há fé e nem experiência religiosa. A linguagem religiosa é a linguagem do símbolo e do mito, que se desenvolve na comunhão dos crentes e não é compreensível fora dela.

1.5.2 - Em relação ao que a Fé não é

A Fé não é uma dimensão de qualquer tipo de conhecimento: filosófico, científico ou de qualquer outro conhecimento de nosso mundo. Para Tillich (1996), ela gira em torno de um problema existencial: em torno da questão ser ou não- ser. O conhecimento humano da realidade tem um caráter pro balístico. A fé se encontra numa outra dimensão, ela é existencial, isto é, toda existência do homem dela participa, ressalta que o ato de vontade, por si só, não produz fé. O homem finito não pode criar, voluntariamente, o estar possuído pelo infinito. Nem a razão, nem a vontade, nem autoridades conseguem criar a fé.

c) A fé não pode ser concebida como um sentimento, pois ela não é simplesmente uma questão de emoção sem nenhuma relação com algum conteúdo que se pudesse reconhecer e sem a exigência que cabe obediência. O elemento sentimento está presente na fé, pois ela é um ato da pessoa inteira, mas o sentimento não é a fonte da fé, na tese de Tillich(1996).

d) Entre a natureza da fé e a natureza da razão não existe conflito. Razão é uma condição necessária para fé. Tillich(1996) menciona que a razão humana é finita, contudo ela não está presa a sua finitude; ela a reconhece e mediante esta instituição ela se eleva acima da finitude. Razão só chega a ser realizada quando ela é levada para além dos limites de sua finitude, embora não deixando de ser razão, razão finita, ela experimenta a presença do sagrado. A experiência extática de uma preocupação última não destrói a estrutura da razão. A razão atua na procura pela verdade, na experiência da arte e na realização da lei de conduta; ela torna possível a vida em comunhão e, portanto, se a fé estivesse em contradição à razão, ela levaria a desumanização do homem.

e) A verdade da fé não pode ser nem confirmada nem negada pelas mais recentes descobertas da física, da biologia, da psicologia e de outras ciências. Para Tillich: “A ciência só pode entrar em conflito com a ciência, e a fé apenas com fé” (1996, p.62. Aquilo que a fé denomina de verdade é diferente daquilo que é visto por outras formas de conhecimento. O “olhar” do teólogo não é o “olhar” do cientista e do filósofo. A verdade científica e a verdade da fé fazem parte de dimensões diferentes. Toda verdade científica é provisória e sujeita à constante verificação. As teorias físicas não têm nenhuma relação

direta com os fenômenos existenciais, com o sentido religioso da palavra milagre. Quanto á relação da verdade da fé e a verdade histórica, pode-se observar que esta é uma verdade baseada em fatos e que se diferencia da verdade de um poema épico e da verdade da lenda. O Antigo Testamento e o Novo Testamento, em seus trechos narrativos, ligam elementos históricos, lendários e mitológicos em grande parte, e é impossível delimitar esses elementos com segurança. Logo, não se pode exigir que fatos históricos venham comprovar a dimensão da Fé. Em outras palavras, a verdade da Fé não pode ser feita dependente da verdade histórica dos relatos e das lendas em que essa Fé se exprime.

1.5.3 – A linguagem simbólica da fé: símbolos e mitos

Tillich, (1996) aponta a linguagem simbólica como aquela que consegue expressar o incondicional, logo a linguagem da fé é a linguagem dos símbolos e do Mito; não se deve dizer *apenas um símbolo* , mas sim *nada menos do que um símbolo*.

O símbolo fundamental para aquilo que nos toca incondicionalmente é Deus.

Esse símbolo está presente está presente em todo ato de crer, mesmo quando o ato inclui a negação de Deus. *"Deus*" é o símbolo para Deus, nesse sentido, Deus é o conteúdo próprio e universalmente válido da fé. Deus é o símbolo fundamental da fé e todas as qualidades que lhe atribuirmos, como poder, amor, justiça, são símbolos retirados de nossa experiência cotidiana. As manifestações do divino em coisas e eventos, em indivíduos e grupos, palavras ou escritos constituem outro grupo de símbolos.

Os mitos são símbolos de fé associados às lendas. Narram os encontros dos deuses entre si e dos deuses com os homens. Todas as narrativas em que se descreve a atuação divina entre os homens são mitológicos em sua essência e, por isso, sujeitas ao processo de dedetização, mas não podem ser substituídas por fórmulas científicas. Uma fé que entende seus símbolos literalmente idolatria. Ela chama de incondicional aquilo que não o é. A fé que está consciente do caráter simbólico de seus símbolos dá a Deus a honra que

lhe cabe. O cristianismo fala a língua do mito, senão ele não seria expressão daquilo que nos toca incondicionalmente.

1.5.4 – Relação entre fé, amor e ação

Tillich (1996) pesquisa a relação da fé com amor e ação e comenta que a Fé em aquilo que nos toca incondicionalmente inclui o amor, isto é, o desejo e aspiração pela reunião do separado, seja entre Deus e o Homem, seja entre duas pessoas. O amor está atuando em todo ser humano, mesmo que não esteja explícito, pois este aspira a união como fundamento último do ser. O amor encerra sentimento, mas vai além dele, pois é o poder no fundamento último de todo o ser, o poder que impulsiona o ente para além de si em direção à reunião com a outra pessoa, com o próprio fundamento do ser, do qual se encontra separado. Amor como unidade de Eros e ágape é um traço característico da fé, entendo Eros como aspiração pela auto-realização através de outros seres e ágape como a disposição a se entregar ao outro prol do outro como tal. A expressão direta do amor é ação. Fé inclui amor, amor expressa em ação, logo fé realizada em *"obras".* Onde houver fé, há preocupação, desejo em agir, mas o tipo de ação depende do tipo de fé.

1.5.5 – Fé e coragem

Outra questão estudada por Tillich (1996) é a relação entre fé e Coragem, sendo que, ao aceitar que Fé e dúvida não podem ser vistos como opostos, aceitamos que a dúvida pística[4] só é superada pela coragem. A coragem não nega que a dúvida está aí, mas ela aceita a dúvida como expressão da finitude humana. A fé vive engloba o risco de suportar a dúvida (no sentido existencial). A pessoa experimenta o incondicional em paixão, medo, desespero e êxtase. Em *A coragem*, Tillich,(1996) aponta que este elemento da fé o capacita a transportar a distância infinita entre o infinito e o finito a partir dele mesmo, isto é, a partir do finito. A natureza do ser mostra que a auto-afirmação do ser é uma afirmação que supera o não ser. Não ser pertence ao ser, não pode ser separado dele. Não podemos pensar em "ser" sem uma dupla negação, isto é, ser deve ser pensado como a negação do ser. O ser inclui o não ser, o Sim inclui ele mesmo e o Não que ele incorpora. A

[4] Fé e certeza transcendental com relação à origem, (DOOYEWEERD, 1955).

coragem de ser é uma expressão de fé, na qual a coragem é de auto-afirmação de ser a despeito do não ser. Em que pode basear a coragem de ser, se a vida é tão sem significada quanto à morte, se a culpa é tão questionável quanto à perfeição, se o ser não é mais significativo do que o não ser? A fonte básica da coragem de ser é o "Deus acima de tudo", é o transcender o Deus do teísmo[5]. Ao usar o nome de Deus, não se diz o que ele significa, pois Deus não é um eu que tem no mundo, um ego que é relacionado com um tu, como uma causa que está separada do seu efeito, como tendo um espaço definido e um tempo sem fim. Não se pode relacioná-lo à estrutura sujeito-objeto da realidade. "Deus acima de Deus" transcende, não pode ser descrito, nem em termos místicos. Contudo está presente, embora oculto, em todo encontro divino-humano. É a fé absoluta, é o fundamental do ser.

1.5.6 – Tipos de fé

Outro item trabalhado na tese de Tillich(1996) refere-se aos tipos de fé, que são construções do pensamento e não se encontram em estado puro na realidade e decorrem de dois elementos que estão na experiência do sagrado: "santidade do ser" e "santidade do dever". O primeiro elemento, de caráter ontológico, encontra-se em todo mundo e aparece em todas as religiões. O segundo, de tipo ético, está presente em todo ato de crer. Ambos se complementam. A experiência da santidade do ser não pode afastar a santidade do dever ou vice-versa.

A fé humanística, proposta pelos iluministas, tem formas de expressão mais seculares do que religiosas, assentando-se mais no tipo moral de Fé. Trata-se de uma fé secularizada e não de falta da fé. Ela sofreu influência do judaísmo, do elemento santidade do dever, e não da ciência. O tipo sacramental de fé é dominado pela lei ritual e exige purificação, preparo e sujeição ás leis litúrgicas e desempenho ético.

Finalizando este item, Tillich, (1976) e a Dinâmica da fé, faz-se necessário citar a afirmação de que é difícil definir a fé. Ela é o estado em que se é possuído por algo que nos toca incondicionalmente. Para o povo de Israel,

[5] Doutrina que afirma a existência de um Deus único e transcendente, tal como o pode conceber a razão humana(Chauí, 2006).

esta preocupação incondicional é o Deus Todo-Poderoso do Antigo Testamento, porém o que tem adquirido importância suprema para o homem, no mundo moderno, é a fé no sucesso na vida, no “Status” social e na ascensão econômica. Daí poder dizer que “onde está o teu coração, está o teu deus”. Para Tillich (1996), a fé é um ato da pessoa como um todo, é uma síntese entre cognitivo, sentimento e vontade que procede do centro do eu da pessoa. Também é comentado, neste item, a distinção entre incondicionalidade falsa e verdadeira, mediante a separação ou não do sujeito e objeto da fé. A fé idólatra é aquela que eleva coisas passageiras e finitas á categoria de incondicionais. Outros aspectos abordados neste item são as relações da fé com a razão e outros conhecimentos, fé e coragem, fé e amor, fé e dúvida, fé e comunhão. Ressalta-se aqui a afirmação final de Tillich: ”A fé se justifica a si mesma. Toda negação da fé já é expressão de fé, eis a Dinâmica da fé” (1976, p.65).

Richard Niebuhr, (1978) desenvolveu uma pesquisa sobre a fé humana semelhante à de Tillich. A sua gênese está nos primeiros relacionamentos com aqueles que cuidam de nós, na infância. Mediante nossa experiência de confiança, de fidelidade e traição com as pessoas mais chegadas, a fé vai crescendo ou não. Ela pode ser observada nas visões e valores comuns que mantêm integrados os grupos humanos. Antes de a pessoa conceber-se como religioso ou irreligioso, como católico, protestante, judeu ou muçulmano, ela já está engajada em questão de fé, pois todos nós procuramos algo para amar e que nos ame, algo para valorizar e que nos dê valor, algo para respeitar, admirar e que tenha poder de sustentar nosso ser. Ela não é necessariamente orientada especificamente a um “Deus”, pois trata de criação de significados, de um investimento de si em aquilo que tem importância definitiva. A confiança é o aspecto passivo da fé e a lealdade é o aspecto ativo. Aquela se expressa através de louvor e credos que declaram os princípios básicos do centro de valor e a fidelidade expressa-se através de atos que aumentam o poder e a glória do centro de valor.

Para Niebuhr (1978), os comprometimentos e confiança nos centros de valor e poder determinam os tipos de Fé-identidade, os quais se classificam em monoteísmo, henoteísmo e politeísmo. As formas mais populares de fé ou religião são o henoteísmo e o politeísmo. O henoteísmo (do grego heno, um +

theo, “deus”) sugere a confiança em só um deus, isto é, assume o padrão de Fé-identidade em que a pessoa investe totalmente em um centro de valor e poder, sem contudo ser por ele tocado incondicionalmente. Nesse caso, o deus do henoteísta pode ser um “idolo”, havendo uma atribuição de preocupação última a algo que não é o infinito. Nações, igrejas, universidades, partidos políticos, filosofia, movimentos ideólogicos são exemplos de centros de valor e poder, potencialmente, henoteístas. A forma mais extrema de henoteismo é o fetichismo. Sexo e dinheiro também podem constituir deuses henoteístas.

As pessoas politeístas vivem um padrão difuso de fé identidade. Possuem muitos pequenos centros de valor e poder, isto é, possuem muitos deuses: sociedade, grupos, política, herói, ídolos e outros. Continuamente as pessoas sentem a pressão que as empurra da forma politeísta à henoteísta de fé e vice-versa.

Quando não há nenhum ser sobrenatural, o valor, a fidelidade e a confiança são oferecidos a outros humanos, às pessoas de prestígio de um ambiente ou a símbolos.

Na fé monoteísta, não se nega os centros de valor e poder universais ou transcendentes, mas eles são ordenados e hierarquizados e convidam a uma identificação com uma comunidade universal, a uma “fé vindoura” que nos tira dos limites da tribo. È também denominada de monoteísmo radical. O monoteísmo radical é a confiança na fonte de tudo que dá valor e ser a tudo que existe. Ele é quase desconhecido.

Em síntese, a fé em Nieburh, é sempre confiança e lealdade a algo. Ela é um ato. Deus é o conteúdo. A religião, a política e a ciência expressam mais o padrão de fé henoteísta ou politeísta do que monoteísmo radical.

Os jovens se agrupam e se encontram pela religião, monoteísta ou politeísta, a reflexão sobre si próprio e sobre a vida se dá pela religião.

Para Durkheim (1989), a religião começa com uma fé preexistente. Ao elevar a vitalidade e a temperatura moral, a fé mostra-se ao mesmo tempo força coletiva e experiência íntima, sendo capaz de promover adesão, invenção e ação. Na fé se fundem o todo e as partes, o grupo e os indivíduos. As energias que a religião pode suscitar no indivíduo já fazem parte de seu ser e o

sustentam em sua vida: as forças ante as quais o crente se inclina não são simples energias físicas ou da imaginação, mas brotam de sentimentos sociais.

Enquanto Durkheim (1989), quase que substancializa o poder da sociedade sobre o indivíduo, Simmel (1967), alarga a possibilidade de se pensar o sentimento religioso como fruto de uma experiência pessoal, decerto inscrita num conjunto de determinações sociais e culturais, mas não provocada diretamente por uma vivência coletiva específica. As contribuições dos dois autores abrem caminho para a passagem da fé prática à fé teologal, e vice-versa, na medida em que ambas se enraízam na experiência humana. Como anota Simmel (1967) "as diferentes formas de fé (em outra pessoa, em si mesmo, em Deus) encontram-se tão relacionadas porque são variadas expressões (sociológicas) da mesma tensão espiritual".

Essa tensão corresponde à religiosidade. A diversidade e a humanidade da fé de nossos sujeitos podem ser percebidas nos resultados quantitativos de minha pesquisa.

Um outro dado importante segundo Regina Novaes (2004), nas investigações é os "sem religião", mas que não se denominam sem "fé", se organizam em dois grupos: os que acreditam em Deus e os que não acreditam. Crer na existência de Deus não pressupõe ter que aderir a uma filiação religiosa, não há o compromisso de participar de qualquer forma institucionalizada de religião.

Esse paralelo traçado me leva a pensar, será todos, ou grande parte, dos nossos jovens estão deixando de se filiar a uma determinada religião, preferindo se declarar sem religião, mas não se declaram ateus?

Talvez, essa resposta quantitativa e precisa seja alvo de outras futuras pesquisas, nesse momento, estamos analisando os jovens da Universidade Guarulhos e do curso de Pedagogia.

Capítulo II – Histórico da Cidade de Guarulhos

Introdução

O primeiro capítulo irá tratar da formação de uma capela, ao estabelecimento de um município com 447 anos de sua fundação, existe um longo percurso histórico, que nos ajudará entender porque Guarulhos é o 13° município do País em número de habitantes e a primeira não-capital no ranking das 100 maiores cidades do Brasil.

2.1 – Histórico da cidade

Guarulhos constitui-se como aldeia indígena por volta de 1560, mas seu nome, sua data de fundação e até mesmo o nome do padre fundador são alvos de polêmica. Pesquisas iniciais apontavam os nomes dos padres João Álvares , Manuel de Paiva e Manoel Viegas como possíveis fundadores.

A criação da aldeia de Nossa Senhora da Conceição, atual cidade de Guarulhos, esteve vinculada, desde o início, à Vila de São Paulo de Piratininga. A iniciativa dos colonizadores portugueses ao fundarem várias aldeias indígenas em São Paulo visava controlar o espaço para impedir a passagem dos espanhóis, que rumavam por terra, em direção às minas de ouro e prata de Potosí na Bolívia, e também se proteger contra os ataques dos índios Tamoios.

Entre 1560 e 1623, Guarulhos era chamada de Nossa Senhora da Conceição dos Maromomi. A origem do topônimo Guarulhos (Ministério da Cultura de Guarulhos, Espaço de muitos Povos. 2007 p. 8) está intimamente relacionada aos primeiros habitantes do território. Os índios Maromomi foram os primeiros povoadores do lugar. Expulsos do litoral paulista pelos índios Tupi, chegaram à região por volta do ano de 1400; eram nômades e viviam da caça, da pesca e da coleta de frutos.Os Maromomi pertencem à família dos índios Puri e ao tronco linguístico Macro-Jê. Em contato com os colonizadores, foram escravizados e, a partir de 1640, passaram a ser chamados de Guarulhos. Apesar de serem bastante citados por todos os pesquisadores da História de Guarulhos, os Maromomi são pouco conhecidos.

Estudo recente desenvolvido pelo lingüista, Benedito Prézia, doutorado pela Universidade de São Paulo, traz contribuições importantes sobre a nação Maromomi.

A partir de 1640, aproximadamente, os colonizadores portugueses passaram a chamar os Maromomi de Guarulhos, possivelmente devido à semelhança física e cultural dos Maromomi com os parentes que habitavam o litoral norte do Rio de Janeiro, na freguesia de Santo Antônio de Guarulhos. O território dos Guarulhos compreendia toda área situada entre a margem do Rio Paraíba do Sul, os municípios de São João da Barra, Itaperuna, Cambuci, São Fidélis e o Estado do Espírito Santo. Outra hipótese possível é que, com o advento da mineração de ouro em Guarulhos, em 1602, o governador-geral do Brasil, Dom Francisco de Sousa, trouxe para as minas paulistas 200 índios do Espírito Santo. Das minas de ouro paulistas faziam parte as de Guarulhos.

Os Maromomi não eram agricultores, e sim, coletores. Mantinham-se com a coleta do pinhão, da castanha da sapucaia e do mel silvestre, além da caça e da pesca. Viviam em pequenos grupos, deslocando-se de acordo com a estação das frutas e morando em abrigos provisórios (tapuisas). Por isso, esses grupos coletores e, posteriormente, os que não falavam a língua tupi foram chamados de Tapuia. Não usavam redes; dormiam no chão, sobre folhas. Há registros de um contingente de aproximadamente três mil Maromomis nas imediações de São Paulo.

Os missionários tentaram aldeá-los, mas houve muita resistência. Os poucos que foram levados para as missões fugiram, pois não se acostumaram com a vida sedentária. Mesmo assim, os paulistas tentaram escravizá-los. Com o abandono das missões, o que hoje é a cidade de Guarulhos se transformou em uma vila portuguesa.

Em 1675, nas terras de São Paulo, a aldeia de Nossa Senhora da Conceição foi elevada á condição de distrito; dez anos depois, em 8 de maio de 1685, passou à categoria de freguesia.

Apenas em 24 de março de 1880 foi elevada à condição de vila, emancipando-se de São Paulo, quando teve seu nome abreviado para Conceição de Guarulhos. A atual denominação foi assumida em 6 de novembro de 1906, quando conquistou o estatuto de cidade.

No ano em que Guarulhos completa 447 anos de fundação, é necessário observar vários aspectos para compreender sua história: seu passado geológico; sua localização geográfica; seus recursos naturais; os primeiros habitantes; os colonizadores; os imigrantes europeus, árabes e asiáticos; o processo de industrialização e metropolização. Tudo isso somado, e muito mais, far-nos-á compreender a história da cidade, que muito tem a revelar.

2.2 - Passado geológico

Quando andamos pela cidade raramente prestamos atenção nas formas topográficas do local que nos cerca e, geralmente, não vemos mais os rios e suas encostas. Quase tudo se tornou urbano. Guarulhos também pertence a essa urbanização, mas houve um passado geológico que contribuiu na sua formação.

Na região de Guarulhos o evento geológico considerado mais antigo corresponde ao desenvolvimento de muitos vulcões, que teriam entrado em erupção há cerca de 1, 5 bilhão de anos. As lavas formaram-se no fundo do oceano, que cobria o que hoje corresponde a Guarulhos. A formação desse oceano deveu-se à quebra e a separação de um grande continente que hoje não existe mais, e as partes resultantes afastaram-se uma da outra, como hoje ocorre com a América do Sul e a África, separadas pelo Oceano Atlântico.

Essas rochas vulcânicas estão hoje distribuídas principalmente no sopé da Serra do Itaberaba (ou do Gil), em Guarulhos, mas podem também ser observadas mais a nordeste e sudoeste, até a região de Araçariguama, perto do município de São Roque. Entretanto, com as mudanças que ocorreram no interior da Terra, esses continentes inverteram seu movimento de distanciamento e passaram a deslocar-se um em direção ao outro. Isso ocorreu há cerca de 1, 2 bilhão de anos, gerando zonas de subdução[6], formando um arco de ilhas - como o Japão dos dias de hoje - com grandes vulcões na superfície e no fundo do mar, e com grandes terremotos.

É interessante observar que as rochas, quando submetidas a condições de pressão e temperaturas como estas, são dobradas como papel, sem que se

[6] Processo geológico no qual o fundo do oceano penetra a Terra.

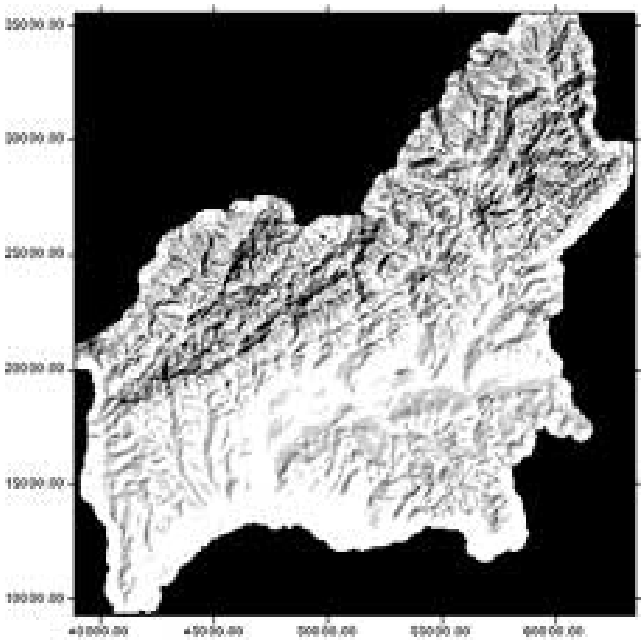
quebrem; muitos registros desse metamorfismo, suas dobras e seus minerais podem ser vistos nos arredores de Guarulhos.

Assim, Guarulhos, naquela época, era como os Andes hoje, uma grande cadeia de montanhas, com muitos vulcões e terremotos. Acalmados esses eventos ao longo de milhões de anos, a erosão causada pelas chuvas, ventos, geleiras e rios foi desgastando as montanhas, levando os sedimentos pelos rios até lagos e mares.

As chuvas torrenciais arrastavam grande quantidade de pedras, lama e areia das partes mais altas, acima das escarpas das falhas, para a parte afundada, chamada de bacia sedimentar, gerando, inicialmente, grandes deslizamentos, cujos depósitos foram remodelados por rios, em lagos, pântanos e florestas. Hoje, nas partes mais altas, esses materiais, conhecidos como sedimentos do período Terciário, já foram removidos pela erosão, estando preservados quase que exclusivamente nas baixadas.

Como o tempo geológico não pára, hoje podemos ver os rios erodindo as encostas e espraiando-se, e as lagoas – aquelas que ainda não foram preenchidas com entulhos – entre eles, na região de Guarulhos. O maior exemplo é o Rio Tietê, que originalmente tinha um traçado cheio de curvas e hoje está muito alterado pelas obras de canalização, com uma planície formada por sedimentos recentes, conhecidos como aluviões.

O contorno do relevo atual da cidade remonta a aproximadamente 60 milhões de anos. Naquela época, a região do Aeroporto de Cumbica sofreu um grande afundamento, configurando o formato atual do município.



Fonte: prefeitura de Guarulhos 2006

2.3 - Localização geográfica

Guarulhos está situada a nordeste na região metropolitana de São Paulo, a 17 quilômetros do centro da capital. (vide mapa)

Dentre os 39 municípios dessa região, é apontada pelo IBGE como uma cidade industrial. Com 320,5 km², é um município relativamente pequeno. Guarulhos tem como limites Mairiporã e Nazaré Paulista, ao norte; Santa Isabel, a nordeste; Arujá, a leste; Itaquaquecetuba, a sudeste; e São Paulo, ao sul, sudoeste e oeste.

• Limites e Distâncias às Sedes dos Municípios Vizinhos

	LIMITES	DISTÂNCIAS - Km	
		Aérea	Terrestre
MUNICÍPIOS Arujá	Leste	22,5	25,9
Itaquaquecetuba	Sudeste	18,5	28,2
Mairiporã	Noroeste	17,0	25,5
Nazaré Paulista	Norte	34,5	45,3
São Paulo	Sul - Sudoeste - Oeste	13,8	17,7
Santa Izabel	Nordeste	35,0	43,6
Fonte: SEP - P.D.D.I.G./83			

Guarulhos localiza-se sobre a área de transição entre as zonas tropicais e temperadas. O Trópico de Capricórnio atravessa o município de oeste a leste, sentido Vila Galvão e Morro Grande. O município situa-se, pois, entre os paralelos 23°16'23 e 23°30'33" de latitude sul, e entre os meridianos 46°20'06" e 46°34'39" de longitude oeste, ou seja, o município encontra-se na latitude do Trópico de Capricórnio (23°27'S), que cruza na altura do quilômetro 215 da via Dutra.

• Localização Geográfica do Município - Paralelos e Meridianos

LOCALIZAÇÃO	LATITUDE (S)			LONGITUDE (W)		
	Graus	Minutos	Segundos	Graus	Minutos	Segundos
Extremo Norte	23	16	23,8	46	21	46,1
Extremo Sul	23	30	33,6	46	33	18,4
Extremo Leste	23	19	54,6	46	20	06,9
Extremo Oeste	23	24	25,7	46	34	39,1
Fonte: SEP-DP - SIGEO / 1996 O Município é cortado pelo Trópico de Capricórnio.						

• Distribuição de Áreas

Área Legal: 341 km^2
Fonte: SEP - DP - SIGEO/1997

Estrategicamente posicionada no centro do principal eixo econômico do Brasil (São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais), Guarulhos atraiu para seu território grandes empreendimentos. Os recursos naturais, existentes no subsolo, possibilitaram o desenvolvimento regional e sua inserção privilegiada no cenário econômico desde os tempos do Brasil Colônia.

2.4 - Recursos Naturais

A existência de recursos naturais foi essencial para a fixação de grupos humanos e para o estabelecimento de atividades produtivas e comerciais. Guarulhos apresenta grandes faixas de terras de baixa qualidade para agricultura, porém possui muitas riquezas minerais no subsolo. Um estudo mineralógico da Secretaria Estadual de Agricultura de São Paulo indica a existência de ouro, pedras, areia, argila ocra, amarela e vermelha, caolim, quartzito, granito, ardósia e argila refratária. Nas partes baixas, encontram-se as terras mais férteis para atividade agropastoril.

Guarulhos é um espaço territorial privilegiado em recursos naturais, fato que possibilitou a existência de quatro ciclos econômicos correspondentes ao processo de povoamento e expansão territorial urbano: ciclo do ouro e a colonização portuguesa; o ciclo do tijolo e os imigrantes italianos, alemães, árabes e japoneses; ciclo industrial; e o processo de metropolização.

2.5 - Ciclo do ouro e a colonização portuguesa no território guarulhense

Comprovadamente, a primeira atividade econômica comercial da cidade foi a extração de ouro. A descoberta ocorreu no fim do século XVI na Serra do Jaguamimbaba, em 1597, e o feito é atribuído a Afonso Sardinha, o Velho. No início do século XVII, Geraldo Corrêa também descobriu ouro no rio Baquirivu-Guaçu e recebeu carta de sesmaria em 1611. Do início ao fim da mineração foram mais de 200 anos de atividade.

Toda atividade econômica produtiva induz outras; a atividade principal só se realiza satisfatoriamente se existir comércio, prestação de serviços, agricultura, força de trabalho, meios de transportes, estradas etc. Por isso a produção econômica é um ato eminentemente social.

Quando os colonizadores portugueses chegaram à antiga Aldeia de Nossa Senhora da Conceição dos Maromomi, vindos da Vila de São Paulo, e iniciaram a extração de ouro, Guarulhos era mata fechada. A busca pelo ouro foi o início do processo de expansão urbana e das atividades comerciais. Os

locais onde antes só existia mata passaram a sofrer interferência humana com fins comerciais. Para iniciar a extração de ouro, o minerador precisava dispor de recursos financeiros para garantir o sucesso do empreendimento. Escravos, ferramentas de trabalho, abertura de estradas, mercúrio, transporte de carga, alimento, vestuário, senzalas, armas de fogo, munição e impostos contabilizavam custos e benefícios. Muito do que se comprava era pago em ouro.

O garimpo de ouro de Nossa Senhora da Conceição estava localizado no centro da Vila de São Paulo de Piratininga, ou seja, entre a Vila de São Paulo e as saídas para o Rio de Janeiro e Minas Gerais. Os mineradores precisaram abrir caminho pela região leste, Bonsucesso/Itaquaquecetuba/São Miguel Paulista; outro pelo lado norte, Cabuçu/Santana. Por esses acessos, Guarulhos ligava-se à Vila de São Paulo, ao litoral paulista e carioca, bem como às minas velhas do sertão de Taubaté.

Ouro, caminhos, tropeiros e pousos. Guarulhos começou assim em seu processo econômico. Um dos pousos de tropeiros mais conhecidos da região leste guarulhense fica na pequena Vila de Bonsucesso, onde se arranchavam os tropeiros por causa da água do Rio Baquirivu-Guaçu e da vegetação para alimentar animais. No local, confluem a Estrada das Lavras e a do Caminho Velho.

Em torno dos pousos de tropeiros formaram-se pequenos povoados dotados com um mercado coberto com folhas de pindoba, uma igreja, uma praça e poucas casas. Algo muito semelhante a Bonsucesso, onde, no pequeno largo da praça existem a Igreja de Nossa Senhora de Bonsucesso, construída em taipa de pilão, e a Igreja de São Benedito dos Homens Pretos, onde há mais de 250 anos é realizada a romaria e a Festa da Carpição. O lugar compõe parte do cenário do ciclo do ouro da cidade. Percebe-se, nesse dado histórico, uma forte presença da tradição católica, desde sua origem até os dias atuais.

O mais importante sítio arqueológico, para compreender os métodos de mineração de ouro no Brasil, encontra-se em Guarulhos. Trata-se do Sítio Arqueológico do Garimpo de Ouro do Ribeirão das Lavras. Para o geólogo da Universidade de São Paulo, Caetano Juliani, "... o local pode ser considerado

um laboratório por tudo que oferece em termos de conhecimento mineralógico,histórico, geológico e ambiental" (1995: p.13).

A exploração do ouro, entre outros fatores, trouxe a Guarulhos duas novas etnias: os colonizadores portugueses e os negros africanos. Nesse período, índios, brancos e negros foram os principais atores da História da cidade. Quando se esgotaram as atividades de mineração do ouro em Guarulhos sucedeu-se outro modelo de ocupação, como veremos adiante.

2.6 - Ciclo do tijolo e os imigrantes italianos, alemães, árabes e japoneses

Com o esgotamento das atividades de mineração de ouro, o povoamento e as atividades econômicas deslocaram-se dos morros, nas regiões norte e leste da cidade, para as áreas próximas aos rios Tietê, Cabuçu de Cima e Baquirivu-Guaçu. A partir de 1870, a imigração subvencionada trouxe milhares de imigrantes europeus para o território paulista; muitos italianos, alemães, espanhóis e portugueses vieram para Guarulhos; num segundo momento chegaram também turcos, libaneses e japoneses. As condições naturais existentes em Guarulhos - água, argila, madeira, areia e pedra - e a proximidade com a capital paulista possibilitaram o desenvolvimento de um novo ciclo econômico, baseado no tijolo cozido. Outro fator importantíssimo para o ciclo do tijolo foi a extração da cal, mineral empregado na feitura da massa.

O consumo de tijolos cozidos na região metropolitana, utilizados em galpões industriais, vilas operárias, pontes, igrejas, prédios e moradias fez aumentar a demanda, concorrendo para a ampliação do número de olarias, fábricas e, consequentemente, para a diversificação econômica da cidade. No bairro da Ponte Grande existiu o Porto da Igreja de Nossa Senhora da Conceição. Local de escoamento da produção de tijolos e areia, via rio Tietê, para a cidade de São Paulo, o porto propiciou abertura de novas estradas, ampliação do comércio, incremento do rebanho bovino e do número de engenhos voltados para a produção de cachaça.

O ciclo do tijolo, entre outras coisas, trouxe três elementos novos para o cenário político da cidade: implantação das primeiras indústrias, o modelo

assalariado para a remuneração do trabalho e o aparecimento dos primeiros operários urbanos. Na Inglaterra, as oficinas artesãs precederam a indústria; em Guarulhos o processo industrial foi antecipado pelas olarias, também chamadas de proto-indústrias.

2.6.1 - Ciclo industrial

O ciclo industrial guarulhense começou paralelamente ao ciclo do tijolo. Em 1915, a primeira fábrica instalada em Guarulhos, de propriedade da Companhia Agrícola e Industrial de Guarulhos, no bairro de Vila Galvão, produzia tijolos cozidos e telhas. A presença dos povos que chegaram na segunda leva da imigração – turcos, libaneses e japoneses - contribuiu para a história local, fato que pode ser constatado nas áreas do comércio, da agricultura e do setor hortifrutigranjeiro. Em 1950, o ciclo econômico da cidade já era considerado industrial.

2.6.2 - Processo de metropolização

Guarulhos faz parte do seleto grupo das dez cidades brasileiras responsáveis por 25% do Produto Interno Bruto. A cidade conta com 2.300 indústrias, 15 mil estabelecimentos comerciais e 45 mil empresas prestadoras de serviços. Em 2006, atingiu o 9° maior PIB do País, sendo os dez maiores São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Manaus, Belo Horizonte, Campos de Goytacazes, Curitiba, Macaé, Guarulhos e Duque de Caxias.

O desenvolvimento econômico e urbano de Guarulhos pode ser compreendido a partir da combinação de fatores naturais e sociais. Condições naturais apropriadas e proximidade da capital paulista possibilitaram a integração da cidade no contexto de desenvolvimento produtivo nacional, além de ações planejadas e subsidiadas pelo Estado para industrialização do País, durante o século XX.

2.6.3 - Explosão demográfica e oferta de emprego

Da década de 40 ao fim da década de 80, cinco fatores foram essenciais para o avanço da industrialização guarulhense: início das obras de construção da Base Aérea de Cumbica e da estrada Rio-São Paulo; força de trabalho disponível; implantação do loteamento Cidade Satélite Industrial de Cumbica, em 1946, pela família Guinle e o Aqüífero Cumbica. Esses fatores representaram o divisor de águas para a próxima fase da industrialização da cidade, sem desconsiderar os demais.

As obras da Base Aérea de Cumbica e da estrada Rio-São Paulo, que atravessa a parte mais baixa da cidade, têm concorrido também para o progresso crescente que se verifica principalmente pela grande valorização de propriedades.

A transferência da Base Aérea do Campo de Marte, em São Paulo, para Guarulhos, como parte do parte do Plano Qüinqüenal de Desenvolvimento do Governo Getúlio Vargas, modificou radicalmente a vida da cidade, pois até então as atividades econômicas do município davam-se apenas no espaço territorial.

A chegada do equipamento militar significou também o início da ocupação do espaço aéreo para fins militares e comerciais; parte dos pousos e decolagens na pista da Base Aérea era voltada para o transporte de carga.

A implantação do loteamento Cidade Satélite Industrial de Cumbica e a infra-estrutura vinda com a Base Aérea mudaram o mapa de implantação de indústrias e logística na cidade. O eixo produtivo, localizado nas regiões central, sul e leste, definido pela Estrada de Ferro Sorocabana, transfere-se para Cumbica, na região leste, nas proximidades da rodovia Presidente Dutra.

Guarulhos, como já mencionamos, é favorecida por sua localização geográfica na região metropolitana de São Paulo e por estar no principal pólo industrializado, entre Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo. O ciclo industrial, diferentemente dos ciclos do ouro e do tijolo, que dispunham de sua matéria-prima no próprio município, passou a contar com matérias-primas vindas de outras regiões. Para isso, as duas principais vias de acesso, as rodovias Presidente Dutra e Fernão Dias, foram também importantes fator de estímulo à industrialização do município.

Além da localização, o Aqüífero Cumbica foi essencial para o pleno desenvolvimento do ciclo industrial da cidade. Nas palavras do geólogo Helio Nóbile Diniz:

> "... a região de Guarulhos e de Arujá é industrializada e necessita de grande quantidade de água para suas atividades e processos. A ausência de um sistema municipal efetivo de abastecimento de água fez que as perfurações de poços aumentassem bastante durante a década de 1960. Os aqüíferos nunca antes explorados favoreciam boas vazões" (2007: p.36).

O sucesso do desenvolvimento associado pode ser observado no crescimento do parque industrial da cidade. Em 1953, eram 27 grandes indústrias; em 1956, eram 90 grandes fábricas e 80 pequenas. Ao processo de implantação das indústrias de grande porte nas décadas de 1950, 1960 e 1970 correspondeu uma aceleração do processo migratório para a cidade de Guarulhos, provocando profundas mudanças na sua estrutura urbana e social. A cidade vê multiplicada sua população, como podemos verificar na tabela demográfica:

Ano	**População**	**Migrantes %**
1940	13.439	
1950	35.523	
1960	101.273	
1970	235.865	57,5
1980	532.724	71,3
1990	787.866	
2000	1.071.299	

Fontes: IBGE/Prefeitura de Guarulhos

Conforme observa o economista Paul Singer:

> ... o desenvolvimento capitalista da economia brasileira foi profundamente marcado por esta ampla mobilização do exército industrial de reserva, que deu lugar a um abundante suprimento de força de trabalho pouco qualificada, no início dócil e de aspirações modestas (2007: p.37).

A concentração de indústrias foi acompanhada pela aglomeração de forças de trabalho em loteamentos populares e ocupações de terras públicas e particulares, criando uma demanda por serviços públicos de abastecimento de água, transporte, pavimentação, educação, saúde, entre outros. Para a criação de infra-estrutura necessária à industrialização houve a socialização dos gastos e até financiamento pelo Estado, porém, para a satisfação da demanda surgida pela ocupação desordenada, decorrente do processo industrial, os gastos foram assumidos prioritariamente pelo poder público estadual.

Com o intuito de ordenar o crescimento e a ocupação do solo, a lei municipal n° 1503, de 1969, define as zonas de expansão urbana da cidade, incluindo na zona urbana vários bairros, como Jardim Rosa de França, Cocais, Taboão, Cidade Seródio, Parque Santos Dumont, Jardim Maria Dirce, Jardim Presidente Dutra, Vila Nova Bonsucesso, Jardim Leblon, Parque São Miguel, entre outros.

2.7 - Guarulhos hoje

Em 1990, algumas grandes empresas faliram e outras se mudaram do município. Nessa época falava-se que a cidade havia deixado de ser industrial, tornando-se uma cidade de serviços. O que aconteceu em Guarulhos reflete uma tendência mundial das economias periféricas frente à política neoliberal nos marcos da globalização.

Em 1989, na cidade de Washington, representantes das oito maiores economias do mundo reuniram-se e elaboraram um plano para os demais países capitalistas. A estratégia visava resolver a crise de superprodução de mercadorias e excedentes de capitais constatadas entre eles.

De forma muito resumida, a política neoliberal consiste em abertura comercial, estado mínimo e garantia de contratos. A economia guarulhense, nesse contexto, foi afetada com a política de abertura econômica. A falência de empresas e a redução da participação nas exportações do Brasil trouxeram conseqüências para a vida da cidade.

Amplos setores passaram a apostar na perspectiva de abertura da economia brasileira com a implantação da Área de Livre Comércio das Américas (ALCA) e na otimização das atividades aeroportuárias como elemento privilegiado para amplo desenvolvimento dos setores de serviços e comércio. Esperando a grande mudança de rota econômica, o município passou a receber muitos hotéis na região central e o incentivo ao turismo de negócios.

A repercussão das falências de algumas empresas, no início da década de 1990, no governo Collor, e a construção de vários hotéis no centro da cidade levaram à falsa impressão da mudança de perfil econômico do município. Para o senso comum, a economia da cidade havia deixado de ser industrial e se tornara de serviço.

A confusão sobre o destino da economia brasileira e a vocação econômica do município durou aproximadamente dez anos. A vitória dos movimentos sociais no plebiscito em 2002, no qual dez milhões de pessoas votaram contra a ALCA, e a publicação de um estudo do IBGE, em 2005, favoreceram a compreensão sobre a situação e os rumos da economia da cidade. Segundo estudo IBGE/IPEA:

> Onde se instalam indústrias concentram-se serviços e população. Tal concentração é reflexo direto do nível de industrialização. Além do próprio peso da atividade, a indústria agrega uma série de serviços em torno de si, o que faz crescer a economia local. É a indústria, e não diretamente o Aeroporto Internacional, a grande responsável pelo Produto Interno Bruto de Guarulhos. A produção se reflete na receita do município: cerca de 60% da arrecadação vêm, segundo a Prefeitura, das atividades industriais. Guarulhos faz parte do seleto grupo das nove cidades brasileiras responsáveis por 25% do Produto Interno Bruto (PIB). São 2.200 indústrias; 15 mil comércios e 45 mil empresas prestadoras de serviço; isso faz que Guarulhos seja a 7ª economia do País (2005: p.39).

Com um parque industrial diversificado, contando com 91.847 trabalhadores e mais de duas mil indústrias, a produção chega a 12,06 bilhões de reais anuais no setor industrial. Como já foi dito anteriormente, o município ocupa a 9º posição no cenário econômico, sendo responsável por 1,03% do PIB Brasileiro (IBGE-2006), o equivalente a 18.194.924 bilhões de reais. O emprego formal contabiliza 227.914 trabalhadores. Os setores de comércio e serviços completam os números do PIB local.

Segundo informações da prefeitura de Guarulhos, o setor de serviços é o que cresce em ritmo mais intenso. Seja em função das indústrias, que cada vez mais terceirizam serviços, como entregas, contratação de pessoal e manutenção, seja da presença do aeroporto, que impulsiona a implantação de uma série de serviços de transportes e logística, hotelaria, turismo e eventos. Atualmente, são mais de mil empresas dos setores de transporte e logística atuando em Guarulhos.

Para atender as exigências da produção local e de outros pólos econômicos regionais, estão em andamento a modernização do terminal de carga do Aeroporto de Cumbica e a construção do terceiro terminal; obras para interligação do Porto de Santos ao Aeroporto de Cumbica, por meio da extensão da Av. Jacu Pêssego, de São Paulo a Guarulhos; e a revitalização da Cidade Industrial Satélite de Cumbica.

A industrialização na região metropolitana, especialmente em Guarulhos, gerou enormes contrastes sociais, criando riquezas e também muita pobreza, inclusive um grande passivo socioambiental. A industrialização trouxe a formação do operariado urbano e a organização de sindicatos, partidos políticos, associações etc.

No município são registradas inúmeras greves e protestos, conduzidos por trabalhadores nas fábricas e nos bairros. A fundação do primeiro sindicato na cidade, o Sindicato dos Condutores, ocorreu em 1958, e a primeira greve operária em 1963, no governo João Goulart, que reivindicava 100% de aumento salarial.

Do processo de desenvolvimento e da forma como se deu a expansão territorial urbana é que decorreu a quantidade de problemas ambientais e

sociais: desmatamento, poluição atmosférica e água e solo contaminados. A localização geográfica do município em determinadas épocas dificulta a passagem das correntes de ar, o que agrava ainda mais a dispersão dos poluentes.

Guarulhos produz apenas 8% da água utilizada e, quando considerados os indicadores de desenvolvimento humano, renda, longevidade e educação, apenas a educação mantém-se em níveis satisfatórios, com Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,0798, o que coloca a cidade na 191° posição entre os municípios brasileiros.

Nos últimos nove anos, a prefeitura, em parceria com os governos Federal e Estadual e algumas organizações do terceiro setor, inclusive religiosas, tem investido em programas socioambientais para melhorar a qualidade de vida da população e recuperar o ambiente degradado. Existe pela frente um grande desafio, visto que a cidade de Guarulhos apresenta uma diversidade cultural e religiosa muito grande, assunto sobre o qual falaremos a seguir.

2.7.1 - Diversidade cultural e religiosa

Falar da cultura e da religiosidade guarulhenses é identificar os fios de um rico tecido social que durante todo o processo de ocupação humana do território foi sendo urdido com muitas cores e texturas. Através do mapeamento cultural e religioso podemos verificar as contribuições dos diferentes grupos étnicos que se instalaram na cidade, durante o processo de evolução urbana.

As diferentes formas de organizar a vida social, de conceber e expressar a realidade dos Maromomi, dos portugueses, dos italianos, japoneses, árabes, libaneses, dos paulistas do interior, dos mineiros, baianos, pernambucanos, paraibanos, entre outros, ganharam forma nas manifestações culturais e religiosas existentes na cidade.

A exemplo do que acontece em várias partes do País, a multiplicidade religiosa no município abarca além da Igreja Católica, muitas outras igrejas oriundas do Protestantismo. O universo religioso amplia-se com outros segmentos religiosos de matriz africana e asiática.

São inúmeras igrejas protestantes e ramificações: Presbiteriana, Batista, Metodista, Luterana, Brasil para Cristo, Congregação Cristã do Brasil, Pentecostal e ramificações religiosas como Seicho-No-lê, *Perfecty Liberty*, Igreja Messiânica, Budista, Umbanda, Candomblé, Espiritismo etc.

Podemos analisar as religiões existentes no município de Guarulhos e fazer um comparativo com os gráficos abaixo.

Em porcentagem da população

Religião	***1980***	***1991***	***2000***	**2003**
Catolicismo	89,2	83,3	83,8	
Protestantismo	6,6	9,0	10	
Sem religião	1,6	4,8	7,4	5
Espíritismo	0,7	1,1	1,3	
Religiões afro-brasileiras	0,6	0,4	0,3	
Outras religiões	1,3	1,4	1,8	

Fonte: Recenseamentos demográficos do IBGE de 1980, 1991, 2000. Pesquisa da FGV no período de 2000 até 2003.[6]

Distribuição das crenças em 2000

Distribuição da população segundo a religião ou crença, no Brasil em 2000 [7]										
religião ou crença	**Total**		***por situação domiciliar***				***por sexo***			
			urbana		***rural***		***homens***		***mulheres***	
	contingente	**%**	***contingente***	***%***	***contingente***	***%***	***contingente***	***%***	***contingente***	***%***
(total)	**169.872.856**	**100,00**	137.925.238	100,00	31.947.618	100,00	83.602.317	100,00	86.270.539	100,00
Católicas (total)	**125.518.774**	**73,89**	98.939.872	71,73	26.578.903	83,20	62.171.584	74,37	63.347.189	73,43
· **Católica apostólica romana**	**124.980.132**	**73,57**	98.475.959	71,40	26.504.174	82,96	61.901.888	74,04	63.078.244	73,12
· **Católica apostólica brasileira**	**500.582**	**0,295**	430.245	0,312	70.337	0,220	250.201	0,299	250.380	0,290
· **Católica ortodoxa**	**38.060**	**0,022**	33.668	0,024	4.392	0,014	19.495	0,023	18.565	0,022
Igrejas evangélicas (total)	**26.184.941**	**15,41**	22.736.910	16,48	3.448.031	10,79	11.444.063	13,69	14.740.878	17,09
· **de missão (total)**	**6.939.765**	**4,085**	6.008.100	4,356	931.665	2,916	3.062.194	3,663	3.877.571	4,495
· · **Batista**	**3.162.691**	**1,862**	2.912.163	2,111	250.528	0,784	1.344.946	1,609	1.817.745	2,107
· · **Adventista**	**1.209.842**	**0,712**	1.029.949	0,747	179.893	0,563	538.981	0,645	670.860	0,778

··	Luteranas	1.062.145	0,625	681.345	0,494	380.800	1,192	523.994	0,627	538.152	0,624
··	Presbiteriana	981.064	0,578	904.552	0,656	76.512	0,239	427.458	0,511	553.606	0,642
··	Metodista	340.963	0,201	325.342	0,236	15.620	0,049	146.236	0,175	194.727	0,226
··	Congregacional	148.836	0,088	125.117	0,091	23.719	0,074	64.937	0,078	83.899	0,097
··	outras	34.224	0,020	29.630	0,021	4.593	0,014	15.642	0,019	18.582	0,022
·	de origem pentecostal (total)	17.617.307	10,37	15.256.085	11,06	2.361.222	7,391	7.677.125	9,183	9.940.182	11,52
··	Assembleia de Deus	8.418.140	4,956	6.857.429	4,972	1.560.711	4,885	3.804.658	4,551	4.613.482	5,348
··	Congregação Cristã no Brasil	2.489.113	1,465	2.148.941	1,558	340.172	1,065	1.130.329	1,352	1.358.785	1,575
··	Universal do reino de Deus	2.101.887	1,237	1.993.488	1,445	108.399	0,339	800.227	0,957	1.301.660	1,509
··	Evangelho quadrangular	1.318.805	0,776	1.253.276	0,909	65.529	0,205.5214	545.016	0,6526445	773.789	0,897
··	Deus é amor	774.830	0,456	649.252	0,471	125.577	0,393	331.707	0,397	443.123	0,514
··	Maranata	277.342	0,163	266.539	0,193	10.803	0,034	117.789	0,141	159.553	0,185
··	Brasil para Cristo	175.618	0,103	159.713	0,116	15.904	0,050	76.132	0,091	99.485	0,115
··	Casa da benção	128.676	0,076	120.891	0,088	7.785	0,024	51.557	0,062	77.119	0,089
··	Nova vida	92.315	0,054	91.008	0,066	1.307	0,004	35.352	0,042	56.964	0,066
··	outras	1.840.581	1,084	1.715.548	1,244	125.033	0,391	784.359	0,938	1.056.222	1,224
·	sem vínculo institucional (total)	1.046.487	0,616	945.874	0,686	100.612	0,315	454.087	0,543	592.400	0,687
··	de origem pentecostal	336.259	0,198	305.734	0,222	30.525	0,096	144.707	0,173	191.552	0,222
··	outros	710.227	0,418	640.140	0,464	70.087	0,219	309.380	0,370	400.847	0,465
·	outras religiões evangélicas	581.383	0,342	526.850	0,382	54.532	0,171	250.657	0,300	330.725	0,383
Espírita		2.262.401	1,332	2.206.418	1,600	55.983	0,175	928.967	1,111	1.333.434	1,546
Outras cristãs (total)		1.540.064	0,907	1.441.888	1,045	98.175	0,307	646.264	0,773	893.800	1,036
·	Testemunhas de Jeová	1.104.886	0,650	1.045.600	0,758	59.286	0,186	450.583	0,539	654.303	0,758
·	Mórmon	199.645	0,118	195.198	0,142	4.446	0,014	92.197	0,110	107.448	0,125
·	outras	235.533	0,139	201.090	0,146	34.443	0,108	103.484	0,124	132.049	0,153
Umbanda		397.431	0,234	385.148	0,279	12.283	0,038	172.393	0,206	225.038	0,261
Budismo		214.873	0,126	203.772	0,148	11.101	0,035	96.722	0,116	118.152	0,137
Novas religiões orientais (total)		151.080	0,089	145.914	0,106	5.166	0,016	58.784	0,070	92.295	0,107
·	Messiânica mundial	109.310	0,064	106.467	0,077	2.843	0,009	41.478	0,050	67.831	0,079
·	outras	41.770	0,025	39.447	0,029	2.323	0,007	17.306	0,021	24.464	0,028
Candomblé		127.582	0,075	123.214	0,089	4.368	0,014	57.200	0,068	70.382	0,082
Judaísmo		86.825	0,051	86.316	0,063	509	0,002	43.597	0,052	43.228	0,050
Tradições esotéricas		58.445	0,034	55.693	0,040	2.752	0,009	27.637	0,033	30.808	0,036

Islâmica	**27.239**	**0,016**	27.055	0,020	183	0,001	16.232	0,019	11.007	0,013
Espiritualista	**25.889**	**0,015**	24.507	0,018	1.382	0,004	10.901	0,013	14.987	0,017
Tradições indígenas	**17.088**	**0,010**	6.463	0,005	10.625	0,033	9.175	0,011	7.913	0,009
Hinduísmo	**2.905**	**0,002**	2.861	0,002	43	0,000	1.521	0,002	1.383	0,002
Outras religiosidades	**15.484**	**0,009**	13.243	0,010	2.241	0,007	7.393	0,009	8.091	0,009
Outras religiões orientais	**7.832**	**0,005**	7.244	0,005	588	0,002	3.764	0,005	4.068	0,005
Sem religião	**12.492.403**	**7,354**	10.895.989	7,900	1.596.414	4,997	7.540.682	9,020	4.951.721	5,740
sem declaração	**383.953**	**0,226**	312.011	0,226	71.943	0,225	206.245	0,247	177.708	0,206
não determinadas	**357.648**	**0,211**	310.720	0,225	46.929	0,147	159.191	0,190	198.458	0,230

A pluralidade cultural e religiosa abre um leque de atividades que têm origem nos diferentes momentos da história da cidade e demonstram como os sujeitos sociais vivenciam seus costumes e experiências sociais. Para uma melhor sistematização podemos dividir o cenário cultural em cincos tópicos: manifestações de tradição religiosa, de tradição caipira, de tradição estrangeira, movimentos culturais e casas de cultura e instituições públicas de cultura.

2.7.2 - Manifestação da tradição religiosa

A presença da Igreja Católica como principal instituição orientadora e reguladora da vida social durante todo o processo de evolução do município, conforme citado anteriormente, possibilitou a reelaboração de manifestações da cultura popular com forte influência religiosa. Desse processo podemos destacar as festas de Bonsucesso, da Carpição e do Santuário de Bom Jesus da Cabeça, a Procissão do Cristo Morto, Corpus Christi e a Folia de Reis.

2.7.2.1 - Manifestação da tradição caipira

Com o processo de urbanização e deslocamento das populações rurais para os centros urbanos as vivências culturais sertanejas manifestam-se na recriação de espaços de convivência e atividades coletivas. A presença sertaneja se expressa em Guarulhos na música de raiz, catira, casas do norte, casa de danças regionais, festas nordestinas e grupos de repentistas.

2.7.2.2 - Manifestação de tradição estrangeira

A cidade é formada por povos de mais de 40 nações. A presença cultural desses povos originou colônias de imigrantes que se reúnem, organizam eventos e mantêm vivas tradições culturais de seus países de origem.

Em Guarulhos as escolas celebram a Festa das Nações em homenagem aos vários povos que convivem no município. Os grupos étnicos organizam festas ou semanas culturais por meio de suas colônias, com exposição e apresentações de danças, músicas e comidas típicas. Anualmente, eventos desse tipo são organizados principalmente pelo Círculo Italiano, pela Liga Árabe Cultural e pela Associação da Cultura Nipônica.

É interessante observar nessas festas a grande diversidade religiosa convivendo harmoniosamente, embora em ambientes distintos, cada qual professe sua religião.

2.7.2.3 - Cenário cultural

As décadas de 1960 e 1970 corresponderam ao período de maior repressão política da ditadura militar. Os espaços públicos de convivência social na cidade de Guarulhos e demais centros urbanos desapareceram devido ao controle repressivo. No final da década de 1970 os movimentos culturais assumiram um papel fundamental para dar voz ao povo por meio da linguagem artística. Os centros populares, as casas de cultura e associações culturais tiveram papel importante no processo de democratização, anistia e posterior abertura política, como instrumentos de discussão e divulgação dos problemas sociais, além de constituírem-se como espaços de expressão artística e cultural para jovens estudantes, professores e operários.

As principais iniciativas registradas na cidade de Guarulhos nos últimos 30 anos foram a Temporada de Arte e Cultura (TAC), a Casa de Cultura Paulo Pontes (1977) e o Grupo Cultural Letra Viva.

As principais instituições públicas de cultura mantidas pelo poder municipal são a Biblioteca Municipal Monteiro Lobato, o Conservatório

Municipal de Música, os teatros municipais, os centros de exposição e museus e o Arquivo Histórico Municipal.

2.8 - Educação escolar em Guarulhos

A educação escolar em Guarulhos está diretamente relacionada com a história educacional do Estado de São Paulo. As primeiras ações no município foram concretizadas pelos padres jesuítas, que chegaram ao núcleo indígena de Nossa Senhora da Conceição por volta de 1580, iniciando a catequese dos Maromomi. O padre Manuel de Paiva, é considerado pelos historiadores locais como o primeiro educador da cidade.

O sistema educacional de Guarulhos, no século XIX, a exemplo do sistema educacional brasileiro, era extremamente precário. Escolas eram fechadas ora por falta de professor, ora pela evasão escolar, o que não permitia reunir em uma única classe o número mínimo de alunos exigido para seu funcionamento, isto é, 16 alunos. Faltavam recursos para pagamento de professores, compra de material didático e até para pagamento do aluguel dos imóveis onde funcionavam as escolas.

As escolas isoladas, assim denominadas as unidades escolares onde os professores ministravam o ensino para crianças de diversas idades e com conhecimentos e habilidades heterogêneos, situavam-se, geralmente, nas zonas rurais e suburbanas e tinham como objetivo alcançar a população mais carente de instrução. Foram as únicas alternativas de acesso à educação pública no município até 1926, quando foi inaugurado o primeiro grupo escolar, a Escola Estadual Capistrano de Abreu, localizada na rua Luiz Faccini e posteriormente transferida para a rua Capitão Gabriel, resultado de pressão da elite dominante local.

Na última década do século XX, assistimos a um aumento dos investimentos na área educacional, sobretudo nas instituições municipais de Educação Fundamental e nas instituições privadas de Ensino Superior. A cidade apresenta uma taxa de analfabetismo de 5,80%, ou seja, 94,2% da população são alfabetizados. Em 2007, o município contava com uma rede de 36 creches, 88 escolas de Educação Infantil e 65 escolas de Ensino

Fundamental, com mais de 3mil educadores. Na rede estadual são cerca de 180 escolas e 1600 professores.

A cidade tem seis faculdades privadas: Faculdades Integradas Torricelli, Faculdade Paulista de Informática e Educação, Faculdades Guarulhos e Faculdades Integradas Guarulhos; e duas universidades: Universidades Guarulhos (UNG) e Universidade Federal do Estado de São Paulo (Unifesp).

Nos últimos anos, a prefeitura em parceria com os governos Federal e Estadual tem feito notórios investimentos no setor educacional, embora ainda haja um longo caminho a ser percorrido. Apenas 4,03% da população estudam 15 anos ou mais.

2.8.1 - Universidade Guarulhos

No dia 12 de outubro de 1969, seis educadores que faziam parte do corpo docente do antigo Colégio Claretiano assumiram um projeto audacioso: fundar a primeira instituição de ensino superior de Guarulhos. E conseguiram. Naquela data nascia a Associação Paulista de Educação e Cultura (Apec) que um ano mais tarde passou a funcionar como Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Farias Brito. O primeiro vestibular aconteceu em 30 de agosto de 1970, e as aulas tiveram início em 21 de setembro do mesmo ano, com a freqüência de 560 alunos. Novos cursos foram criados, a infra-estrutura e a área ocupada aumentaram e, em 1985, a Faculdade deu lugar à Universidade Guarulhos.

2.8.1.1 - Cronologia

1969 - Fundação da Apec (Associação Paulista de Educação e Cultura). A educação confessional aos poucos assume um papel laico**.**

1970 - primeiro vestibular da instituição e autorização do Conselho Federal de Educação para passasse a se chamar Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Farias Brito.

1985 - a Faculdade dá lugar à UnG, que expande a oferta de cursos.

2.8.1.2 - Agente Gerador de Desenvolvimento

Quando foi idealizada a então Associação Paulista de Educação e Cultura (Apec), Guarulhos assistia ao início de um processo de grande desenvolvimento industrial, mas contava com uma população extremamente carente de educação superior. Essa realidade levou a instituição a optar por uma linha pedagógica voltada às aspirações e às necessidades da sociedade local e a dirigir seus esforços para a formação de pessoas com capacidade de integração plena na configuração socioeconômica que se consolidava rapidamente. Não conseguiu atingir seu ideal, pois a sociedade local era, na maioria, constituída pela elite guarulhense com interesses comuns.

A Universidade Guarulhos conta hoje, para atender e formar seus 20 mil alunos, com mais de dois mil docentes e funcionários, cinco unidades, 89

laboratórios, seis clínicas (Enfermagem, Odontologia, Psicologia, Fonoaudiologia, Nutrição e Fisioterapia), Hospital Veterinário, Laboratório de Análises Clínicas, Escritório de Assistência Jurídica, mais de 50 cursos entre graduação convencional, tecnológica e seqüencial, 18 opções de cursos de especialização (*lato sensu*), três programas de mestrado recomendados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes): Análise Geoambiental, Odontologia e Enfermagem – este último, o único reconhecido entre as universidades privadas, programa de doutorado em Odontologia, além de parcerias com instituições de ensino e pesquisa do Brasil e do exterior.

A missão da Universidade Guarulhos é proporcionar um ensino superior de qualidade. Seu compromisso é a formação de cidadãos inovadores e responsáveis, dotados das competências necessárias à inserção no mercado de trabalho e em condições de nele atuar com alto nível de desempenho criativo. Voltada integralmente para o aluno, o seu objetivo maior é a qualificação para o empreendedorismo e para a empregabilidade, entendida em seu mais amplo sentido: aquisição de um novo emprego, melhoria do emprego já existente e capacidade de adaptação às transformações do mercado de trabalho. A Universidade Guarulhos busca incessantemente traduzir em iniciativas e atos concretos o lema sempre reafirmado pelo prof. Antonio Veronezi, um de seus fundadores e seu atual chanceler: “O futuro, para ser alcançado, sempre precisa de um passo, e nós estamos sempre prontos para dá-lo” (2005, p.16).

Essa missão ainda está longe de se concretizar plenamente, embora se perceba, por algumas pessoas que fazem parte da Universidade, um esforço. Para cumprir tal missão, a Universidade ainda precisa investir continuamente em infra-estrutura, recursos humanos e aperfeiçoamento. Ações integrando teoria e prática ainda estão muito aquém do ideal, para a formação de profissionais qualificados para a demanda do mercado. As queixas dos alunos com os quais trabalhava eram sempre sobre a dificuldade de saber aplicar a teoria aprendida em atividades cotidianas da profissão.

Ao mesmo tempo em que se diz sensível às carências e às demandas da comunidade local, necessita ainda ampliar ações de responsabilidade social, pois Guarulhos ainda é muito carente nessa área.

2.8.1.3 - Curso de Pedagogia

Segundo o Projeto Pedagógico de 2003.

O curso de Pedagogia da Universidade Guarulhos já vem atendendo às exigências da Lei 9394/96 desde 1997, quando, modificou sua estrutura curricular com o intuito de garantir a qualidade na formação do educador, no que se refere à gestão do trabalho pedagógico na educação formal e não-formal, incluindo o planejamento, a execução e a avaliação de sistemas, unidades e projetos educacionais.

Em 2003, propõe-se a formação dos professores para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental e para a Educação Infantil faça parte das habilitações oferecidas.

Objetivos

O Curso de Pedagogia da Universidade Guarulhos tem por objetivos:

- a formação do professor do magistério em nível médio;
- a formação do professor para os anos iniciais do Ensino Fundamental;
- a formação do professor para a Educação Infantil;
- a formação do administrador escolar;
- a formação do supervisor escolar e
- a formação do orientador educacional.

O curso foi concebido para a formação do profissional de educação, através de um projeto pedagógico que assegure aos alunos competência técnica e formação humanística, considerando os pressupostos da Ciência.

O curso se fundamenta nos seguintes princípios:

1. Desenvolvimento de um currículo que relacione dialeticamente as dimensões teoria/prática, direcionadas para a construção do conhecimento e sua apropriação pelo aluno durante o processo de formação acadêmica;

2. Desenvolvimento de formas educativas capazes de facilitar e contribuir efetivamente para o processo ensino-aprendizagem, de sorte que, ao participarem de situações concretas, os alunos se reconheçam como sujeitos da realidade e venham a captar o seu sentido teórico-prático.

3. Desenvolvimento de práticas acadêmicas que assegurem experiências funcionais de aprendizagem, nas quais os alunos possam ter oportunidade de participarem efetivamente de situações reais.

4. Incorporação de novas tecnologias produzidas pelo avanço do conhecimento, exigidas pelas realidades do cenário social, em constante processo de mudança.

Finalidades

As finalidades do curso estão de acordo com o Art. 43, que trata da Educação Superior, no que se refere a:

- Estimular o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo;
- Formar profissionais aptos para sua inserção em diferentes setores do mercado de trabalho, preparados para o desenvolvimento da sociedade brasileira e colaborar na sua formação contínua;
- Incentivar a pesquisa, visando ao desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura;
- Estimular o desejo de atualização permanente, tendo em vista que a formação não se esgota na graduação;
- Prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade.

Após uma formação básica de professor, busca-se a formação profissional, de acordo com a habilitação pretendida.

Habilitações

O curso é organizado de forma a oferecer duas habilitações – magistério e gestão – no prazo de seis semestres. Aos formados e demais portadores de diploma de Pedagogia, a Universidade oferece habilitações para supervisão e orientação a serem cumpridas em um semestre letivo:

1 – Magistério das Matérias Pedagógicas: forma o formador do professor em nível médio (somente oferecida aos alunos atuais).

2 – Magistério dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental: prepara o professor para atuar nos quatro primeiros anos (1ª à 4ª série);

3 – Magistério da Educação Infantil: prepara o professor para atuar na educação das crianças de 0 a 6 anos;

4 – Administração Escolar: prepara o profissional da educação que vai administrar a escola, planejar, elaborar e desenvolver projetos educacionais.

5 – Supervisão Escolar: forma o profissional que coordena e supervisiona a ação pedagógica na escola de educação básica.

6 – Orientação Educacional: forma o profissional que orienta a ação pedagógica na escola de educação básica.

Perfil profissional

O aluno egresso do Curso de Pedagogia, deverá ser um profissional habilitado a atuar no ensino, na gestão da escola, na elaboração e na avaliação de projetos educacionais, na assessoria e acompanhamento de projetos interdisciplinares que incorporem as novas tecnologias, na orientação educacional em diferentes áreas profissionais, tendo como formação básica a docência.

Além disso, como o pedagogo é um especialista em educação; poderá assessorar empresas na seleção e formação continuada do pessoal, definindo material didático e metodologia.

Outro campo de trabalho para o pedagogo é na indústria, no desenvolvimento de produtos que auxiliem no desenvolvimento infantil, ou nos meios de comunicação em programas educativos, de rádio e televisão principalmente.

O Curso de Pedagogia da Universidade Guarulhos, em todas as habilitações, abrange conteúdos e atividades que possibilitam ao futuro educador desenvolver as competências e habilidades próprias de sua área de atuação.

Conteúdos curriculares

Na elaboração do novo currículo do Curso de Pedagogia, partimos do pressuposto de que a seleção de conteúdos é o meio para se atingir os objetivos propostos. Em relação aos conteúdos básicos, a organização do currículo engloba:

- o estudo dos conteúdos curriculares da educação básica, conforme os parâmetros curriculares nacionais;
- a articulação entre as teorias pedagógicas, as didáticas e as metodologias;
- o conhecimento construído articulado à pesquisa e à prática da formação;
- o conhecimento dos processos de organização, gestão e coordenação da ação pedagógica;

Desta forma, os conteúdos estão distribuídos em quatro conjuntos:

1 - Conteúdos pertinentes às diferentes áreas específicas das ciências humanas e naturais, da cultura e das artes, conhecimentos sobre os diversos aspectos da realidade, necessários para um repertório de cultura geral. Nesse conjunto estão incluídas disciplinas tais como Filosofia da Educação, História da Educação, Sociologia da Educação, Política Educacional, entre outras.

2 - Conteúdos referentes ao desenvolvimento das competências didático-pedagógicas, que habilitem o futuro professor a exercer suas funções mais específicas. Neste conjunto encontramos a Didática, Currículos e Programas, Metodologias de Ensino, Avaliação Educacional, Informática em

Educação, além das atividades de Prática de Ensino e Estágio Supervisionado, entre outras.

3 - Conteúdos relacionados ao desenvolvimento de uma cultura científica de base nas ciências humanas e sociais no que se refere à educação, que incluem o conhecimento dos processos de desenvolvimento cognitivo, social, afetivo, moral de crianças, jovens e adultos. Neste aspecto incluímos a Psicologia da Educação, Psicologia do Desenvolvimento, a Educação de Jovens e Adultos, a Avaliação educacional, entre outras.

4 - Conteúdos relativos à condição existencial humana, tanto em seu aspecto individual quanto em seu aspecto social, que implica no conhecimento do indivíduo, das relações humanas, dos grupos sociais. Nesse conjunto encontram-se as disciplinas de Inclusão de Portadores de Necessidades Especiais, a Administração da Escola de Educação Básica, Supervisão da Escola de Educação Básica, Orientação Vocacional, entre outras.

Organização curricular

O curso tem a duração de 2.800 horas, distribuídas em seis semestres (três anos), com disciplinas de 72 ou 36 horas de carga horária, incluindo 1000 horas de prática de formação, 400 horas de projetos e pesquisa para a prática de ensino, 400 horas de estágio supervisionado na docência e na gestão da escola e 200 horas de atividades complementares - exceto para a habilitação Magistério das Matérias Pedagógicas, que mantém o currículo original.

Tendo em vista a importância da prática pedagógica na formação docente, há uma estreita relação entre a teoria e a prática em todas as disciplinas que compõem o currículo do curso. Assim, desde o primeiro semestre, os alunos têm oportunidade de observar, participar, analisar, refletir e atuar nas escolas de Educação Básica, particularmente no Ensino Fundamental, aplicando aí os conhecimentos que constroem nas aulas da Universidade. Cada disciplina contribui para essa formação, propondo atividades práticas relativas à sua área, mantendo, com as demais, uma articulação necessária à formação global do aluno. Propõe-se, dessa forma, uma abordagem interdisciplinar, em que as diferentes disciplinas se relacionam

e se interpenetram, numa integração curricular que permite que todos os professores do curso participem e contribuam para a formação prática dos seus alunos.

A organização curricular assegura aos alunos uma permanência nas escolas do sistema de ensino, uma vez que tanto a instituição formadora quanto as escolas constituem-se como espaços de formação teórica e prática. A iniciação à pesquisa do aluno do Curso de Pedagogia far-se-á ao longo do curso, culminando, ao final, com um trabalho de conclusão do curso decorrente, especialmente, das experiências propiciadas pelas atividades propostas.

Parte prática de formação

Desde o primeiro semestre do curso, os alunos serão envolvidos em atividades práticas de *pesquisa, projetos*, *observação e análise de práticas educativas, participação em eventos culturais e científicos*, entre outras, perfazendo um total de 1000 horas que compõem a parte prática de formação. Essas atividades incluirão 400 horas de estágio supervisionado, 400 horas de prática de ensino (projetos e pesquisa) e 200 horas de atividades complementares. A parte prática da formação será, assim, o elemento articulador entre a formação teórica e a prática profissional.

A proposta é a de que, a cada semestre, uma disciplina seja referência para a pesquisa a ser desenvolvida. Os professores deverão propor atividades práticas relacionadas à pesquisa, solução de problemas, análise da realidade etc., de acordo com a disciplina/referência.

Com base no que descrevemos até aqui, percebe-se que o projeto pedagógico do curso de Pedagogia da Universidade Guarulhos é perfeito no papel, mas na prática existem ainda muitas barreiras para serem derrubadas.

O Projeto-Pedagógico é o instrumento teórico-metodológico que a escola elabora com a finalidade de apontar a direção à comunidade escolar, o caminho a ser percorrido para realizar a sua função educativa. Adita Cruz (2005: p.10) que “O projeto político pedagógico deve ser entendido, portanto, como uma construção contínua por todos os sujeitos envolvidos no processo educativo da escola. Não é algo que é elaborado e em seguida arquivado ou encaminhando às autoridades educacionais como prova de tarefas burocráticas”.

Capítulo III

Opções religiosas dos jovens Universitários de Guarulhos

> Fazer ciência é fascinante porque trabalha-se com a pureza que é a verdade. Com ela, pode-se descobrir e construir coisas maravilhosas, cujo beneficiário é o próprio homem.
> As coisas da natureza, do universo e de outros mundos são grandiosos demais para a ciência encontrar respostas e explicações para tudo. E, então, é tempo de se encontrar um novo método para conversar com o seu Criador. Deus. (OLIVEIRA, Silvio Luiz, 2002)

O estudo se caracteriza por ser de abordagem quantitativa pela sua sistemática, e, principalmente pelo objetivo geral que é estabelecer a Opção Religiosa dos Estudantes do Curso de Pedagogia, da Universidade Guarulhos.

O solo dessa pesquisa é minha experiência e observação constante de longos anos na docência, e no qual se misturaram práticas pedagógicas, intuições, teorias, partilhas e de outras pesquisas (RIBEIRO, 1998).

Optei por pelo método quantitativo, segundo Sergio Luiz de Oliveira (2002), por ser muito utilizado pelo alto grau de precisão nos resultados, onde se procura descobrir e classificar a relação de causalidade entre os fenômenos: causa e efeito.

O método quantitativo, conforme o próprio termo indica, significa quantificar opiniões, dados nas formas de coleta de informações, assim como também com o emprego de recursos e técnicas estatísticas desde as mais simples, com percentagem, média, moda, mediana, e desvio padrão, até as de uso mais complexos, como coeficiente de correlação, análise de regressão etc.

Esse método escolhido por mim para minha pesquisa de campo, é de grande valia nas pesquisas descritivas, na qual se caracteriza pela formulação de hipóteses pelo pesquisador, que serão verificadas por meio de testes estatísticos a fim de descobrir e classificar a relação entre duas ou mais variáveis, buscando as evidências numéricas para comprovação das hipóteses, portanto, palco de meu trabalho.

A escolha dessa metodologia, traduz uma concepção de produção de conhecimento entre o pesquisador e os sujeitos envolvidos, (os jovens).

O estudo se caracteriza por ser do tipo exploratório, cujo objetivo geral é o de estabelecer o perfil dos jovens universitários, do curso de Pedagogia da Universidade Guarulhos, que elegeram em primeiro lugar o item “ Acredito em

Deus mas não tenho religião". Como objetivo específico, o estudo procurou identificar a filiação religiosa dos jovens que participaram da pesquisa "Juventude e Religião no Espaço Universitário".

O PERFIL DOS SUJEITOS PESQUISADOS

Foram selecionados 30 universitários da Universidade Guarulhos (10%), na faixa etária entre 18 e 32 anos, todos cursando o 5° ou 6° semestre do Curso de Pedagogia.

O questionário com questões fechadas, foi elaborado pelo professor Dr. Jorge Cláudio Ribeiro no estudo de caso "Perfil da religiosidade do universitário", realizado na PUC-SP em 1996 e readaptado por mim para atender a especificidade de minha pesquisa.

O questionário contemplou os seguintes eixos temáticos: caracterização do jovem (idade,sexo,raça,); escolaridade do entrevistado e de seus pais(grau de escolaridade, cursos); inserção no mercado de trabalho (exerce atualmente atividade remunerada ou atividade voluntária); renda familiar (da casa do entrevistado); definição política; estudou a maior parte do tempo,em escola pública ou privada; resido em casa própria ou alugada (moro com meus pais,sozinho,com outros parentes, ou amigos); participo de grupos de convivências (religioso,político,cultural,internet,ong ,associação de bairro ou comunitário); atividades de lazer(música, TV, cinema, teatro, fazer compras, viajar,estudar, praticar esportes); e no último item a religião (vivência e escolhas religiosas).

Antes da aplicação do questionário, os alunos conheceram a finalidade do estudo e seus objetivos, apresentei pessoalmente o questionário e esclarecia individualmente quaisquer dúvida.

Apresentei para os alunos pesquisados, a finalidade de conhecer a escolha religiosa dos alunos da Universidade Guarulhos, suas tendências, dúvidas, conflitos frente ao tema, direcionando meus objetivos para futuramente em novas pesquisas, traçar um mapa do perfil religioso dos universitários do município de Guarulhos.

O que pensam os alunos pesquisados

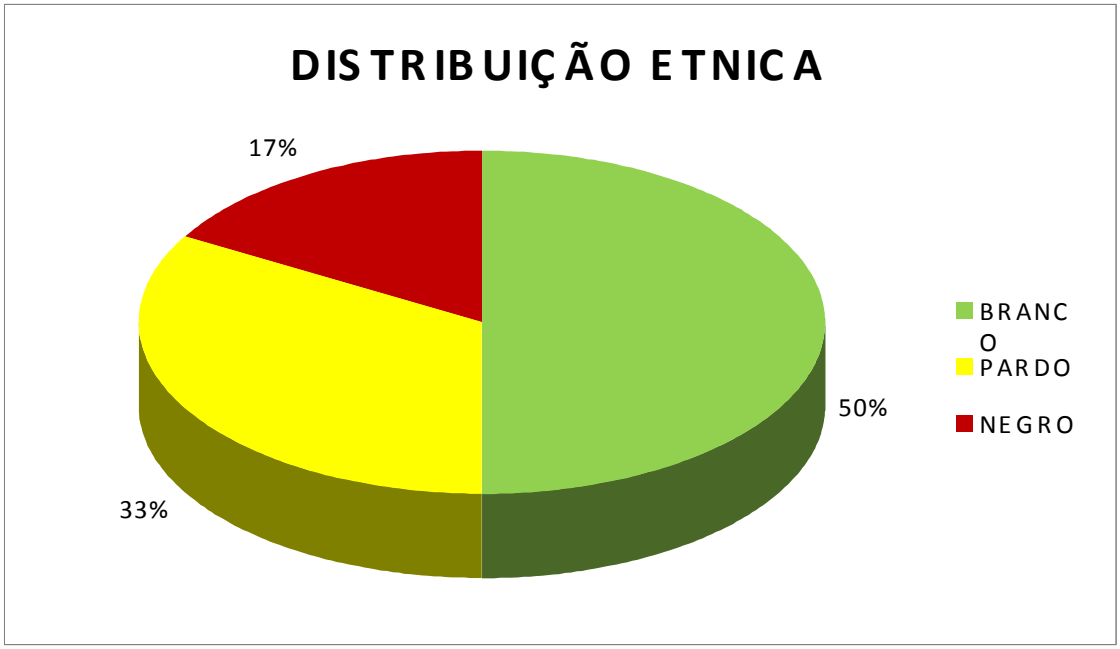
Pude observar que durante a aplicação dos questionários, os alunos queriam sempre fazer perguntas sobre diferentes religiões, mesmo professando sua escolha religiosa naquele momento, durante o preenchimento do questionário. Percebia-se uma grande curiosidade sobre o assunto, pediam para que explicassem sobre o tema "Ciências da Religião" Com essa observação embora empírica, segundo a concepção simmeliana a religiosidade integra a existência: "A religiosidade, em sua pura essência livre de toda matéria empírica, é a vida": justifica o fato de que em 60,0% das respostas, na minha pesquisa, os jovens marcam suas dúvidas sobre as religiões ao afirmar "Gostaria de conhecer outras religiões" ou se reconhecem ateus, ou agnósticos (0,5%), talvez até por desconhecerem outras religiões.

Outro dado intrigante em minha pesquisa é quando perguntado qual sua religião atual, mesmo os evangélicos com um percentual de 30%, no quesito conhecer outras religiões, atingiu um dado relevante de 50%, confirmando aqui a minha observação e vivência diária, quando vinham me perguntar sobre outras religiões.

O perfil dos alunos pesquisados da Universidade Guarulhos, no curso de Pedagogia, 5° e 6° semestres são 100% do gênero feminino conforme mostra o gráfico abaixo. Justifica aqui, as falas de minhas alunas, ainda ser o magistério opção das maiorias das mulheres, por ser uma função possível de coordenar o cuidar da casa e da educação dos filhos, pelos horários flexíveis, ou seria ainda, pela tradição arraigada, como o fato de cabe somente a mulher o ônus de cuidar, zelar e educar seus filhos.

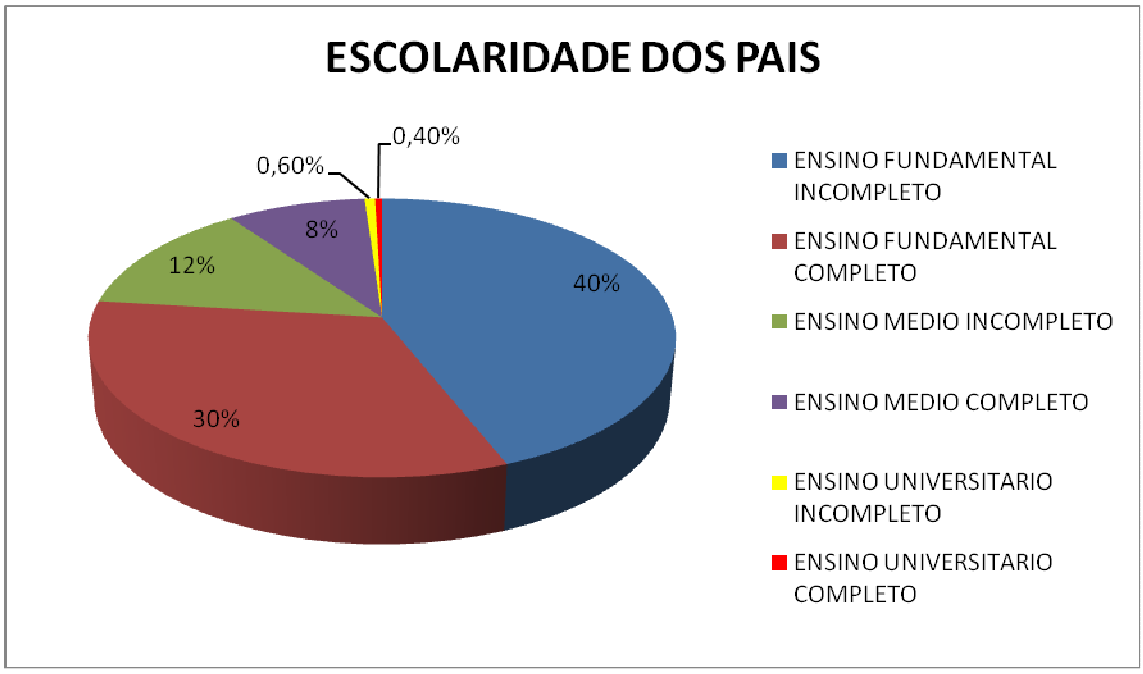
Apesar de serem teorias extremamente machistas, não cabíveis no mundo contemporâneo, ainda perpetuam em alguns seguimentos da nossa sociedade.

Outro item relevante de minha pesquisa, que também vem confirmar minha observação empírica, é a questão da etnia, 50% dos entrevistados se caracterizam como brancos 33,3% pardos e 16.7% negros (Gráfico 1). O público universitário ainda é na sua maioria composta de brancos, mesmo no município de Guarulhos que possuí uma alta taxa de miscigenação.



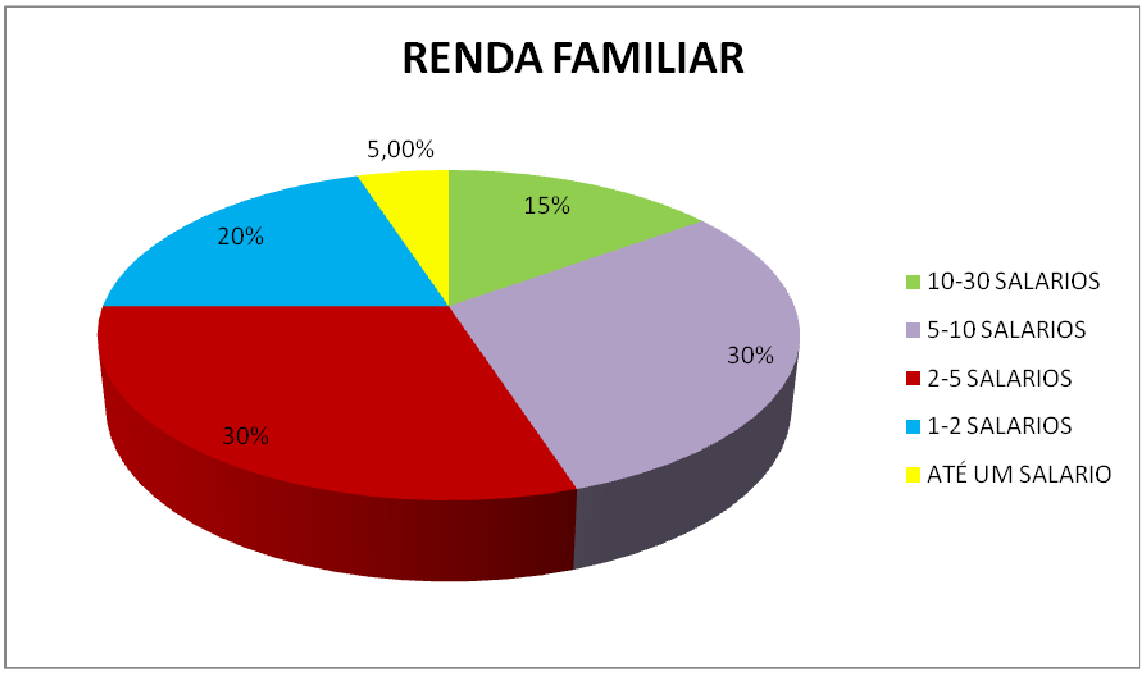
Seguindo a análise da pesquisa 55% dos entrevistados, exerceu ou exerce atividade remunerada no último ano contra 45% que não exerce, encontrando-se desempregado.

O grau de escolaridade dos pais dos entrevistados, segundo a pesquisa realizada é 40% de ensino fundamental incompleto, 30% de fundamental completo, 12% de ensino médio incompleto, 8% de ensino médio completo, 0,6% universitário incompleto, 0,4 universitário completo (Gráfico 2).

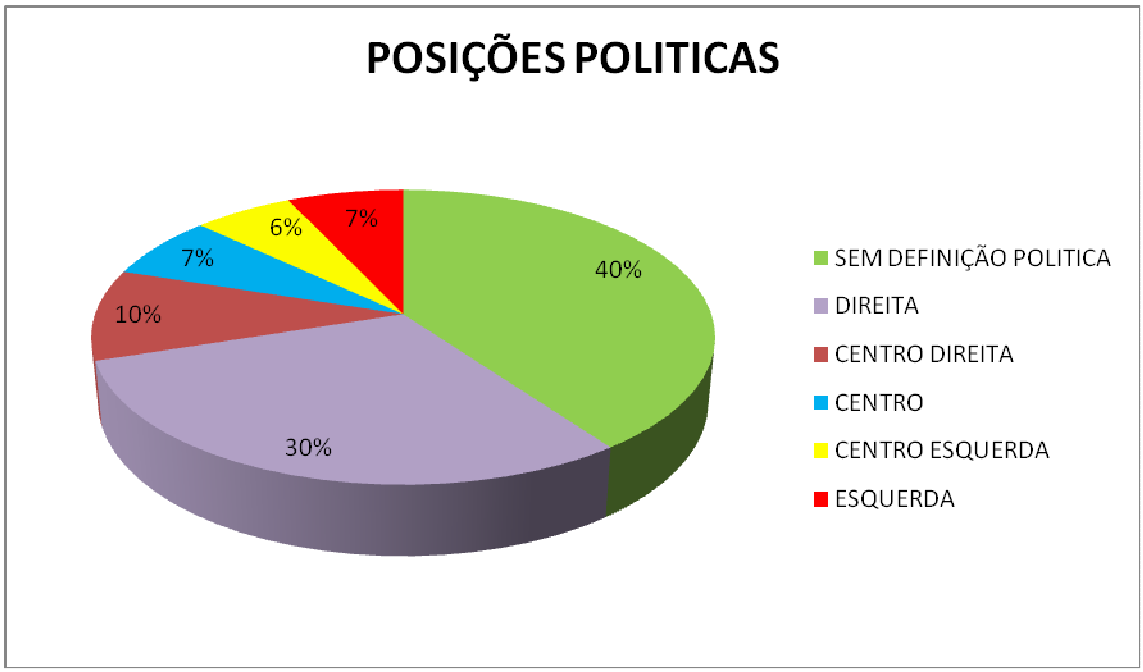


Esse dado fundamental em minha pesquisa é o baixo capital cultural na família de meus sujeitos pesquisados. Isso foi confirmado conforme gráfico acima, 40% de ensino fundamental incompleto contra 0,4% universitário completo.
O baixo capital cultural se confirma a se considerar o tipo de formação recebida por meus jovens pesquisados da Universidade Guarulhos.

A renda familiar ficou, 15% entre 10 e 30 salários mínimos, 30% entre 5 e 10 salários mínimos, 30% entre 2 e 5 salários mínimos, 20% entre 1 e 2 salários mínimos, e 5% até 1 salário mínimo, percebe-se nesse item uma população significativa universitária, com renda baixa, mas que acredita na educação para mudar sua história de vida (Gráfico 3).

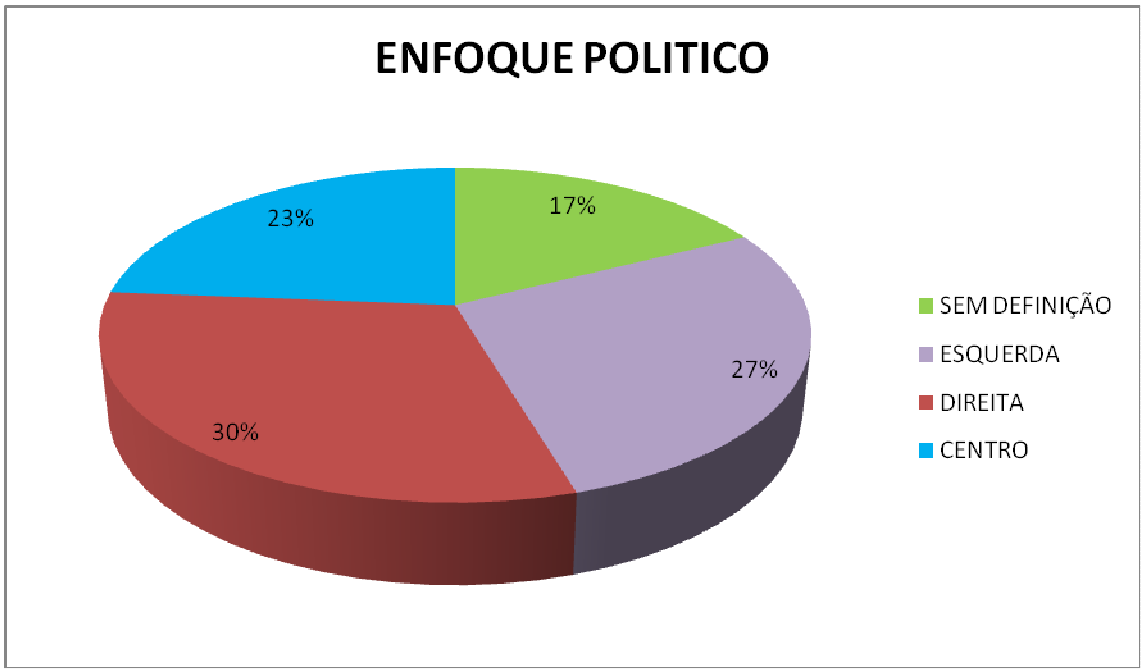


O baixo nível do capital cultural de meus sujeitos acompanha a baixa renda familiar, confirmando o percentual brasileiro, segundo Datafolha, 2006.
No que tange a política, um dado intrigante, que também se assemelha a pesquisa de Jorge Cláudio Ribeiro (2004), dos jovens entrevistados por mim, 40% não se define politicamente, 30% se define como sendo da direita, 10% se define como centro-direita, 7% se define centro, 6% se define centro-esquerda, e 7% se define ser da esquerda, os jovens marcam seu desinteresse, pela política (Gráfico 4).

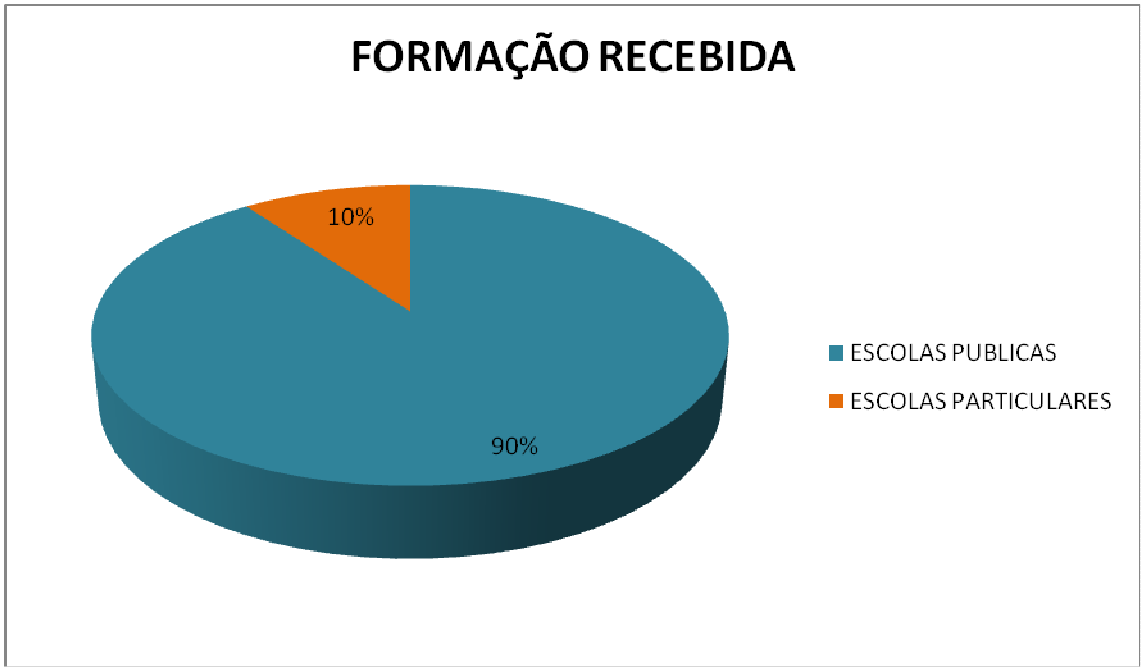


Nesse enfoque político, o gráfico acima mostra preponderância em posições ao centro (centro; centro-direita; centro-esquerda), que totalizam 30%.

Para se ter um parâmetro, considere-se que entre os pesquisados pelo Projeto Juventude 17% não souberam definir-se, 27% situaram-se á esquerda, 30% á direita e 23% no centro.

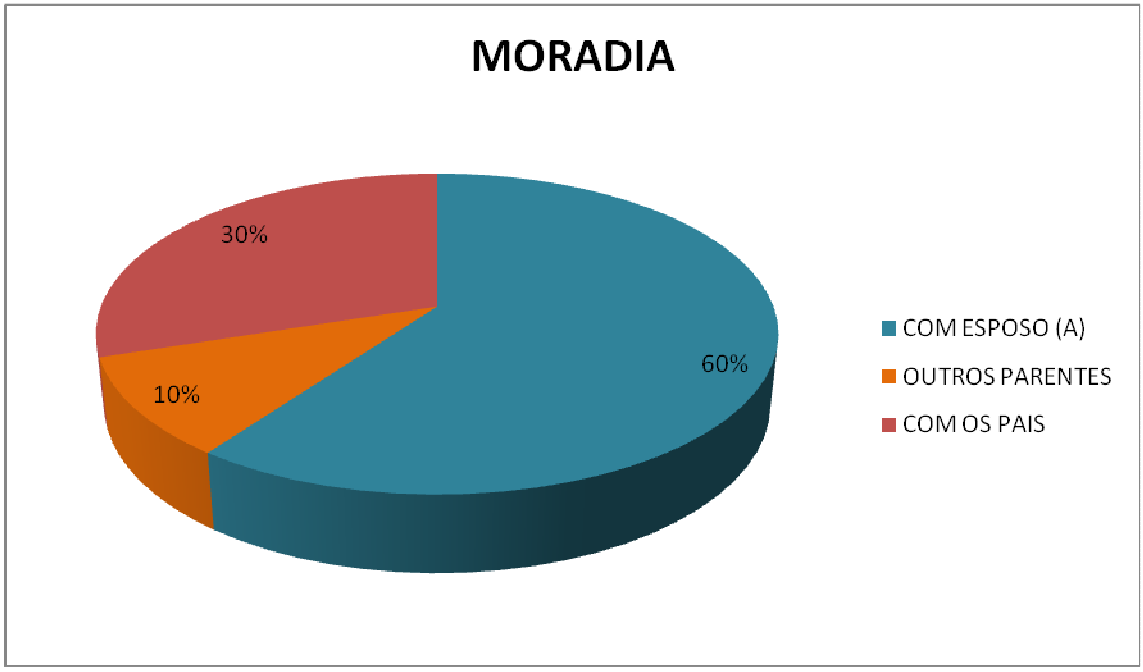


Seguindo a análise de minha pesquisa, o baixo capital cultural se confirma a se considerar o tipo de formação recebida por nossos jovens: 90% dos jovens entrevistados são oriundos das escolas públicas, somente 10% são de escolas particulares (laicas + religiosas)[7] um público bem específico freqüenta a Universidade Guarulhos, segundo esse dado (Gráfico 5).



[7] Resultados do Enem de 2008 mostram que alunos de escolas particulares alcançaram maiores notas que os da escola pública, alvo de histórico e deliberado desmonte.

Entre meus jovens pesquisados no item moradia, 60% moram com esposo (a), 10% moram com outros parentes, e 30% moram com seus pais (Gráfico 6).



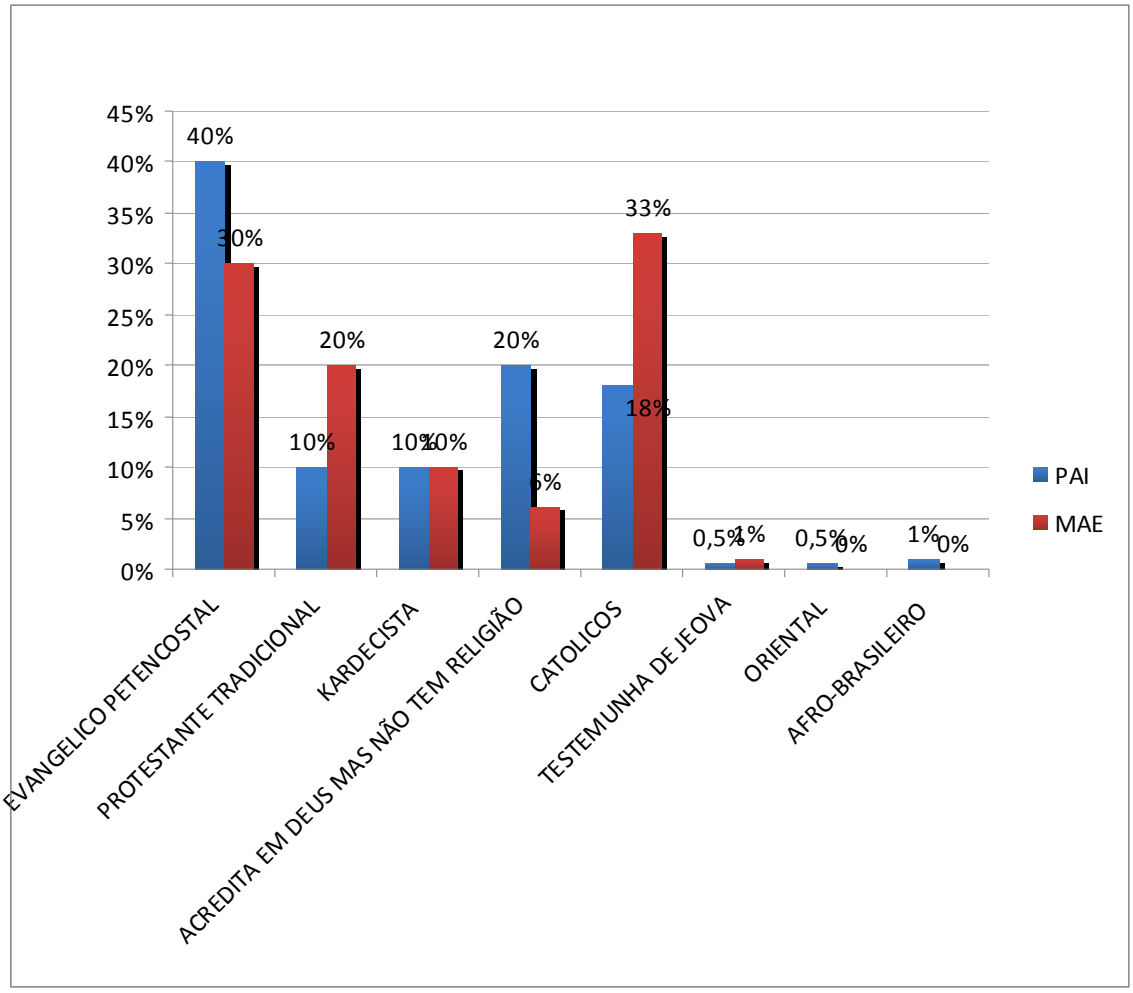
Esse dado nos revela o nível de dependência do público pesquisado em relação a sua família; (família esposo, família de origem).

Referindo-se a religião pano de fundo dessa pesquisa, obtivemos os seguintes resultados:

Religião do pai: 40% são evangélico pentecostal, 10% são protestante tradicional, 10% são Kardecista, 20% Acredita em Deus mão não tem religião, 18% são católicos, 0,5% são Testemunha de Jeová, 0,5% são Oriental, e 1% Afro-brasileira.

Religião da mãe: 30% são evangélica pentecostal, 20% são Protestante tradicional, 33% são católicas, 10% são Kardecista, 6% Acredita em Deus mas não tem religião, 1% são Testemunha de Jeová. Se compararmos o item pai e mãe na escolha de sua religião, percebe-se uma diferença relevante entre ambos, a religião da mãe não é a mesma do pai (Gráfico 7).

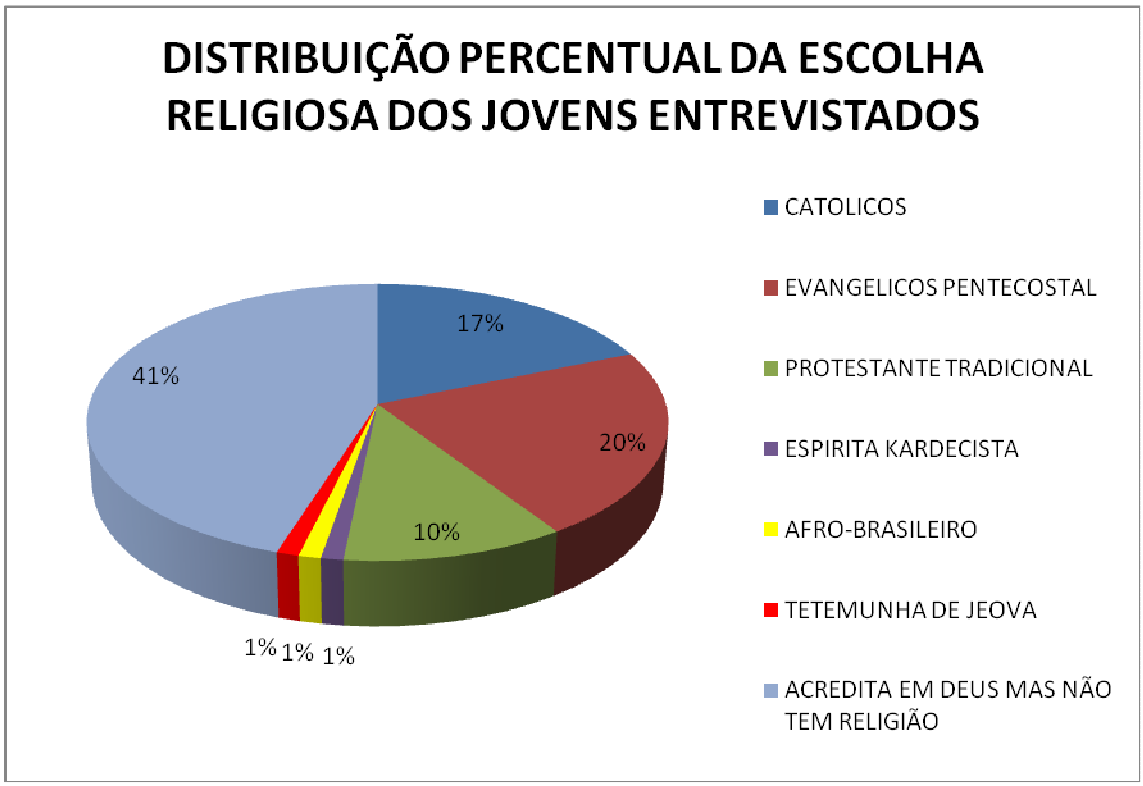
Distribuição de Religião de acordo com os pais



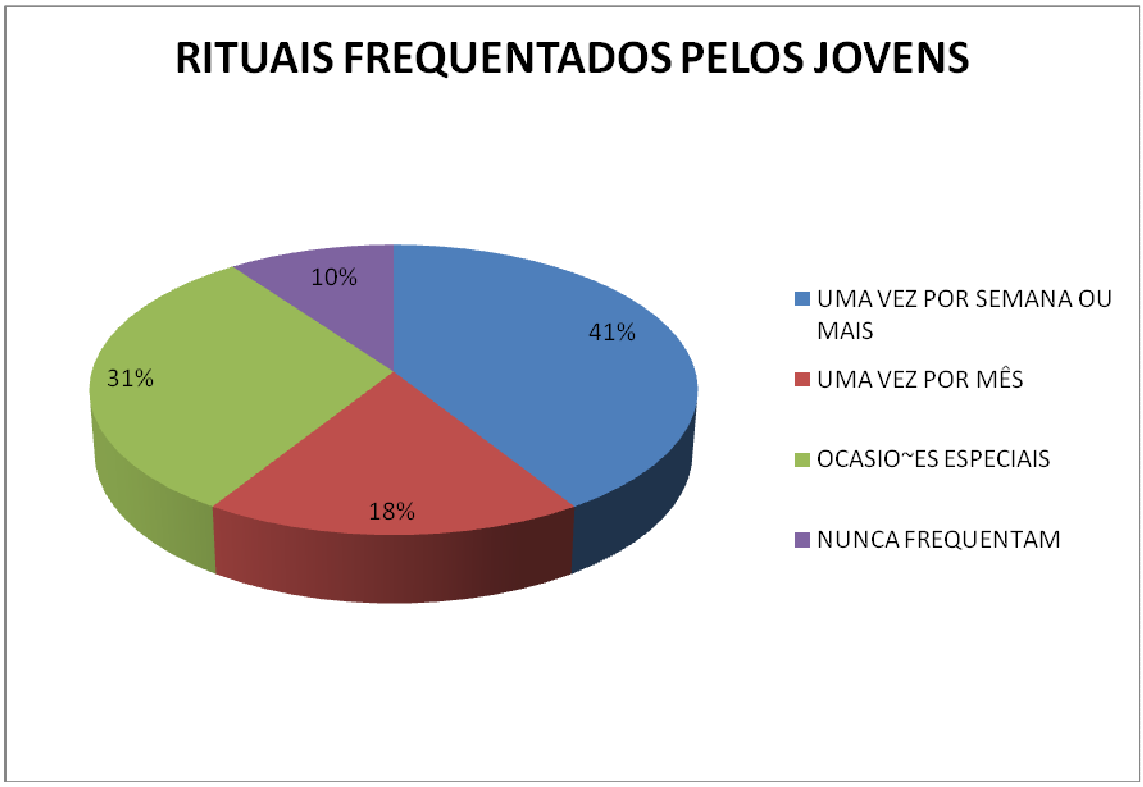
Note-se que a pertença religiosa do pai conforme gráfico acima, mostra pouca diferença entre, Acredita em Deus, mas não tem religião 20%, e os católicos 18%, se agregados perfazem um total de 38%.

Entre as mães são menos numerosas, somente 6% Acredita em Deus, mas não tem religião, mas mostra preponderância em posições, evangélica pentecostal 33% e católica 30%, perfazendo junto um total de 66%.

A escolha religiosa, dos meus jovens pesquisados nos mostra: 17% são católicos, 20% são evangélicos pentecostal, 10% são protestante tradicional, 10% são Espírita Kardecista,1% são afro-brasileira, 1% são Testemunha de Jeová, e 41% Acredita em Deus mas não tem religião (Gráfico 5). Novamente se assemelha com a pesquisa de Jorge Cláudio Ribeiro (2004), embora seu público alvo seja os alunos da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, no quesito escolha de sua religião, os jovens tem tido comportamentos e escolhas semelhantes.



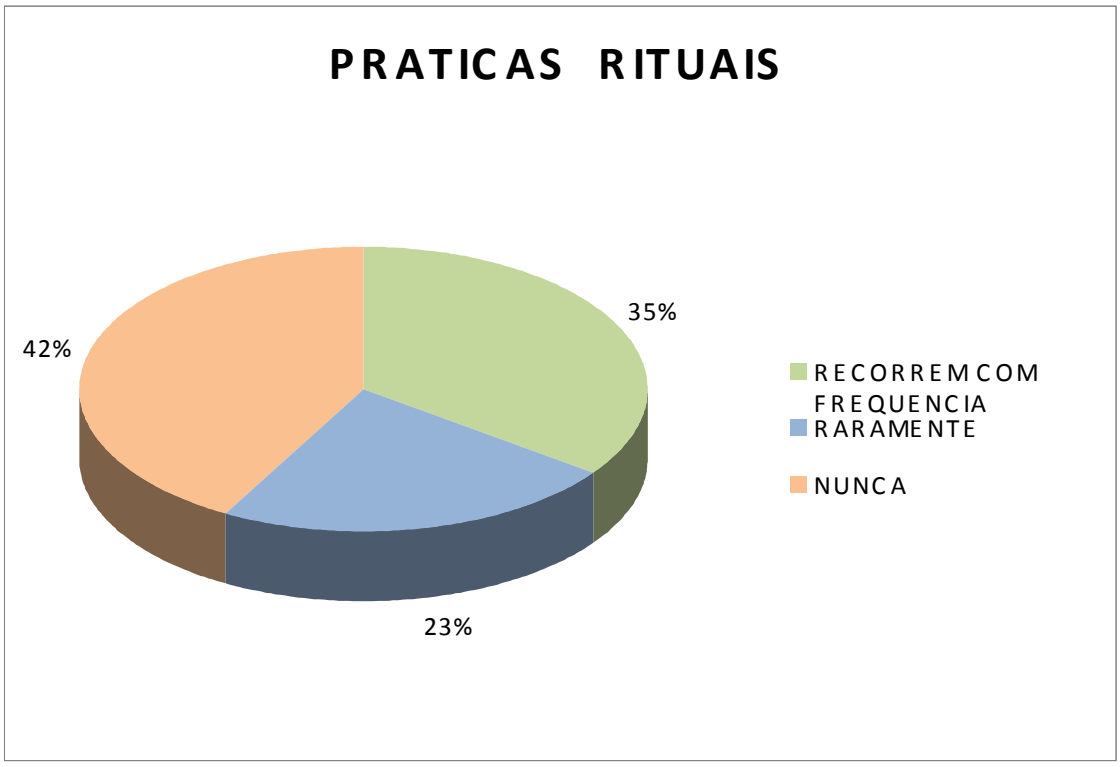
Quanto aos rituais freqüentados pelos jovens, a pesquisa mostrou que 41% freqüentam uma vez por semana ou mais, 18% freqüentam ao menos uma vez por mês, independente da religião, 31% dos jovens que acreditam em Deus, mas não tem religião, freqüentam somente em ocasiões especiais, 10% desses mesmos jovens nunca freqüentam (Gráfico 8).



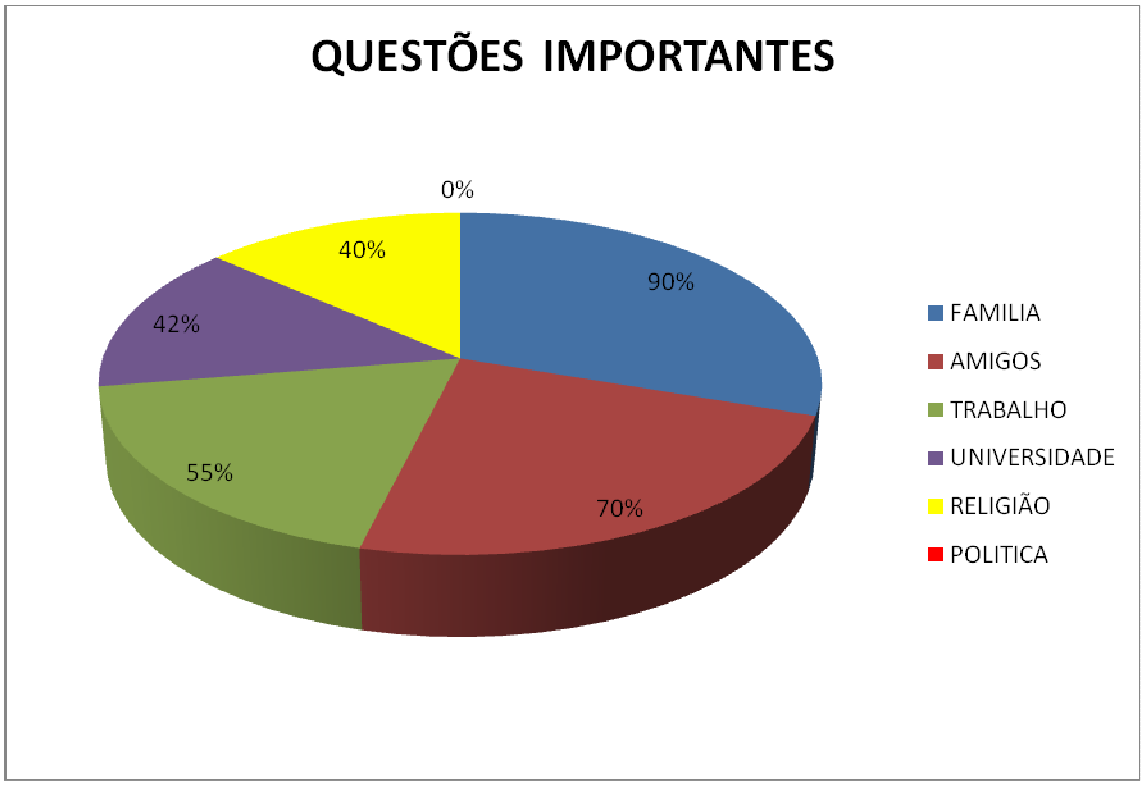
As práticas rituais são consideradas decisivas na transmissão religiosa, e quando se enfraquece o elo entre os ritos e a experiência da fé abre-se a porta para a hibridização dos conteúdos, (Ribeiro, 2009).

Apesar de terem religiões definidas, os jovens de minha pesquisa recorrem a crenças, objetos ou rituais de outras religiões com muita freqüência somente 13%, 22% recorrem com alguma freqüência, 23% raramente recorrem, 42% nunca recorrem

(Gráfico 9).



Para as questões mais importantes para mim,(% referente a três escolhas) 90% a família em primeiro lugar, 70% amigos em segundo lugar, 55% trabalho em terceiro lugar, 42% universidade em quarto, 40% religião em quinto e em último a política (Gráfico10).



A ordem das questões mais importantes para nossos universitários (soma de respostas múltiplas) apresenta extraordinárias semelhanças com a pesquisa realizada na PUC-SP por Jorge Cláudio 2004.

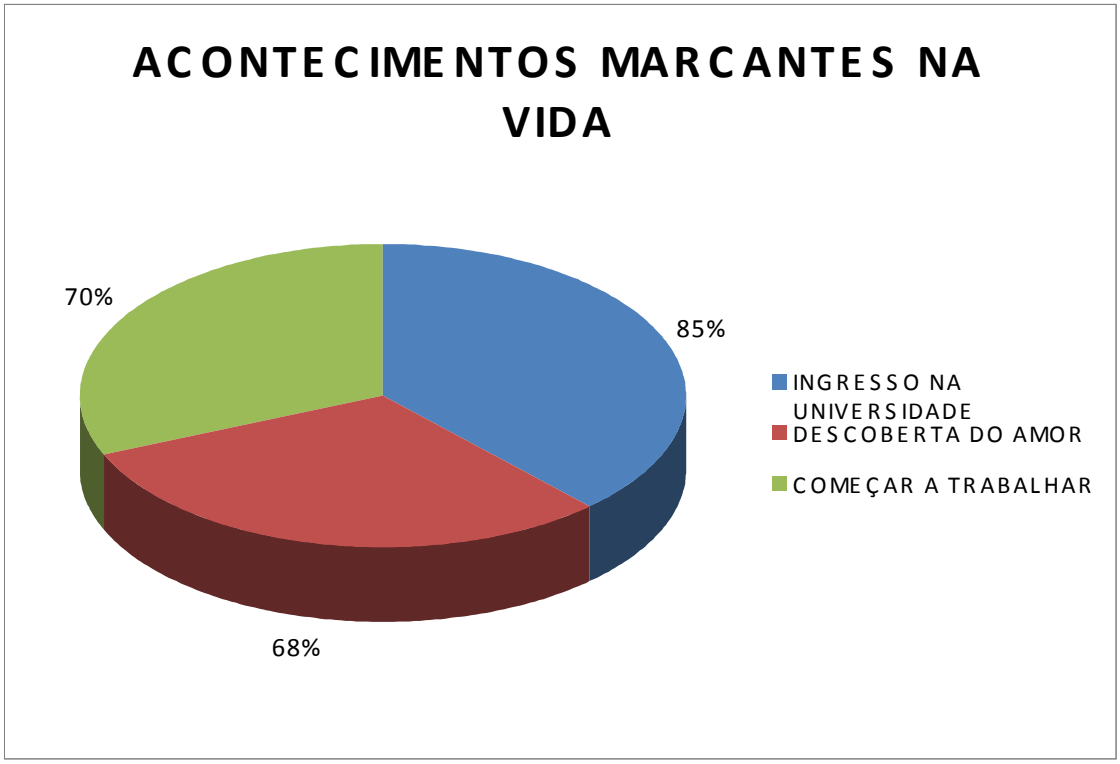
Entre 13 opções de atividades prediletas (com respostas múltiplas), as cinco mais importantes para se definir o perfil da sociabilidade dos universitários da Universidade Guarulhos foram: Ouvir música em primeiro lugar com 72%, em segundo lugar assistir TV 61%. Em terceiro lugar ir ao cinema 43%, em quarto lugar estudar 38%, em quinto lugar fazer compras 31% (Gráfico 11).

O perfil sócio-ecômico conforme gráfico 3, está intimamente ligada as suas escolhas. Um depoimento sintetiza:

> O dinheiro que ganho, nunca dá para viajar, ir ao teatro, fazer esportes em academia, às vezes vou ao cinema, porque pago meia entrada por ser estudante.

Acontecimentos marcantes em minha vida, a ordem das respostas para meus entrevistados (soma de respostas múltiplas), as três mais importantes. Em primeiro lugar com 85%é o Ingresso na Universidade, em segundo lugar com 68% é a descoberta do amor, da amizade, em terceiro lugar com 70% é começar a trabalhar (Gráfico 12).

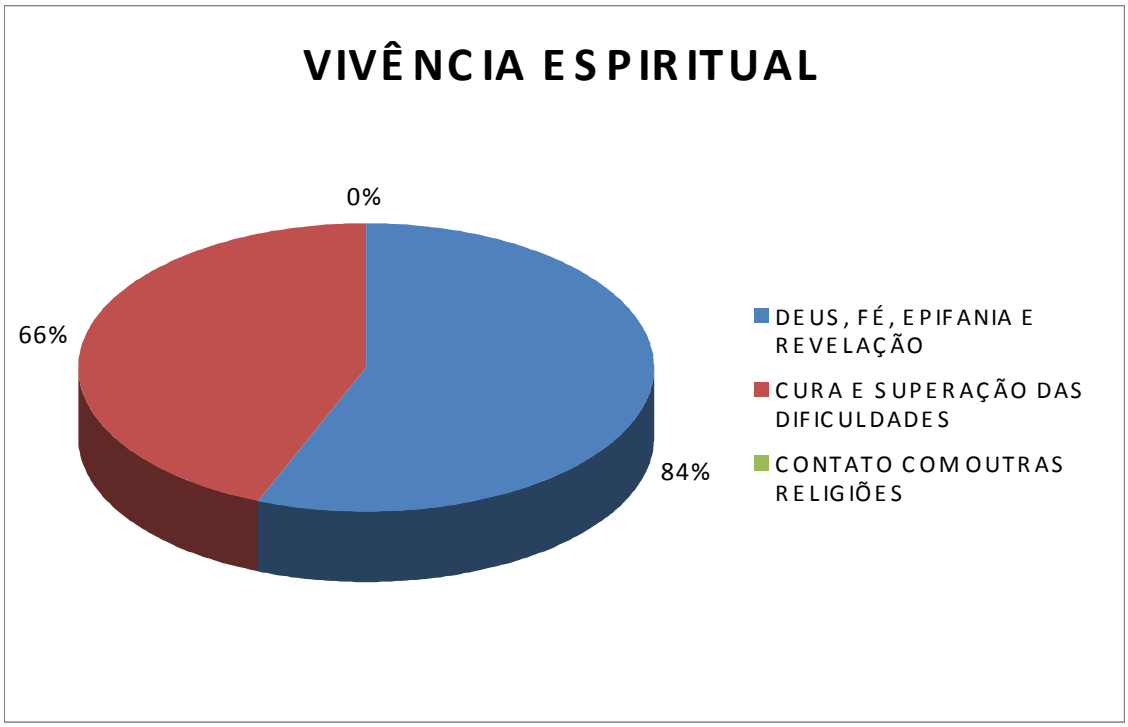
.



Para meus sujeitos ser aprovado no vestibular e ingressar na faculdade assumem enorme importância e se reveste de sacralidade, como sendo um novo nascimento, em nova família: desterritorializados, eles logo se reterritorializam. É a ruptura com a vida anterior, início de uma nova vida, novos companheiros, é a conquista de um sonho, a obtenção de uma meta. Alguns testemunhos expressam esse fato marcante:

> O dia em que li meu nome na lista de aprovados no vestibular, foi inesquecível, lia,lia, e não acreditava.
>
> A entrada na universidade para mim significou a realização de um sonho, com esperança de vida nova.
>
> Estava perdendo a esperança em tudo na minha vida, resolvi prestar o vestibular para Pedagogia pois sonhava ser professora, então tudo mudou quando li a lista de aprovados da Universidade Guarulhos.

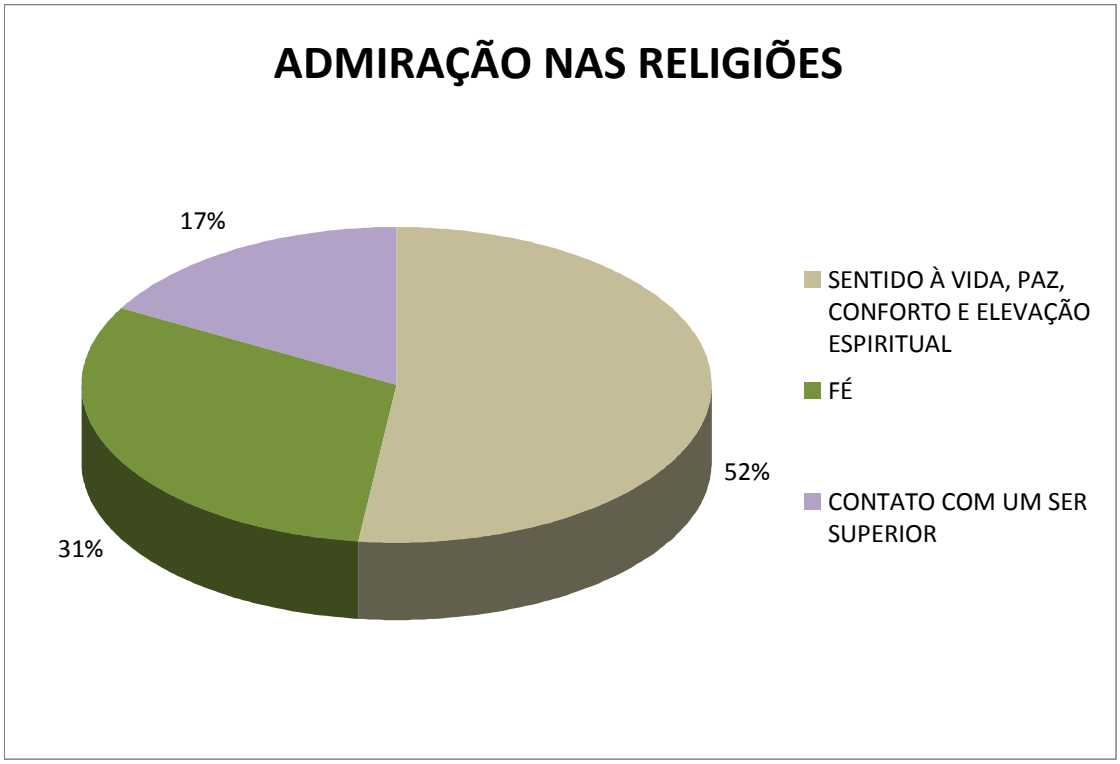
Nos acontecimentos marcantes em vivência espiritual,(soma de respostas múltiplas) as três mais importantes: Em primeiro lugar, contato pessoal com Deus, fé, epifania, revelação,com 84%, em segundo lugar cura, superação de dificuldades com 66%, e em terceiro lugar contato com outras religiões (Gráfico 13).



A fé de meus sujeitos apresenta características seculares, confiança na vida, em si mesmo, vencer dificuldades, alteridade e fé se mostram afinadas com a raiz do ser de cada pessoa. Segundo Simmel (1967) individualismo qualitativo. Alguns depoimentos ilustram isso:

> Sempre falo para meus amigos, acreditarem e terem fé que tudo acontece, não importando qual seja a religião.
>
> Passei por algumas dificuldades, mas minha fé em Deus ajudou-me a superá-las:

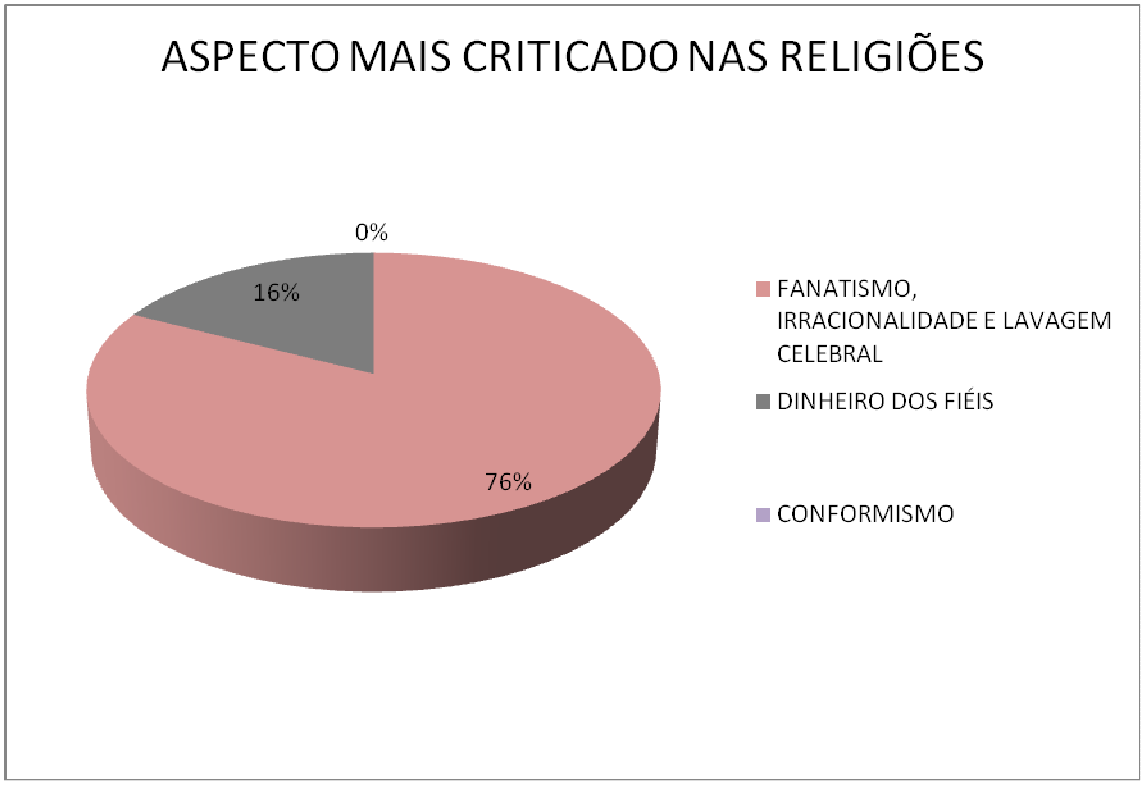
No quesito admiro nas religiões, meus sujeitos elencaram três escolhas: Em primeiro lugar com 52% escolheram sentido à vida, paz, conforto, elevação espiritual, 31% escolheram a fé, 17% escolheram contato com um Ser superior (Gráfico 15).



As respostas manifestam elementos positivos, como o contato e a crença em uma dimensão superior, a fé em um transcendente ficou evidenciado como o gráfico acima nos mostra, valores humanistas como sentido à vida, paz e conforto clareia a contribuição das religiões ao revelarem o lado humano das pessoas.

> Às vezes, me sinto envolvido por uma força superior que me dá coragem, paz e conforto.
> A minha fé, me faz eu acreditar no meu sucesso profissional.

Na questão sobre o aspecto que mais crítico nas religiões, meus sujeitos escolheram três alternativas: Em primeiro lugar o fanatismo, irracionalidade, lavagem cerebral com 76%, em segundo lugar tirarem dinheiro dos fiéis 16%, em terceiro lugar conformismo (Gráfico 16).



Para meus universitários, o fanatismo é produto de manipulação e se concretiza como fé cega, exagero de devoção, alienação. Também é sinônimo de indução de pensamento, preconceitos, segregação, negação de ideais. O conformismo resulta da exploração financeira, perda da autonomia e mudança de personalidade. Na disputa do poder, as igrejas são acusadas de abusar da retórica e proselitismo em busca de dinheiro, conforme o gráfico acima nos mostra, são comportamentos desaprovados por meus sujeitos pesquisados. Toda essa análise aqui descrita nos dá algumas pistas para traçarmos um perfil de nossos jovens universitários e suas relações e envolvimento com a religião, estarei sintetizando e fechando esse tema a seguir.

O jovem e seu envolvimento com a religião

Neste sentido, observei a partir desse trabalho de campo que a energia do jovem já não pode ser reduzida a uma forma única de canalização, uma única diretriz, existe uma liberdade muito experimentada pelos jovens na hora de se conectar com o aspecto religioso.

Como pude observar em minha pesquisa, a identidade religiosa não pode ser estruturada a partir de uma operação que exclui outras experiências que fazem parte do cotidiano dos jovens da Universidade Guarulhos.

Os jovens pesquisados por mim, passam cada vez mais a misturar em si diferentes crenças, comportando na grandeza de suas experiências vários perfis de identidades religiosas, embora muitos não possuem a sensibilidade ou o discernimento de perceberem isso.

Mesmo que inconsciente nutrem seus imaginários, tornando-os mais flexível, permitindo novas construções de fé, novas formas de experimentar o contato com algo que transcende impossível de ser apreendido exclusivamente de fora para dentro, sem uma perspectiva reflexiva.

Na aplicação de minha pesquisa, essa atitude está presente nas mais altas médias, atribuídas às seguintes sentenças: “Acontecimentos marcantes em minha vivência espiritual”.

Assim, o jovem exige liberdade para experimentar, migrar, mudar, bricolar, mas conserva algumas crenças protetoras; oscila entre a família como comunidade de origem e, de outro lado, os amigos e amores, como comunidade de destino; cultiva a sociabilidade entre iguais, mas é atraído pelo risco da alteridade. Ele respeita as religiões como ambiente ético, mas faz pesadas críticas à ação das igrejas. Sua juventude é vivida como estação presente, mas com passaporte para o futuro, suas emoções exacerbadas impedem sua racionalidade, o desejo de mudanças alerta para a realidade. Deus está sempre presente como um ser distante, mas também como uma energia íntima necessária para o nosso jovem impreciso frente à escolha de sua religião.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo identificar as opções religiosas dos alunos da Universidade Guarulhos no curso de Pedagogia, especialmente os 5° e 6° semestres.

Nesses três anos de estudos, muitas foram as contribuições que nos enriqueceram, e de forma particular a experiência de construção como pesquisadora e mergulhar no mundo do jovem universitário que tem uma prática religiosa.

Toda pesquisa a que nos propomos desenvolver é repleta de desafios, pois exige do pesquisador um desprendimento e uma postura imparcial, e ao mesmo tempo, discernimento ético para dar conta da complexidade que envolve os sujeitos da pesquisa.

Por se tratar de um ambiente vasto e polissêmico, foi possível perceber que, diante de uma realidade marcada pelas diferenças religiosas, não há tensão entre o mundo secular e o mundo religioso.

Segundo (ANDRAUS, 2004, p.46) "Se uma pessoa age com respeito, ela não será insultada. Se generosa conquistará o povo. Se é sincera, ela merecerá confiança das pessoas. Se é perseverante, realizará grandes dias. Se ela é bondosa, será capaz de influenciar os outros".

Entretanto, nossa pesquisa evidenciou claramente a família e a religião como as principais influentes na formatação das identidades dos jovens universitários. Realmente, família e a comunidade religiosa que estão inseridos criam espaços de socialização e construção de identidades subjetivas e coletivas desses jovens.

Apoiada nas teorias que sustentaram nossas reflexões, foi possível identificar que, nossos sujeitos estudados são marcados pela instabilidade e pela insegurança em todos os âmbitos, buscam uma experiência religiosa adequada as suas necessidades mais profundas.

Todavia a pesquisa demonstrou também que tais buscas não ocorrem de repente e muito menos de forma tranqüila. Lidar com as renúncias exigidas para experimentar, supõem rupturas e novas adesões. A religiosidade jovem floresce uma fé mais importante do que as crenças, ao afirmar que elabora suas crenças a partir da própria experiência, o crente-sem-religião navega no mesmo rumo da cultura moderna.

A condição de universitário marca decisivamente a religiosidade de nosso público, a tal ponto que seu ingresso na instituição é apontado como um momento sagrado em suas vidas. Provavelmente o ingresso no mundo do trabalho venha a ter para eles significado semelhante.

O mosaico de todas essas forças revela um perfil impreciso da religiosidade dos jovens pesquisados, impossível entender de uma só vez uma capacidade humana tão complexa e permeável, nela se destacam a afirmação de sentido da existência, a individualização, o senso de mistério, a crença em Deus, traços de panteísmo estético, o pragmatismo e a baixa politização.

Os desafios apontados pela pesquisa são inúmeros, por isso não temos a pretensão nem de enumerá-los e muito menos de sugerir respostas ou soluções. A temática tratada neste estudo não se esgota aqui, pelo contrário, abre muitas janelas pelas quais se pode entrar e continuar desenvolvendo investigações futuras sobre a entrelaçada relação existente, entre o jovem e sua escolha religiosa.

Bibliografia

ABRAMO, Helena. Wendel; Pedro Paulo. (orgs.) *Retrato da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

ABRAMO, Helena. Wendel, *Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil.* In: Revista brasileira de educação – Juventude e contemporaneidade. São Paulo: Cortez, pp 25-36, 1997.

ALVES, Ephraim Ferreira. *A fé do cientista e a fé do crente.* Petrópolis, Vozes, 1979.

ALVES, Rubem. *Entre a ciência e a sapiência O dilema da educação.* São Paulo, Edições Loyola, 1999.

_____. *O que é religião?* São Paulo, Loyola, s.d.

_____. *O enigma da realidade*. Petrópolis, Vozes, 1979.

_____. *Liberdade e fé. São Paulo, Loyola, 1980.*

ANDERY, Alberto A. *Juventude brasileira*. Situações e perspectivas. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 1985.

BALANDIER, Georges. *A desordem Elogio do Movimento*. Trad. Suzana Martins. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BASTIDE, Roger. *O sagrado selvagem.* São Paulo: Companhia das letras, 2006.

BENICA, Dirceu; ALMEIDA, Antonio. CEBs: *Nos trilhos da ação libertadora*. São Paulo: Paulus, 2006.

BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Rio de Janeiro: Vozes, 1974.

BOFF, Clodovis. *Teoria do método teológico.* Petrópolis: Vozes, 1999.

BOFF, Leonardo. Igreja Carisma e Poder. São Paulo: Ática 1981.

BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia.* Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BRANDÃO, Antônio Carlos: DUARTE, Milton Fernandes. *Movimentos Culturais de Juventude.* São Paulo: Moderna, 1990.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Crença e identidade: campo religioso e mudança cultural.* Universidade de Campinas, 1988.

_____. As crises das instituições tradicionais de sentido. In Alberto Moreira; Renée Zicmam (orgs.), *Misticismo e novas religiões*. Bragança Paulista, São Paulo: Vozes: Universidade São Francisco, 1996.

_____. O mapa dos crentes: sistemas de sentido, crenças e religiões no Brasil de hoje. In. Manuela Cantron et al. *Nuevos movimentos religios*, Iglesias y "sectas". Santiago de Compostela: 8° Congresso de Antropologia, 1989. p.23-49.

BUSIN, Valéria Melki. *Juventude religião e ética sexual*. São Paulo: Católicas pelo Direito de Decidir, 2008.

CAMPOS, Pedro Humberto; LOUREIRO, Marcos Corrêa (orgs.) *Representações Sociais e Práticas Educativas.* Goiânia: Universa, 2003.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. "Secularização e Reencantamento: A Emergência dos Novos Movimentos Religiosos" *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais,* n.41, 1996. p.55-69. São Paulo.

CASTELLS, Manuel. *O poder da Identidade*. 5° ed. São Paulo. Paz e Terra, 1996.

CNBB, *Evangelização da juventude*. Desafios e perspectivas pastorais. São Paulo: Paulus, 2006.

CUNHA, Luiz Antonio. Apresentação à 2° edição – *Educação para a Democracia*: uma lição de política prática. Rio de Janeiro: 2007.

CHAMPION, Françoise, HERVIEU-LÉGER, Danièle. *De l'émotion em religion. Paris: Le Centurion, 1990.*

CHAUI, Marilena. *Convite à filosofia.* São Paulo: Ática, 2006.

CROATTO, José Severino. *As linguagens da experiência religiosa.* São Paulo: Paulinas, 2001.

CRUZ, Eduardo. A persistência dos deuses. São Paulo: Unesp, 2004.

DAVIE, Grace, HERVIEU-LÉGER, Danièle. *Identités religieuses en Europe.* Paris: La Découverte, 1996.

DIDONET, Vital. Por Uma Escola do Nosso Tempo (05-07). *Revista do Projeto Pedagógico.* Diretor UDEMO. São Paulo: UDEMO, 2003.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa.* São Paulo: Paulus, 1989.

ELIADE, Merca. *Imagens e Símbolos*. Ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FIROLAMO, Giovanni; PRANDI, Carlo. *As ciências das Religiões*. São Paulo: Paulus, 1996.

FIROLAMO, Giovanni; PRANDI, Carlo. *As ciências das Religiões*. São Paulo: Paulus, 1996.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. *Retrato das religiões do Brasil.* Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2005.

GRESCHAT, Hans-Jurgen. *O que é Ciência da Religião*? São Paulo: Paulinas, 2005.

GIDDENS, Antony. *Conseqüências da Modernidade*. São Paulo: Unesp. 1991.

GIOVANI, Levi, Jean Claude Schmitt. *História dos jovens*. Trad. Paulo Neves...et al. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

GROPPO, Luís Antônio. *Juventude; ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas.* Rio de Janeiro:Difel, 2002.

HERVIEU, Léger Daniéle. *O Peregrino e o Convertido.* São Paulo: Vozes, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA. *Pesquisa Nacional por amostra domiciliar*. Rio de Janeiro: IBGE, 2005.

KANT, Emmanuel (1776-1798). Trad. Elcio Fernandes. São Paulo: UNESP, 1994.

LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de Metodologia Científica*. São Paulo: Atlas, 1985.

MARDONES, Jose Maria. *Neoliberalismo y Religión*. Estella (Navarra): Verbo Divino, 1998.

MARTELLI, Stefano. *A Religião na Sociedade Pós-Moderna*. São Paulo: Paulinas, 1989.

MENDONÇA, A. G. A experiência religiosa e a institucionalização da religião. *Estudos Avançados*, São Paulo: v. 18, n. 52, p. 29-46, 2004.

MINISTÉRIO DA CULTURA, *Guarulhos Espaço de Muitos Povos. 1° ed.* São Paulo: Nova América: 2007.

MORENO, Ciriaco I. *Educar em valores*. 3º ed. São Paulo: Paulinas, 2005.

MTV. *Dossiê universo jovem*. São Paulo: Wilma Rocca & Associados, 1999, 2000, 2005.

NAGLE, Jorge. *Educação e Sociedade.* Rio de Janeiro: DP&A.

NOVAES, Regina; Paulo Vannuchi. *Juventude e Sociedade.* São Paulo: Instituto Cidadania, 2006.

_____. Os jovens "sem religião": ventos secularizantes, espírito de época e novos sincretismos. Notas preliminares. *Revista Estudos Avançados*, São Paulo: v. 18, n. 52, p. 321-330, 2004.

_____."*Sentimentos, percepções e demandas por direitos e políticas públicas".* Revista Sociologia especial, ano I n.2 p.7-15. São Paulo, 2007.

_____.NOVAES, R.C.R. *Juventude, percepções e comportamentos:e a religião faz a diferença?* In: Retratos da Juventude Brasileira, São Paulo: Perseu Abramo, 2004.

_____.NOVAES, R.C.R *Juventude e religião . marcos geracionais e novas modalidades sincréticas*. In Pierre Sanchis. (Org) Fieis & Cidadãos percursos de sincretismos no Brasil. 1 ed. Rio de Janeiro: EDUERJ. 2001, v, p-

_____. MELLO, Cecilia Campello A. *Jovens do Rio: circuitos, crenças e acessos. Comunicação do ISER*, Rio do Janeiro: v. 57, p.103, 2002.

_____. Religião e política: sincretismo entre alunos de Ciências Sociais, *Comunicação do ISER*, Rio de Janeiro: v..45, p. 62-74, 1994.

NUNES, Maria José Rosado. “Gênero, saber, poder e religião” Revista Mandrágora, 1995, ano 2, n.2. p.9-15. São Bernardo do Campo, São Paulo: Umesp.

_____. *Teologia feminista e a crítica da razão religiosa patriarcal*: entrevista com Ivone Gebara. Revista de Estudo Feminista. Florianópolis, n.1, 2006.

_____. *O catolicismo sob o escrutínio da modernidade*. Mimeografado.

OLIVEIRA, Rogério de. Pastoral da Juventude: e a igreja se fez jovem. São Paulo: Paulinas, 2002.

ORGANIZAÇÕES DAS NAÇÕES UNIDAS. *Relatório do fundo das populações*, 27 jun. 2007.

PADEN, William. *Interpretando o sagrado*. Modos de conceber a religião. São Paulo:

Paulinas, 2001.

PEDRINI, Alírio J. *Jovens em Renovação: Espiritualidade, afetividade e sexualidade*. 12° ed. São Paulo: Loyola, 2004.

PENA-VEIGA, Alfredo et al. (orgs.). Edgar Morin: *Ética, Cultura e Educação*. Trad. Mariclara Oliveira. 3°. Ed. São Paulo: Cortez, 1998.

PERALVA, Angelina. O jovem modelo cultural. *Revista Brasileira de Educação*, n. 5 e 6 [s.d] 15-24

PERINE, Marcelo. *O sagrado e o moderno*. Mimeografado.

PETRY, André. Como a fé resiste a discrença. Veja, 26 dez. 2007, p76.

PIERUCCI, Antonio Flavio. A verdade verdadeira. Folha de S. Paulo15 jul. 2007.

PILETTI, Claudino; PILETTI, Nelson. *Filosofia e História da Educação*. São Paulo :Ática, 1991.

PRADES, José A. La religion de I’nhumanite – *Notes sur I’anthropocentrisme durkheimien. Archives de Sociologie desReligions,* 69 (1990) 65, nota 1.

PRANDI, Reginaldo. *Um sopro do Espírito: a renovação conservadora do catolicismo carismático.* São Paulo: Edusp, 1997.

PROJETO JUVENTUDE: “Documento de conclusão”. São Paulo: Instituto cidadania, 2004.

QUEIRÓS, J. J. Deus e crenças religiosas no discurso filosófico pos-moderno, linguagem e religiao .Rever, n.2 (2006).

REVISTA VEJA. “Garotos de fé”. *Especial Jovens. n. 1859 jun. 2004 p.65.,*

_____. *A religião do planeta global*. In Ari Pedro Oro e Carlos Alberto Steil (org.), Globalização e Religião. 2° ed. Petrópolis – Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

RIBEIRO, Jorge C*. A religiosidade do universitário*. São Paulo: Religião & Cultura, v.1, n.1, p.159-175, jan-jun. 2002.

RIBEIRO, Renato J. Juventude e Política: o que fica de energia In: Novaes, R e Vannuchi, P. (orgs). *Juventude e Sociedade*. São Paulo; Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004.

RYAN, Penélope. *Católico Praticante: a busca de um catolicismo para o terceiro milênio.*São Paulo: Loyola, 2004.

SCHIEBINGER, Londa. *O feminismo mudou a ciência?* Trad. Raul Fiker. Bauru – São Paulo: EDUSC, 2001.

TEIXEIRA, Anisio*. Educação no Brasil*. 2° ed. São Paulo: Nacional, 1976.

TEIXEIRA, Carmem Lúcia (org.), *Passos na travessia da fé: metodologia e mística na formação integral da juventude.* Coleção: Educação na Fé. Vol.2. São Paulo: Centro de Capacitação da Juventude, 2005.

TEIXEIRA, Faustino; Renata Menezes. *As religiões no Brasil*. São Paulo: Vozes, 2006.

USARSKI, Frank. *Constituintes da Ciência da Religião*. Cinco ensaios em prol de uma disciplina autônoma. São Paulo: Paulinas, 2006.

VALLÉS, Carlos G. *Os Jovens Evangelizam-nos.* São Paulo: Paulus, 1999.

VINCENTI, Luc. Educação e Liberdade: Kant e Fitche. Trad. Elcio Fernandes, São Paulo: UNESP, 1994.

ZABALA, Miguel. Como Educar em Valores na Escola (41-43). Revista do Projeto Pedagógico. Diretor Udemo. São Paulo: Spel, 2004.

ZYGMUNT, Bauman. *O mal estar da pós-modernidade.* Trad. Mauro Gama, Claudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. Modernidade líquida. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____.Comunidade. a busca por segurança no mundo atual. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.-

WAISELFISZ, Julio Jacobo. *Mapa da Violência IV*. Brasilia: UNESCO, 2004.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade.* Vol. 2. Brasília – Distrito Federal: UNB, 1999.

www.guarulhostemhistoria.com.br. Acesso em: 01 dez 2008.

www.guarulhos.sp.gov.br. Acesso em: 03 jun 2008.

www.lattes.cnpq.br. Acesso em: 01 nov 2008.

www.scielo.br/scielo. Acesso em: 15 out 2006.

www.pucsp.br/rever. Acesso em: 15 abr 2009.

www.iser.org.br. Acesso em: 13 jun. 2009.

www.logosofia.org.br. Acesso em 14/03/2010.

OPÇÕES RELIGIOSAS DOS ALUNOS DA UNIVERSIDADE GUARULHOS DE 2009, GRADUANDOS DO 5º E 6º SEMESTRE DO CURSO DE PEDAGOGIA, PERÍODOS MATUTINO E NOTURNO.

Prezado (a) aluno (a), agradecemos sua colaboração para esta pesquisa, agora aplicada pela 1ª vez. Pretendemos compreender como a juventude se situa perante suas escolhas religiosas. Sua opinião nos interessa, não importando se você é crente ou ateu, se tem religião ou não. Esta pesquisa tem a chancela do Programa: Ciências da Religião da PUC-SP. Gratos.

1. Minha idade (em anos completos): _____anos

2. Cor/Etnia:

Branca	1
Preta	2
Parda	3
Indígena	4
Oriental	5

3. Sexo:

Masculino	1
Feminino	2

4. Exerço atualmente ou exerci atividade remunerada no último ano (trabalho ou estágio):

Sim	1
Não	2

5. Exerço atualmente ou exerci atividade voluntária no último ano (sem remuneração):

Sim	1
Não	2

6. Grau de escolaridade de meu pai:

Até ensino fundamental incompleto	1
Ensino fundamental completo	2

Ensino médio incompleto	3
Ensino médio completo	4
Universitário incompleto	5
Universitário completo	6
Pós-graduação	7

7. Grau de escolaridade de minha mãe:

Até ensino fundamental incompleto	1
Ensino fundamental completo	2
Ensino médio incompleto	3
Ensino médio completo	4
Universitário incompleto	5
Universitário completo	6
Pós-graduação	7

8. A renda familiar em minha casa é de aproximadamente:

Até 1 salário mínimo (- R$ 415,00)	1
Entre 1 e 2 salários mínimos (R$415,00 a R$830,00)	2
Entre 2 e 5 salários mínimos (R$830,00 a R$2.075,00)	3
Entre 5 e 10 salários mínimos (R$2.075,00 a R$4.150,00)	4
Entre 10 e 30salários mínimos (R$4.150,00 a R$12.450,00)	5
Entre 30 e 50 salários mínimos (R$12.450,00 a R$20.750,00)	6
Mais do que 50 salários mínimos (R$ 20.750,00)	7

9. Politicamente me defino como sendo de:

Direita	1
Centro-direita	2
Centro	3
Centro-esquerda	4
Esquerda	5
Não sei	6

10. Freqüentei, a maior parte do tempo, uma escola:

Pública	1
Particular laica	2
Particular religiosa	3

11. Moro:

Na casa de meu pai e/ou mãe	1
Em república ou pensão	2
Sozinho(a)	3
Com esposa(o)	4
Com outros parentes	5

14. Minha religião atual é:

Evangélica pentecostal	1
Protestante tradicional	2
Afro-brasileira (*Candomblé, Umbanda*)	3
Oriental (*Budismo, Xintoísmo, Seicho-No-Ie, Perfect Liberty, Soka Gakkai, Igreja Messiânica*)	4
Espírita Kardecista	5
Católica	6

12. A religião de meu pai é:

Evangélica pentecostal	1
Protestante tradicional	2
Afro-brasileira (*Candomblé, Umbanda*)	3
Oriental (*Budismo, Xintoísmo, Seicho-No-Ie, Perfect Liberty, Soka Gakkai, Igreja Messiânica*)	4
Espírita Kardecista	5
Católica	6
Judaica	7
Islâmica	8
Outra religião (qual?):_____	9
Crença religiosa particular	10
Acredita em Deus mas não tem religião	11
É ateu, não acredita em Deus	12
É agnóstico (Deus, religiões nada significam para ele)	13

13. A religião de minha mãe é:

Evangélica pentecostal	1
Protestante tradicional	2
Afro-brasileira (*Candomblé, Umbanda*)	3
Oriental (*Budismo, Xintoísmo, Seicho-No-Ie, Perfect Liberty, Soka Gakkai, Igreja Messiânica*)	4
Espírita Kardecista	5
Católica	6
Judaica	7
Islâmica	8
Outra religião (qual?):_____	9
Crença religiosa particular	10
Acredita em Deus mas não tem religião	11
É atéia, não acredita em Deus	12
É agnóstica (Deus, religiões nada significam para ela)	13
Judaica	7
Islâmica	8
Outra religião (qual?):_____	9
Crença religiosa particular	10
Acredito em Deus mas não tenho religião	11
Sou ateu/atéia, não acredito em Deus	12

Sou agnóstico/a (Deus, religiões nada significam para mim)	13

15. Freqüento os rituais da minha religião atual:

Uma vez por semana ou mais	1
Ao menos uma vez por mês	2
Somente em ocasiões especiais	3
Nunca	4

16. Junto com minha religião, recorro a crenças, objetos ou rituais de outras religiões:

Com muita freqüência	1
Com alguma freqüência	2
Raramente	3
Nunca	4

17. As questões mais importantes para mim referem-se a (**marcar três**):

Política	1
Religião	2
Família	3
Trabalho	4
Amigos	5
Universidade	6
Problemas Sociais/Violência	7

18. Minhas atividades prediletas são (**marcar até três**):

Assistir TV	1
Ouvir música	2
Ficar	3
Namorar	4
Viajar	5
Ir ao cinema	6
Passear no shopping	7
Fazer compras	8
Estudar	9
Fazer exercícios/esportes	10
Ir ao teatro	11
Festas/baladas	12

Navegar na Internet 13

19. Acontecimentos marcantes em minha vida, até hoje (**marcar até três**):

- Viagem, mudança de cidade ou país 1
- Ingresso na faculdade 2
- Participação em eventos políticos, sociais 3
- Descoberta do amor, da amizade 4
- Proximidade da doença/morte de parentes ou amigos 5
- Começar a trabalhar 6
- Cura de doença (minha, de outros), sobreviver a algum perigo 7
- Nascimento de alguém próximo 8
- Início da vida sexual 9
- Ingresso em grupo social, artístico, esportivo 10

20. Acontecimentos marcantes em minha vivência espiritual, até hoje (**marcar até três**):

- Participação em rituais 1
- Fatos misteriosos, contato com a alma de alguém falecido 2
- Mudança de religião 3
- Contato pessoal com Deus, fé, epifania, revelação 4
- Ingresso num grupo de jovens 5
- Assumir a dúvida ou o ateísmo 6
- Práticas de solidariedade 7
- Morte ou doença 8
- Oração, encontros, peregrinação, meditação 9
- Cura, superação de dificuldades 10
- Orientação espiritual, leituras 11
- Descoberta do amor, da 12

amizade
- Contato com outras religiões 13
- Deixar de seguir qualquer religião 14

21. Admiro nas religiões (**marcar até três**):
- Sentido à vida, paz, conforto, elevação espiritual 1
- Melhoria ética das sociedades, exemplos, normas 2
- Fé 3
- Contato com um Ser superior 4
- Solidariedade e compaixão 5
- Comunidades 6
- Poder de atrair e influenciar 7
- Arte 8
- Rituais, escrituras, pregação, ensinamentos 9
- Curas (de qualquer tipo) 10

22. Critico nas religiões (**marcar até três**):
- Fanatismo, irracionalidade, lavagem cerebral 1
- Conformismo 2
- Concorrência por fiéis 3
- Fuga da realidade, alienação 4
- Proclamarem-se donas da verdade absoluta, dogmatismo 5
- Tirarem dinheiro dos fiéis 6
- Manipulação via emoção, medo 7
- Moralismo, imposição de normas 8
- Rigidez em matéria de sexo 9
- Uso político (em qualquer época) 10
- Individualismo, sem visão social 11
- Mau comportamento dos líderes 12

23. Participo de um grupo (**marcar apenas o principal**):
Grêmio estudantil 1

Associação de bairro ou comunitária	2
Religioso	3
Político	4
Cultural	5
Ong ou movimento social	6
Comunidade virtual na Internet	7
Não participo de nenhum grupo	8

Material já utilizado e testado pelo Prof. Dr. Jorge Cláudio Ribeiro no estudo de caso "Perfil da religiosidade do universitário", realizado na PUC-SP em 1996, e readaptado para uso em minha pesquisa

.

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo